

Portugal e as agressões a Angola e ao Líbano

Da conjura contra a República Popular de Angola temos uma noção clara. Não estamos a par dos meandros da conspiração em Lisboa, das andanças e ligações dos conspiradores, agentes internacionais e mercenários. Não temos razão para supor que o «Expresso» tenha sido intoxicado. Nem motivo para admitir que as fotografias que inseriu nos dessem imagens de vida mundana de que Lisboa era teatro por mero acaso. Nem sequer nos surpreende a «surpresa» do Governo que aceita, por devoção à Liberdade, que Angola e Moçambique sejam atacados, directa ou indirectamente, nos órgãos de Comunicação Social de que a Banca nacionalizada é financiadora e anunciante, nos meios de Comunicação Social que o Estado inteiramente controla. Nem ficamos, para matar a nossa sede de verdade, à espera das «fontes oficiais», dos «inquiridos oficiais». A vida encarrega-se de responder às nossas dúvidas e de confirmar as nossas inquietações.

A República Popular de Angola é objecto de uma agressão sul-africana. Para sermos mais exactos: a República da África do Sul, a pretexto de eliminar bases de guerrilheiros da SWAPO,

Continua na pág. 24

Para onde irá agora a OLP?



“A resposta tem de ser dada por todo o mundo”

Pág. 12

AR reabriu
para concluir
revisão
constitucional
Normas
transitórias
e texto global
votadas
até amanhã

Pág. 4

Novo partido
na forja
Aparecimento
é certo
— diz Vasco
da Gama
Fernandes
Pode motivar
integração
da UEDS
no PS
— admite António
Vitorino

Pág. 5

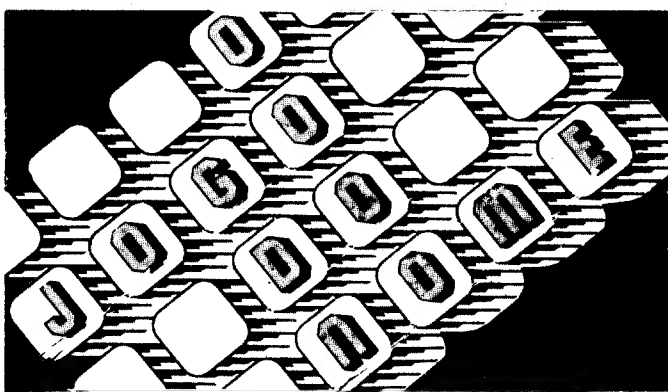
Hoje há
“Ler/Escrever”



Jovem de vinte anos ganha em Aljustrel

Pág. 17

NA PÁGINA 13: TRÊS NOVAS LETRAS



AVISO IMPORTANTE

É essencial indicar
no envelope
o número do jogo

Como os leitores sabem (e consta no n.º 4 do resumo do regulamento publicado nas páginas interiores) o sorteio dos envelopes contendo as greijas vencedoras de cada jogo é feito por extracção manual de uma tómbola onde são metidos todos os que chegarem até às 17 horas do dia do sorteio, e só nessa altura se verifica se estão em ordem. Portanto, é essencial que, no exterior do envelope, o leitor indique, com um número bem visível, a que jogo está a concorrer: se ao Jogo 1, se ao Jogo 2, se ao Jogo 3, etc. E não se esqueça: para o Jogo 2, agora em curso, só serve o cupão que tem o número 2 e só servem as letras que começaram a ser publicadas neste Jogo 2, isto é a partir de sábado, dia 7 de Agosto passado.

GANHE

fabulosos
prémios

Marcas que valem ouro!

GRUNDIG

FAGOR

PROGRESS

Candy



NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.
Representante Oficial

Segundo
prémio
uma
máquina
de lavar
louça
Fagor



Concurso «DL»/82

Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries). Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

**DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA**

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

**DL
ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17**

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

Estados Unidos da América: cidades de novo habitáveis

Nos Estados Unidos, crescimento e mudança ocorrem em ritmo prodigioso, que se acentuou no decorrer dos últimos decénios. Hoje, as grandes cidades americanas são palco de um verdadeiro renascimento.

N O momento histórico em que as cidades deveriam ter compreendido — em função do desenvolvimento da tecnologia — a modernização das suas fábricas, parques, ruas, transportes colectivos e outros serviços públicos, encontraram-se na obrigação de atribuir prioridades orçamentais às necessidades e problemas de uma multidão de novos habitantes chegados à cidade. Infelizmente, registou-se a tendência para confundir os problemas das pessoas com os problemas dos locais. É assim que a primeira reacção destas cidades, confrontadas com um êxodo rural maciço afectando populações pobres, consistiu em melhorar os imóveis, em vez de ajudar as pessoas. O que atraía a atenção, era o facto dos edifícios estarem prestes a ruir. Mas ninguém se preocupava com os moradores. O objectivo passou a ser a demolição das casas insalubres; mas, ao mesmo tempo, quase ninguém se preocupava com os serviços de colocação ou de assistência. Em certas cidades, foram arrasadas ruas inteiras de casas de habitação à escala humana, para as substituir por construções de dimensões geralmente bem mais importantes e imponentes.

No decorrer dos anos 60, registou-se uma reacção dos urbanistas contra estas prioridades em matéria de novos ordenamentos.

Para os que a criticam, a renovação urbana foi uma espécie de recompensa de elevados custos, entregue aos promotores do centro das cidades; as expulsões de pessoas sem posses — de resto, realojadas — previamente à implantação de novas lojas, novos parques de estacionamento e de edifícios de luxo, vieram afectar a vida de bairros inteiros e de famílias de rendimentos débeis, tendo, como consequência, um aumento das rendas das restantes habitações insalubres.

A realização do programa rodoviário perturbou ainda mais os bairros pobres, cujos habitantes, na sua submissão, foram, em muitos casos, escolhidos à sorte para terem logradouro sobre uma grande via de circulação.

Contudo, todos estes locais das cidades que outrora eram considerados desactualizados — integrados por casas com uma certa idade, cais e bairros ribeirinhos, fábricas de paredes em derrocada — evidenciam em potência coisas que só uma cidade pode oferecer: um ambiente residencial caracterizado por uma densidade relativamente elevada e adaptada aos peões.

Os anos 70 consagraram uma concepção ampla e global da qualidade ambiental. Além dos problemas de poluição do ar e da água, e da poluição sonora e dos detritos sólidos, a opinião pública americana manifestou interesse pelos elementos estéticos intangíveis da vida quotidiana. As artes e as actividades dos tempos livres tornaram-se os ingredientes necessários desta



Nova Iorque: uma rua à escala humana

entidade composta que se chama qualidade de vida. Descobriu-se de novo o ambiente em que vivemos e trabalhamos: o ambiente construído.

Perante a natureza estéril e o aspecto imutável das novas realizações, e na presença de um crescimento urbano circundante, cada vez mais tentacular, elevaram-se vozes para reclamar uma concepção arquitectural e urbanística inspiradas pela noção de uma escala «humana».

Os pontos de vista dos conservadores relativamente à configuração e ao desenvolvimento das cidades, assim como a necessidade de um renascimento orgânico das nossas cidades, são hoje amplamente admitidos, nomeadamente, pelos que compreenderam, finalmente, que o meio ambiente inclui o ambiente edificado; mas estes pontos de vista recolhem, igualmente, a adesão dos que são hostis a uma concepção do tipo «grandes projectos de urbanismo» e ao reordenamento das nossas cidades pela renovação urbana; a adesão, finalmente, dos que preconizam providências no domínio da qualidade do ambiente, pela soma de sucessivos elementos de pequena envergadura: «small is beautiful» é a palavra de ordem de muitas associações de cidadãos e de numerosos arquitectos.

Regista-se actualmente uma nova imigração em numerosas cidades. Decepcionadas, entre outras razões, pela insípida decoração e a ausência de diversidade que caracterizam a maioria das zonas periféricas urbanas, as pessoas estão a regressar ao centro da cidade porque querem agora habitar e trabalhar nos edifícios e nos bairros mais antigos e estimulantes.

Certos bairros apresentam um interesse particular. Esse interesse pode ser de ordem histórica ou cultural, ou estar ainda

associado à existência de uma perspectiva urbana ou simplesmente ao facto do bairro em questão abrigar um grupo social ou um sector da população particular. Talvez este bairro seja sede de uma actividade ou de um modo de vida que os habitantes têm o hábito de associar à sua cidade. Talvez seja representativo de um carácter ou de um estilo arquitectural, e de uma utilização de materiais específicos de uma cidade ou de uma região. Talvez, finalmente, integre uma comunidade que desenvolva todos os esforços para ter a garantia de continuar a residir na cidade.

Na América, estes diversos factores não em jogo «lobbies» diferentes, que frequentemente não vêm as coisas sob o mesmo ângulo. Uns e outros rivalizam para obterem o apoio municipal. Cada grupo de interesse tem a sua própria representação na câmara.

Mas estes grupos têm mais coisas em comum do que pensam.

Cada um deles se insere num contexto físico, ou seja, no bairro. Cada um deles é obrigado, para concretizar os seus objectivos, a garantir o concurso de uma ampla panóplia de instrumentos políticos, financeiros e sociais.

Observam-se igualmente novas atitudes no que concerne ao desenvolvimento comercial nas cidades. Assim, é de sublinhar a necessidade de adaptar zonas urbanizadas às necessidades dos peões, dominar e confinar o automóvel, e de construir edifícios de dimensões mais humanas.

Raros são hoje os sectores do centro das cidades que integrem à luz do dia locais onde sabe bem parar um pouco ou encontrar refúgio. As superfícies são duras e insensíveis. As árvores são cada vez mais raras ou raquíticas; e para protecção do sol

estival, não há outra solução que não passe pelo recurso à sombra anónima projectada por um edifício que se levanta a 100 metros de distância. As ruas são ruidosas, sombrias e poluídas pelos automóveis, camiões e autocarros.

Um novo alento

Sopra um novo espírito — um despertar da ética e do esforço individual e da responsabilidade pessoal relativamente à melhoria da qualidade de vida.

Este espírito e esta responsabilidade presidem a uma grande parte das actividades que se desenvolvem actualmente um pouco por todo o país: nos serviços de urbanismo, nos bairros e associações, no interior de grupos de apoio, no âmbito das pesquisas pessoais ou de campanhas públicas, participam neste movimento estudantes, especialistas e funcionários, assim como cidadãos comuns. A conjugação da iniciativa privada e da acção dos poderes públicos sempre foi e continuará a ser uma fórmula eficaz.

Deste modo, estamos a promover na América um renascimento da cidade; estamos a fazer de modo a que as nossas cidades se tornem de novo locais dignos onde há hipóteses a perseguir; locais onde os melhores produtos da arquitectura e do «design», da cultura e das artes, rivalizam em esforços para satisfazer o público; locais onde os residentes encontram empregos e habitações adequadas, assim como restaurantes, teatros, festivais e feiras.

Sim, as cidades americanas podem tornar-se de novo habitáveis! É para isso que tende o nosso renascimento.

Robert H. McNulty
Presidente de «Partners for livable places» de Washington

CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO ALENTEJO

A V I S O

A Câmara Municipal do Concelho de Viana do Alentejo deliberou, em sua reunião ordinária realizada em 3 de Agosto de 1982, mandar avisar todos os proprietários, usufrutuários ou detentores a qualquer título, de jazigos e sepulturas perpétuas no Cemitério de Viana do Alentejo e que se encontram em estado de completa degradação pelo abandono a que foram votados, a fazerem prova da posse daqueles jazigos e sepulturas, no prazo de sessenta dias contados a partir do próximo dia 10 de Agosto.

Findo este prazo, a Câmara entrará na posse definitiva daqueles cujos proprietários não satisficam o que lhes é solicitado e no prazo acima estabelecido.

Paços do Concelho de Viana do Alentejo, aos 10 de Agosto de 1982

O Presidente da Câmara

Manuel António Rosa Pão Mole

ZHA TUATTE / C M U N I C M E S C M F U M O



Todas as noites
de Quarta a Sábado
às 22 horas e
Sexta e Sábado às 24 h
Armando Gama (Piano Voz)
no **ROLLER BAR**
R. Ricardo Espírito Santo
6A — 1200 Lisboa
Tel. 60 27 18

**POUPE
COMBUSTÍVEL**
Não faça manobras
desnecessárias.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

política de A a Z

Balsemão: que retrato?



ESTA noite, se tudo correr como está anunciado, o dr. Francisco Pinto Balsemão será entrevistado na rubrica «Página Um» da RTP. Depois do dr. Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, do doutor Diogo Freitas do Amaral, presidente do CDS, do dr. Mário Soares, secretário-geral do PS, é a vez do dr. Francisco Pinto Balsemão, presidente do PSD. Está de parabéns a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa que tais cidadãos formou e que, conferindo os seus graus a políticos tão diferentes, bem demonstrou, à Cidade e ao Mundo, a perfeita isenção do seu ensino. Mas, por outro lado, a coincidência, inspira uma reflexão: o predomínio na actividade política de homens formados em Direito contribui, indubitavelmente, para uma prevalência do formal em relação ao essencial, do discurso político-jurídico relativamente aos projectos que visam objectivos claros e concretos, que se proponham soluções reais, e realistas, para os problemas do povo, para os problemas das «pedras vivas».

O dr. Francisco Balsemão será entrevistado na sua qualidade de presidente do PSD. Todavia, é inevitável, que seja julgado no acerto ou no desacerto das suas respostas, na simpatia ou na antipatia da sua conduta, como Primeiro-Ministro. É muito maior a curiosidade por algumas intenções e opiniões do Primeiro-Ministro, do que pelas ideias e propósitos, projectos pessoais ou sonhos presidenciais, do presidente do PSD. A «crise» do PSD é pública e notória. A falsa identidade, o «nome vão», do partido é conflagradora. A subordinação da «social democracia» do PSD ao «centrismo», à tecnocracia desenvolvimentista, ao «restauracionismo», converte o partido, não só em aliado objectivo da direita, como em parte integrante da direita.

Não se argumente com sentimentos, intenções, casos isolados; não nos recordem as declarações de Nascimento Rodrigues quando abandonou as responsabilidades governamentais (Ministério do Trabalho) ou as preocupações, em voz alta manifestadas, no jantar de homenagem que lhe foi oferecido na primeira quinzena de Setembro de 1981; não nos repliquem com um «cartão de identidade» ao qual não corresponde um projecto político autónomo, uma autónoma vontade política.

No jantar a Nascimento Rodrigues, segundo referiu na ocasião a ANOP, o dr. Francisco de Sousa Tavares teria afirmado que aderira ao PSD como «homem de esquerda», mas que «sairia do partido quando sentisse que o PSD já não fosse um partido de esquerda, acrescentando não estar optimista quando vê a produção do País entregue ao CDS» (conforme o relato de «Portugal Hoje» de 12/9/1981). Menos optimista deverá ter ficado quando ontem, com afirmativo gáudio, o ministro CDS, Basílio Horta, anunciou a participação da CAP na direcção da política agrícola portuguesa que é o que, na realidade, significa: colaborar nas negociações com a CEE.

Pela mão de Basílio Horta, a CAP é promovida de simples «parceiro social», a participante nos estudos, negociações e decisões, como «representante da lavoura organizada». A mesma CAP que considerava, pela voz de José Manuel Casqueiro, que Fran-

cisco Pinto Balsemão «não reúne as condições mínimas, no plano político, para liderar afirmativamente a Aliança Democrática» (Em «A Capital», 31/7/1981).

A hegemonização do Governo AD pela componente CDS, não oferece qualquer dúvida a quem acompanha a vida política portuguesa. Nem surpreende já que as palavras fiquem tão distantes dos actos, que os sentimentos proclamados, ou recordados se situem nos antipodas das condutas. O próprio Francisco Pinto Balsemão, que andou pela Europa a propagandear as virtudes sociais democratas do PSD, a carpir a injustiça do veto de Mário Soares à candidatura do PSD à Internacional Socialista, afirmava no telegrama enviado a Nascimento Rodrigues que era «cada vez mais necessário relançar o programa da social-democracia» (10 de Setembro de 1981). E do mesmo aviso era Meneres Pimentel que se pronunciou pela «necessidade de fazer o relançamento social democrata do PSD».

A palavra relançar diz tudo. Com a constituição da «Aliança Democrática» perdera-se a razão de ser de uma política reformista de inspiração social democrata. Mas, justamente, a remodelação ministerial reforçava a presença do CDS no Governo AD. Era, como notava Francisco de Sousa Tavares na produção do País entregue ao CDS, era a hegemonização da estrutura do-Poder pelo CDS, era Diogo Freitas do Amaral na vice-presidência do Governo AD.

O sindicalista José Veludo (do Secretariado da Tendência Sindical Reformista Social Democrata, — Tesiresd), dizia: «O PSD precisa de ocupar mais e melhor o espaço social democrata neste país.» (Relato de «Portugal Hoje», 12/9/1981). Mas nada foi feito nesse sentido. Francisco Pinto Balsemão, presidente do PSD, ele que considerava necessário «relançar o programa social democrata», aceitou a política «restauracionista» do CDS, entregou-se a direita, virou costas, como Primeiro-Ministro, a qualquer «programa social democrata». E deixou-se envolver nas querelas internas, manobrando no mar encapelado ou enfrentando-as em condições que nem consolidaram a sua autoridade pessoal, nem lhe conquistaram prestígio político. Preocupou-se mais com os epifenómenos da luta pela sucessão da liderança, do que com os problemas políticos nacionais. E, todavia, no desacerto em que vivemos, conseguiu que o Primeiro-Ministro ofuscassem completamente o presidente do PSD. E que a «Aliança Democrática» fizesse esquecer que, também para alguns quadros e militantes do PSD, se oferecia, neste país, um «espaço social democrata».

Se Francisco Sá Carneiro na obsessão da conquista o mando, mal aconselhado pela ambição que o dominava, sacrificou a conotação de «centro-esquerda» do PSD a uma «bipolarização» que, necessariamente, conduziria a um posicionamento à direita no quadrante político; Francisco Balsemão, com menos força pessoal, deixou que se consumasse esse posicionamento como «política de governo» e subordinou-se politicamente ao CDS, a Freitas do Amaral. O que para Sá Carneiro era uma via de conquista do Poder; é para Francisco Balsemão, uma metodologia para conservar o Poder. No Governo. No partido.

Perante os seus entrevistadores qual vai se a atitude que Francisco Pinto Balsemão vai assumir? Que «retrato», do homem e do político, pretenderá oferecer-nos e oferecer-se?

Não tem Francisco Pinto Balsemão a preparação, a experiência, a coragem de Álvaro Cunhal; nem a sólida formação de Diogo Freitas do Amaral; nem a agilidade e o longo trajecto político de Mário Soares. Como se irá defender não dos entrevistadores, mas dos telespectadores que o esperam e espiam?

Não será de estranhar que o presidente do PSD se esconda, esta noite, atrás do Primeiro-Ministro.

ponto a ponto

● O Presidente da República, desloca-se sábado ao Algarve para visitar a Fatacil/82, Feira de Artesanato, Turismo, Agricultura, Comércio e Indústria de Lagoa — revelou a comissão organizadora.

O certame, inaugurado no dia 7, conta com mais de cem exposidores de artesanato e cerca de 50 pavilhões referentes a equipamento, para a indústria de construção civil, agricultura, produtos agrícolas, antiguidades e promoção turística da região.



● O conselho do Governo Regional dos Açores decidiu solicitar ao Ministério da Justiça a criação na ilha de São Miguel de um estabelecimento tutelar para menores.

O conselho aprovou um esquema de apoio e manutenção de um stock de produtos alimentares de primeira necessidade em várias ilhas dos Açores, refere ainda o comunicado final da reunião, emitido em Ponta Delgada.

Foram também tomadas resoluções para o apoio de vários projectos de reconstrução nas zonas atingidas pelo sismo de 1 de Janeiro de 1980.



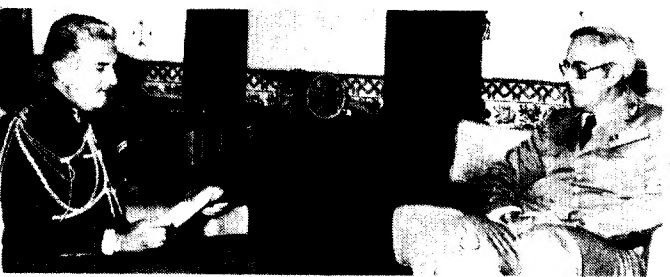
● O ministro da Economia e Finanças da Guiné-Bissau, Vítor Freire Monteiro, declarou ontem à chegada a Lisboa que as relações entre o seu país e Portugal «são excelentes, em benefício de ambas as partes».

...sas ligadas à cooperação bilateral.

Uma visita de cumprimentos ao Primeiro-Ministro Pinto Balsemão e reuniões com os ministros das Finanças e do Plano, João Salgueiro, do Comércio e Pescas, Basílio Horta, e das Obras Públicas e Transportes, Viana Baptista, bem como com o secretário de Estado da Cooperação, Luís Fontoura, estão na agenda daquele membro do governo de Bissau.

O ministro disse que durante a sua estada de uma semana na capital portuguesa, terá reuniões de trabalho com membros do Governo, administrações de alguns bancos e de outras empre-

● O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu a comissão organizadora das festividades que marcarão o 450.º aniversário da primeira viagem de Jacques Cartier. Esta comissão «Quebec 1534», era conduzida por Jean Paul Masse e André Michaud e deslocou-se ao gabinete do CEMA a fim de convidar a «Sagres» a participar nos referidos festejos.



● O adido militar e aeronáutico do México em Portugal, general Agostin Vallejo Alvarez, deslocou-se ao Estado-Maior do Exército, em visita de cumprimentos do general Garcia dos Santos.

● A Juventude Socialista protestou junto do embaixador de Israel em Lisboa contra a atitude do governo de Telavive quanto aos palestinianos e à soberania do Líbano.

«A JS entende que a resolução do conflito passa pelo reconhecimento dos legítimos direitos do povo palestiniano, pela segurança das fronteiras de todos os estados daquela área reconhecidos internacionalmente» — refere uma carta entregue na Embaixada de Israel.

A posição do sector juvenil do Partido Socialista ocorre depois de a JS ter participado numa missão de paz ao Médio Oriente.

Esta missão integrou organizações de juventude de partidos pertencentes à Internacional Socialista e movimentos como a Fundação Bertrand Russel.



A CRÓNICA AGRÍCOLA

A criação do espaço falperro

Alexandre Ramos

O Governo AD, por força de uma dinâmica muito própria, está transformando o País numa Falperra.

O monte da Falperra desenvolve-se a sudoeste de Braga, e, por ele, se passa obrigatoriamente, quando se pretende ir ao Bom Jesus pelos lados de Senhora do Sameiro. Era por aí, nos montes da Falperra, que bandos de salteadores e malandrins, que ficaram com espingardas perdidas e desviadas das lutas liberais, desde o Cérco do Porto — à Maria da Fonte, operavam, a coberto da noite, ou, mesmo à luz do dia, contra peregrinos, ou passantes, ou contra os que, por falta de cama, teriam de fazer amor ao luar, sobre as maternais enxergas de tejoiros molaes.

Por aí andou, entre outros, o Zé do Telhado pilhando o que podia. A Falperra, o termo falperro, tornou-se, assim, num símbolo de tojismo, de anarquia, de terra sem Governo, onde todo aquele que aí se atrevia haveria de pagar os tributos, aos aventureiros, que, em cada hora, agachados atrás de moiteiras de tojos, de urzes e giestas esperavam calma e paciente-mente as vítimas, a quem haviam de extorquir os dinheiros, os bens, ou as almas.

A AD, por força da sua política

de comércio liberalizante, de acabar com os subsídios a produtos e factores de produção, por força da sua política de levantar a mão, deixando descontrolados os preços, transformou o País numa selva, num bosque, onde atrás do balcão de cada loja, de cada talho, de cada mercearia, de cada banca de pomar, de cada mesa de restaurante, está um sujeito de espingarda aperrada e dedo no gatilho pronto a disparar, sobre o ingénuo ou o necessitado que compre qualquer coisa.

A dependência acentuada dos portugueses da importação de bens alimentares básicos, e a natureza da sua produção agrícola, fortemente variável de ano para ano conforme as condições climáticas e assente num espaço agrícola primitivo, sem a necessária engenharia de base, exigem para defesa do produtor e do consumidor a existência de mecanismos/organismos interventores no mercado, sem o que este se transforma num espaço «falperro», onde os salteadores das arcas perdidas, quebradas que foram as dobradiças e fechaduras, metem as mãos no monte das moedas e transferem-nas, sem chicote, nem castigo, para os longos alforjes dependurados dos costados das bestas. Num espaço «Falperro», come-se com as mãos e bebe-se de chafurdos.

A filosofia de actuação eco-

nómica entre nós, tem fundamentalmente, por um lado, de defender a economia nacional e a economia individual ao nível da produção e do consumo, dos excessos de produção que, depredando o mercado, provocam a exaustão do produtor e, por outro lado deve defender o consumidor nos anos de carência produtiva, em que num mercado rarefeito aquele fica perante subidas de preços que desarticulam a gestão dos seus rendimentos.

Os exemplos são gritantes. De uma situação de carência de batatas, ainda há meses, os preços subiram em flecha e o produto saltou os muros do mercado normal para o mercado negro. Agora, as batatas desaguam por todos os caminhos por preço de desbarato.

Abriu-se a importação, foi-se para além do razoável, esbanjaram-se divisas. O pântano batateiro, é uma espécie de chaga que trazemos às costas.

Há poucas semanas a alta dos preços das frutas deixaram os olhos belos das crianças e das donas de casa de lágrima caída... Em duas semanas o preço dos pêssegos, uvas, ameixas, pêras, melões, caíram, em queda livre, e montões de preciosos frutos foram-se e vão-se para os entulhos.

O vinho cai de preço dia-a-dia, à medida que se aproxima a nova colheita, e, todavia, entre nós, em cada cinco anos a

produção/consumo por pouco se equilibrou. Deus, deixada, como está ao Mas dará, num ano se enchem as pipas e se escorre para as valetas e no outro, se paga a peso de ouro, ou se importa.

A liberdade que os portugueses exigiam no tempo do senhor Salazar, a liberdade que exigiam de cultura, da extinção da PIDE e das cadeias, não pode ser confundida com as liberdades do comércio. Entre nós, esta liberdade é exigida por aqueles que no tempo do senhor Salazar eram capazes de negar, ou pouco lhes importava a ausência das liberdades civicas. A liberdade da economia torna os portugueses mais presos.

A liberdade dos portugueses, a democracia que querem e que desejam, não é o mesmo que libertinagem económica. Quem será o senhor que se segue?

Noticiou a Imprensa que o senhor Basílio Horta está demissionário.

Agora, que a gente todos esperávamos a grande mudança da agricultura, quem muda é o ministro.

Quem será o senhor que segue para continuar a grande obra deste MAP?

Enquanto houver um fruto em Portugal a revolução AD continua.

Há quem queira fazer da terra agrícola uma terra queimada.



Conselho da Revolução sugere a Eanes uma posição pública sobre a ANOP

"DL" adia adesão à nova agência

O Conselho da Revolução sugeriu ontem ao Presidente da República que tomasse uma posição pública sobre o caso da ANOP, o mais breve possível. A situação da agência noticiosa portuguesa foi abordada em profundidade na reunião de ontem daquele órgão de soberania tendo os conselheiros manifestado, em princípio, «preocupação e discordância» com a medida decidida pelo Governo embora só após a publicação da resolução do Conselho de Ministros, que aponta para a extinção da agência, possam abordar o problema da sua inconstitucionalidade ou não.

A discordância do CR — adiantou uma fonte próxima do Conselho — refere-se a aspectos empresariais, metodológicos e político, de acordo com os dados conhecidos e com os «elementos contraditórios» defendidos pelo ministro de Estado Marcelo Rebelo de Sousa (considerando erro a extinção) e do secretário de Estado José Alfaia (propondo-a).

O CR considerou que a forma de resolução, adoptada pelo Governo, «dá a impressão de uma fuga ao controle dos outros órgãos de soberania, isto é, uma fuga às regras democráticas».

Além do mais, «pelo caminho que se está a tomar» — acrescentou o mesmo informador — poder-se-á chegar à «situação ridícula de a ANOP existir legalmente e não existir de facto».

O CR estranhou, ainda, que o Executivo adiante o argumento, para fundar a extinção da ANOP, de «largá-la para não a controlar», quando o programa do actual Governo aponta especificamente para a reestruturação da agência.

«É politicamente estranho dizer-se que não se quer controlar os órgãos de Comunicação Social, momento a agência de notícias, e se vá criar uma cooperativa que vai ser controlada indi-

rectamente pelo Estado, através do seu financiamento» — disse a mesma fonte.

«Diário de Lisboa»

O administrador da Renascença Gráfica, e director do «D.L.» dr. Ruella Ramos, afirmou ontem, em declarações à RDP, no jornal das 23 e 30, que a empresa adia a sua adesão ao processo de constituição da nova agência noticiosa até que este se clarifique. Esta decisão vem na sequência das reservas já colocadas por Ruella Ramos no acto de assinatura do protocolo de intenções referente à Porpress, embora a administração da Renascença Gráfica continue a considerar que uma agência de tipo cooperativo seja a modalidade preferível.

Por seu lado, Macedo e Cunha, coordenador do grupo de trabalho para a constituição da Porpress e presidente do Conselho de Gerência da EPNC diria, também ontem, numa entrevista à RDP, que o «Diário de Lisboa» considera que «não está em condições» de assinar a escritura da nova agência que se chamará Notícias de Portugal e não Porpress. Macedo e Cunha informaria ainda que a nova agência poderá entrar em labo-

ração entre 15 de Setembro e 1 de Outubro.

Ao que parece estariam também já constituídos os corpos gerentes da Notícias de Portugal cabendo à EPNC a presidência da Assembleia Geral, à RDP a presidência da direcção e ao «Comércio do Porto» a do Conselho Fiscal.

Entretanto, Pinto Balsemão declarou ontem ter já assinado a resolução do Conselho de Ministros de 29 de Julho, que aponta para a extinção da ANOP. A resolução será publicada dentro de três a quatro dias, após o que o novo Conselho de Gerência tomará posse. O Primeiro-Ministro diria ainda que o Governo continua a estudar o pedido de negociações, feito pelos trabalhadores da ANOP, para se constituírem em cooperativa.

Repúdio dos «furas» na RTP

O Conselho de Redacção e delegados sindicais da Informação-2 da RTP divulgaram ontem um comunicado repudiando o «Jornal» emitido terça-feira durante a greve de solidariedade com os trabalhadores da ANOP, dado toda a redacção ter paralisado.

O comunicado afirma que apenas o subdirector de informação, Joaquim Amaral Marques, assegurou a emissão com a qual os jornalistas daquele departamento «nada têm que ver» visto que foi para o ar, «sem um único trabalho feito pela redacção».

O documento acrescenta que este foi preenchido «unicamente com peças emitidas simulta-

neamente no Telejornal do primeiro canal, material fornecido pela Eurovisão e reportagens do Centro de Produção do Porto já compostas anteriormente».

O comunicado denuncia ainda a «manipulação com que nesse noticiário foi referida a adesão à greve».

A greve geral de dia 10 contou também com uma elevada adesão nas redacções da RDP de Coimbra e Faro com 75 e 100 por cento de paralisações, respectivamente, percentagem que, segundo nos afirmaram jornalistas daquelas delegações, nunca até aqui se tinham verificado.

Solidariedade de Jornalistas franceses

A União Nacional dos Sindicatos de Jornalistas Franceses (SNJ, CFDT, CGT e FO) afirmou ontem ao Sindicato dos Jornalistas de Portugal a «sua solidariedade para a salvaguarda da agência de imprensa ANOP ameaçada de encerramento pelo Governo, e a garantia do emprego dos jornalistas».

Num comunicado, a UNSJ pediu ao Presidente da República e ao Presidente do Conselho português «que tomem todas as medidas permitindo o prosseguimento das actividades da ANOP e a das empresas públicas de Comunicação Social do seu país».

PS preocupado

Influências partidárias na nomeação dos gestores da Banca

A Comissão Permanente do Partido Socialista protestou pela forma como se prepara a substituição dos gestores da banca nacionalizada e pediu ao Governo para divulgar publicamente os critérios que nortearam as novas escolhas.

Segundo a direcção socialista, «para além de vários dos seus filiados (do PS), outros competentes e idóneos profissionais estão na iminência de ser afastados das suas funções e substituídos por elementos designados na base de meras influências partidárias».

O processo de substituição dos gestores da banca nacionalizada, que tem «preocupado» os socialistas, demonstra «um condenável propósito de hegemonização partidária, em absoluta contradição com critérios de isenção, idoneidade e qualificação profissional».

A Comissão Permanente do PS recorda que o Governo não poderia adiar até Agosto as decisões que teriam de ser tomadas até 30 de Abril e afirma que «tal situação desencadeou a criação de uma atmosfera de especulação, instabilidade e intranquilidade».

MDP anuncia abstenção

AR reabriu hoje para concluir revisão

A Assembleia da República reabriu esta manhã para iniciar a votação na especialidade das disposições finais e transitórias do novo texto da Constituição. A sessão começou pouco depois das 12 horas, depois do início dos trabalhos, anteriormente previsto para as 11 horas, ter sido adiado a solicitação do PCP. Ao fecho desta edição os parlamentares discutiam as normas transitórias, havendo propostas de alteração ao artigo 244º apresentadas pela UEDS, ASDI e PCP. Estas alterações tinham em vista adiar o momento de extinção do Conselho da Revolução tomando como ponto de partida o facto de ainda não estarem em funcionamento os novos órgãos que o substituem.

As normas transitórias destinam-se a estatuir o regime de funcionamento dos órgãos do Estado enquanto não foram completamente institucionalizadas e organizadas as instituições criadas com a revisão.

O mais importante é de longe o Tribunal Constitucional. Como a Constituição só entra em vigor trinta dias depois de promulgada, nesse prazo o Parlamento deverá elaborar as leis de organização e funcionamento daquele órgão, que depois serão enviadas ao Presidente para exame e promulgação. Se no prazo de 15 dias, Eanes os vetar, serão reapreciados no Parlamento no prazo de cinco dias e, se aprovados por maioria de dois terços, a promulgação terá de ser obrigatoriamente feita no prazo de cinco dias. Nos cinco dias após a publicação dessa lei terá a Assembleia de eleger os dez juizes que lhe cabe escolher, os quais nos dez dias seguintes terão de cooptar outros três juizes. Este órgão entrará em funcionamento dias depois.

Até lá as suas funções serão exercidas pelo PR, assistido pela comissão constitucional. Quanto às leis de organização da Defesa Nacional e às bases gerais de funcionamento das Forças Armadas, os prazos serão os mesmos que estão previstos para o Tribunal Constitucional.

Quanto ao Conselho de Estado, o Presidente da República e a Assembleia, até à entrada em vigor da lei de revisão, terão de nomear cada um cinco personalidades para aquele órgão.

Os Arquivos da PIDE serão colocados debaixo da autoridade da Assembleia da República no dia da entrada em vigor da lei de revisão, e o seu destino será determinado por maioria de dois terços.

O Conselho de Comunicação Social (que vai substituir os Conselhos de Informação), verá a sua legislação aprovada no prazo de três meses, sendo os seus membros eleitos nos dez dias seguintes. Os Conselhos de Informação mantêm-se em vigor até lá.

O regime de preparação e aprovação do Orçamento Geral do Estado, em que o Parlamento terá maior influência do que até aqui, só

será aplicado a partir do próximo ano.

Até cinco meses após a entrada em vigor da lei de revisão, a AR deverá alterar a legislação respeitante ao Conselho Superior da Magistratura, elegendo nos trinta dias seguintes os seus representantes neste órgão.

A Comissão Constitucional mantém-se em funcionamento enquanto não estiver constituído o Tribunal Constitucional e a competência legislativa do Conselho da Revolução em matéria militar passa para o Parlamento, logo que a revisão seja promulgada. As restantes competências militares do CR não poderão ser exercidas por ninguém enquanto não estiverem aprovadas as leis de Defesa Nacional e das Forças Armadas.

MDP abstém-se

O MDP/CDE afirmou que as «disposições finais e transitórias» do novo texto da Constituição constituem uma violação do segundo pacto MFA/partidos celebrado em 1976.

«O Secretariado Nacional do MDP/CDE recomendou ao Grupo Parlamentar que votasse contra tais propostas na defesa da única atitude que honra tal pacto» — explica um comunicado divulgado por aquele partido.

O MDP considera que essa única atitude preconiza que «a extinção do Conselho da Revolução se verifique apenas quando entrarem em funcionamento os novos órgãos que o devem substituir, à semelhança, aliás, do que a Assembleia da República aprovou para outros órgãos».

«Embora considere que globalmente as alterações à constituição aprovada pela assembleia não servem os interesses da democracia portuguesa, o MDP reconhece a existência de um extenso somatório de alterações em si enriquecedoras do conteúdo da Constituição da República» — acrescenta o comunicado.

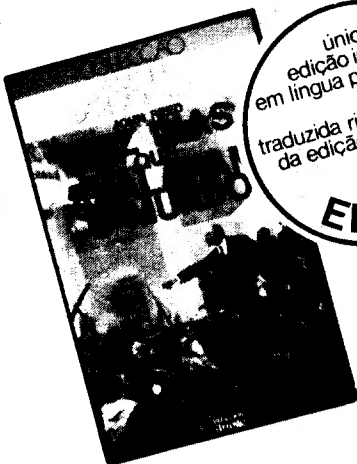
Por considerar desnecessária a votação global da lei de revisão, o Secretariado do MDP recomendou ao Grupo Parlamentar que se abstinhasse. Aquela votação é considerada pelo MDP como «politicamente irrelevante». Trata-se, segundo o comunicado que temos vindo a citar, de «saldar um pacto feito fora da AR».

COLECCÃO
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

JOHN REED

DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

Um clássico que é a mais completa e fiel reportagem sobre a Revolução de Outubro



única edição integral em língua portuguesa traduzida rigorosamente da edição americana

5ª EDIÇÃO

"O livro de Reed oferece um quadro integral da revolta das massas como ela realmente aconteceu."

Krúpskaia

"Eis um livro que gostaria de ver publicado em milhões de exemplares e traduzido em todos os países."

Lénine

edições
Avante!





Vasco da Gama Fernandes e António Vitorino

Opinião de António Vitorino

Novo partido pode apressar integração da UEDS no PS

A UEDS não exclui a hipótese de vir a integrar-se no Partido Socialista, segundo declarações de um dos seus dirigentes e deputado por aquele partido, António Vitorino. Numa entrevista ao semanário «Tempo» aquele dirigente realça que «sempre dissemos (a UEDS) que, a médio prazo, éramos favoráveis a uma perspectiva de reunificação orgânica das diversas componentes do Socialismo Democrático. Portanto — acrescenta — não há objecções de princípio para se encarar de frente esse processo».

De acordo com António Vitorino esta eventual integração tanto se poderá processar em Maio de 1983, aquando da realização do Congresso do PS, como poderá ocorrer antes se, por acaso, for pressionada por eleições gerais antecipadas ou mesmo pelo aparecimento de um novo partido situado na área dos apoiantes do general Ramalho Eanes.

Vitorino admite, no entanto, que as posições do PS e do seu partido não são coincidentes em alguns aspectos e, sobre estas divergências, cita como exemplo o facto da «UEDS defender uma política de não alinhamento em relação aos dois blocos» e de «preconizar uma inserção de Portugal no mundo que pode considerar-se como não totalmente coincidente com a do PS».

Relativamente ao «partido

presidencial», de que se vem falando, acrescenta que a UEDS tem uma posição comum à do PS, mas que isso não significa que «PS/UEDS tenha um pacto de sangue de luta até à morte contra esse projecto (o do partido presidencial)».

Outro aspecto importante nas declarações de António Vitorino diz respeito à posição por si assumida — a título pessoal segundo faz questão em sublinhar — quanto às eleições presidenciais de 1985. Segundo ele, a Esquerda Democrática deveria começar desde já a preparar a sua candidatura presidencial e o candidato deveria ser o dr. Mário Soares.

V. G. Fernandes não tem dúvida

Também em torno da formação de um novo partido, Vasco

da Gama Fernandes afirma hoje em entrevista ao semanário «O Ponto» não ter dúvidas quanto ao seu aparecimento: «o partido surgirá», diz o antigo presidente da Assembleia da República e ex-dirigente do PS.

Para V.G. Fernandes a maior dificuldade reside no nome a encontrar: «Socialista ou social-democrata não pode ser. Reformista dá ideia de caquexia ou de velhotes e era preciso qualquer coisa mais máscula», afirma revelando ainda que há já «dez mil pessoas prontas a assinar o pedido de formação e que vários amigos tanto de Lisboa como na província ofereceram já locais para futuras sedes».

Esta personalidade faz ainda questão em realçar que os elementos envolvidos na constituição de uma nova formação partidária têm encontrado «boas res-

postas junto dos jovens» e que «em termos financeiros, contrariamente à estrutura centralista que predomina nos actuais partidos, aquele que está para surgir deverá ser autonomamente financeiro a nível de cada distrito ou região».

Conselho da Revolução fez promoções no Exército e na Força Aérea

O Conselho da Revolução promoveu a generais, na sua reunião de ontem, três brigades da Força Aérea.

Trata-se de Rui do Carmo Conceição Escadinha, 50 anos, engenheiro, natural de Macau e director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico; Hélder de Andrade Pinheiro de Freitas, 45 anos, de Torres Vedras e director dos Serviços de Pessoal da Força Aérea e o piloto-aviador José Baptista Pereira, 46 anos, de Lisboa, comandante da Academia da Força

Aérea desde Outubro de 1980.

Ainda no capítulo das promoções, o CR tornou brigades dois coronéis da Força Aérea e cinco do Exército.

Os novos brigades da Força Aérea são os pilotos-aviadores José Ferreira Infante e Evandro Botelho do Amaral. Os do Exército são António Domingos da Silva, Abel Cabral Couto e Armando Abel Saladessa (todos de Artilharia) e Mário Lemos Pires e Adérito Augusto Figueira (Infantaria).

No Conselho, cuja agenda de ontem incluía o debate de um diploma relativo às actividades políticas de militares, foi abordada ainda, informalmente, a questão da conspiração antiangolana, fomentada em Lisboa, e o problema da ANOP (que referimos noutro ponto desta edição).

O problema Angola não teve grande desenvolvimento na reunião, dada a falta de informações dos conselheiros e o aparente alheamento de Eanes que pediu já explicações a Balsemão sobre o assunto.

Golpe de Estado contra Angola

Embaixador de Pretória desmente participação

O embaixador sul-africano em Lisboa, Wouter Malan, declarou hoje a um matutino da capital não ter conhecimento de qualquer plano para um golpe de Estado em Angola com a participação de Pretória.

Interrogado pelo «Correio da Manhã» acerca das notícias dadas no sábado passado por dois jornalistas do semanário «Expresso», e que implicavam a África do Sul numa conjura contra Angola, o embaixador admi-

tiu, no entanto que o «descontentamento» existente em território angolano possa levar diversas facções a planearem «um golpe de força».

O Governo português está a investigar os factos alegados pelo «Expresso», depois de haver esclarecido que não tinha qualquer informação dos mesmos.

A redacção do semanário manifestou já estranheza pela posição do Governo quando

falou em «desinformação» a propósito do trabalho publicado, e disse que tencionava responder no próximo sábado, «com abundância de pormenores».

A eventualidade de se terem reunido em Lisboa algumas das pessoas que conspiram contra a República Popular de Angola foi esta semana objecto de uma reunião entre o Presidente da República, Ramalho Eanes, e o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão.

Autárquicas em marcha

Gabinete eleitoral da AD já funciona em sede própria

A Comissão Política do PSD fez ontem à noite o ponto da situação em matéria de preparação das eleições autárquicas de Dezembro. De acordo com revelações feitas pelo secretário-geral daquele partido, António Capucho, estão a «correr relativamente bem» as negociações a nível local, e no âmbito da AD, pelo que o número de coligações obtido em 1979 poderá ser este ano ultrapassado.

Para António Capucho o mau relacionamento entre autarcas da AD que ocorreu ao longo dos últimos anos em diversas câmaras não obstará a um provável aumento já que, segundo ele, noutros pontos do País surgiram novas possibilidades de entendimento o que poderá levar à conquista de mais câmaras.

Neste momento a coordenadora da AD para as eleições já se encontra transformada em Gabinete Nacional de Eleições, com sede própria.

Segundo revelou o secretário-geral do PSD, as «candidaturas (da AD) serão tendencialmente personalizadas» visando rentabilizar em termos eleitorais a popularidade de alguns presidentes de câmaras. Esta estratégia parte do princípio de que grande parte dos anteriores cabeças de lista se recandidata a presidente do município.

Para António Capucho não há razões para que Krus Abecasis

se não recandidate à presidência do município da capital, restando para tal obter a concordância da distrital de Lisboa do PSD na qual decorrem negociações nesse sentido. Capucho não referiu, no entanto, os problemas que têm surgido com o PPM o qual tornou público que só apoiará Abecasis se previamente for estabelecido um programa mínimo de actuação, designadamente no que respeita à política de urbanismo do município.

Gaia: PS acusa PCP

O PS acusou o PCP de procurar «impedir o normal funcionamento dos órgãos autárquicos democraticamente eleitos com insultos, ameaças e violências dentro e fora da Câmara de Vila Nova de Gaia».

Num comunicado o PS refere-se a «acções de agitação e propaganda promovidas pelo PCP» que, no entender dos socialistas, visam «o descrédito dos órgãos autárquicos e dos autarcas do PS».

Salienta «os descalços provocados na Assembleia Municipal de Gaia em que foram violentamente agredidos dois deputados municipais do PS — Beatriz Oliveira Carvalho e José Quintino da Costa Coutinho» — que levaram os vereadores socialistas a protestarem e a ausentarem-se da reunião.

APU ganha mandato à AD

A APU aumentou a votação nas eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Astromil passando de 54 para 79 votos o que lhe permitiu conquistar um lugar à AD. Esta, por seu turno, baixou 93 votos, perdendo o mandato para a esquerda. Num comunicado agora tornado público a Coordenadora da APU de Paredes considera que estas intercalares se traduziram numa grande derrota para a AD.

PORTALEGRE EUROPA

A partir do dia 11 de Agosto, os assinantes do Grupo de Redes de Portalegre passam a ter acesso directo aos países da Europa com ligações internacionais automáticas.

Para obter a ligação basta marcar o Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo de Zona ou Localidade e, finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Portalegre-Europa».

TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Trabalhadores do Hotel Baía concentram-se hoje em S. Bento

Os trabalhadores do Hotel Baía vão concentrar-se hoje, às 16 horas, frente à Assembleia da República a fim de exigirem o cumprimento da Lei da Autogestão, a entrada de todos os trabalhadores ao serviço e a expulsão dos «gorilas» daquela unidade hoteleira.

Paralelamente, uma delegação de trabalhadores tentará ser recebida pelos grupos parlamentares durante a tarde. Segundo uma informação da Federação dos Sindicatos de Hotelaria e Turismo, representantes do PS, PCP, UEDS, ASDI e UDP já confirmaram ontem que receberiam os trabalhadores do Hotel Baía.

Entretanto continuam a manifestar-se, através de telegramas e comunicados, formas de solidariedade para com o pessoal do Hotel Baía e de repúdio pelo «assalto» de que foram alvo aquando da acção perpetrada por um grupo de algumas dezenas de «gorilas», na madrugada do passado dia 4.

Desta forma, o Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas (SEAG) não hesita em responsabilizar o Governo, através da Secretaria de Estado do Turismo por este acto que qualifica de **autêntico gangues-terismo político**. Sobre a actualização dos sucessivos Executivos

AD relativamente ao sector autogestionário, aquele organismo afirma que ela se caracteriza **pelo arbitrio e prepotência sistémica contra os trabalhadores das EAG, cujo único crime foi o de, ao longo de vários anos, terem sabido salvar os seus postos de trabalho e defendido a economia nacional através do trabalho, sacrifício, firmeza e capacidade de gestão, encontrando assim formas criadoras e ricas de dar resposta ao abandono das empresas descapitalizadas e tecnicamente falidas por parte do patronato sabotador após o 25 de Abril.**

Também o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Hotelaria do Centro condena a «acção terrorista» e responsabiliza o Governo AD por mais este acto de violência. «Com o assalto ilegal e criminoso — prossegue o comunicado — do bando de parasitas, os trabalhadores tornaram a sentir a repressão que viveram durante 48 anos de fascismo, à imagem do que já foi feito por este Governo, aquando do 1.º de Maio no Porto». Desta forma, aquele organismo sindical exige a rápida incriminação e prisão dos autores dos crimes cometidos, bem como a reposição da legalidade.

Foi assinado o novo AE da Gelmar

Os representantes dos trabalhadores da Gelmar e a administração da empresa assinaram um acordo de trabalho que consagra novos aumentos salariais e outras cláusulas de expressão pecuniária, com retroactivos a 1 de Maio.

A nova tabela inclui aumentos que vão dos 3000 escudos para o nível mais baixo, aos 7000 escudos para o nível superior. Foram também aumentados os subsídios de refeição pequeno-almoço e ajudas de custo.

No entanto, não foram abrangidas algumas reivindicações dos trabalhadores que incluíam matérias como o abono para falhas, diuturnidades e subsídios de frio e penosidade.

De qualquer forma, o acordo de empresa (AE) agora estabelecido, e que apenas aguarda a assinatura do Ministério da tutela e a respectiva publicação, é considerado como um avanço relativamente às posições inicialmente defendidas pela administração.

Segundo a CGTP

Revisão constitucional dá novos poderes aos inimigos dos trabalhadores

A CGTP-Intersindical considerou hoje que a revisão constitucional, a ser promulgada, «colocará nas mãos dos inimigos dos trabalhadores novos poderes para atacarem o regime democrático e intensificarem a sua acção contra as conquistas de Abril».

A CGTP interroga em comunicado ontem emitido: «Porque seguir um caminho que vai enfraquecer os meios de defesa do regime democrático perante a ofensiva das forças de direita?» Aquela central sindical inquiriu ainda no seu comunicado: «Porque introduzir na vida nacional novos factores de agravamento dos conflitos sociais e de desestabilização política, quando se torna urgente criar condições de estabilidade que permitam combater a crise?»

A CGTP considera que é necessário «impedir a revisão da Constituição a favor da AD, demitir o Governo, dissolver a Assembleia da República e realizar novas eleições».

Clinica das Amoreiras

Os 60 trabalhadores da Clínica das Amoreiras decidiram ontem, em plenário, opor-se e resistir ao encerramento daquela unidade

hospitalar — informou um comunicado da Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria e Turismo.

A decisão de encerramento parte do director-administrador daquela clínica, Álvaro Alemão, que os trabalhadores responsabilizaram pelo degradante funcionamento da mesma, denunciando no documento a «gestão ruinosa e fraudulenta daquele clínico».

O pedido de inquérito formulado pelos Serviços Médico-Sociais, por irregularidades detectadas no funcionamento da clínica, com quem suspenderam contratos, está na base da decisão do director-administrador, afirma o comunicado da Federação.

Os trabalhadores da clínica exigiram a intervenção das autoridades competentes, e decidiram não abandonar os postos de trabalho.

Ferrovários de estação

O Sindicato Nacional dos Ferrovários de Estação (SINAFE) anunciou que convocará uma greve, caso o conselho de gerência da CP não atenda as suas reivindicações até ao dia 17 de Agosto.

O SINAFE acusa o conselho de gerência da CP de não cumprir integralmente com o acordado na última revisão do acordo de empresa, não pagando por inteiro o prémio de produtividade a alguns trabalhadores, tal como o prémio de falhas, que deveria ter começado a ser pago a partir de Junho.

Os responsáveis pela CP são ainda acusados de não terem promovido a entrega de fardamentos novos ao pessoal braçal e de se recusarem a estudar um regulamento de carreiras, «digno para todos os ferroviários de estação».

Encontro de amizade

Um encontro de amizade entre os trabalhadores do comércio do Porto e da Galiza decorrerá em 22 de Agosto no parque Quinones de Leon, Castrelos, Espanha — anunciou ontem a comissão promotora.

O convívio, que é organizado pela Federação do Comércio da Galiza e Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Porto, incluí provas desportivas, um piquenique, um programa infantil e um festival musical, em que participarão grupos portugueses e espanhóis.

Um porta-voz da organização disse que o convívio luso-galaico visa «solidificar as ligações existentes entre os trabalhadores do comércio».

Igualdade no trabalho

A Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego considera inválida a diminuição de retribuição, em virtude de gravidez, do pessoal navegante feminino praticada na TAP/AIR Portugal.

«Para além de incompatível com os princípios do valor social da maternidade e de não discriminação em função do sexo, a diminuição de retribuição das trabalhadoras em causa é inválida por violar uma garantia legal», afirma-se num parecer da referida comissão. De acordo com o mesmo documento, o que está em causa é a «protecção do valor social da maternidade». Esta expressão tem conteúdo relativamente preciso e, sendo um valor para a sociedade em geral, é justo que ela assuma a sua quota-parte de responsabilidade em relação aos encargos dela resultantes, que não devem ser apenas suportados pela mãe e pela família».

Postos de trabalho ameaçados na Luso-Belga

A direcção sindical dos Químicos acusa o Governo AD de se recusar a assumir as suas responsabilidades na empresa Luso-Belga, mostrando assim a sua indiferença pela sorte dos 150 trabalhadores que aí laboram.

Segundo os representantes sindicais, a empresa encontra-se à beira da falência, com um passivo de mais de 100 mil con-

gos, e impedida de funcionar por não existir administração que assumia a gestão mínima corrente. De acordo com a mesma fonte, a responsabilidade desta situação cabe ao Ministério da Energia e Exportação que não nomeou um novo gestor, como se impunha, aliás, através do plano de reconversão da empresa.

De referir que a Luso-Belga tem, desde 1975, dois gestores

nomeados pelo Governo, altura em que a empresa recebeu empréstimos e se encetou o plano de reconversão. E isto porque a administração tentou o seu encerramento em 1974, alegando dificuldades financeiras. Mas os trabalhadores apostaram na recuperação e apresentaram propostas de viabilização.

Mas, em Junho passado, morreu um dos gestores nomeados pelo Governo, e, desde aí, a

empresa encontra-se «à deriva». Agora, o pessoal da Luso-Belga está a ver que os sacrifícios de seis anos — contratos de trabalho não cumpridos, perda de regalias, salários de seis mil escudos/trabalhador — de pouco ou nada valeram. No entanto, afirmam-se «dispostos a lutar até às últimas consequências para conseguirem uma solução que lhes permita manter os seus postos de trabalho».

AMANHÃ A VENDA

Todas as sextas feiras

O primeiro jornal revista a pensar em si.

SEXTA SABADO DOMINGO

O mais completo guia semanal de espectáculos, TV, Rádio e concertos...

Apesar da oposição activa dos ecologistas

2700 toneladas de resíduos radioactivos lançadas ao mar ao largo da costa espanhola

A Grã-Bretanha lançou ontem detritos radioactivos no oceano Atlântico, apesar de um protesto da organização ecologista «Greenpeace».

Um porta-voz da Autoridade de Energia Atómica (AEA), responsável pela operação, disse que o navio britânico «Gem» continuou a lançar ao mar a sua carga de 2700 toneladas de resíduos radioactivos, cerca de 640 quilómetros ao largo da costa noroeste da Espanha.

A «Greenpeace» revelou através de um comunicado que seis dos seus membros, incluindo uma mulher, se acorrentaram terça-feira ao Barco «Gem», depois de o terem alcançado a bordo do barco «Sirius».

O porta-voz da AEA disse que a tripulação do «Gem» foi apenas avisada para não utilizar a rampa de desembarque, mas tal não impediu a operação.

A Grã-Bretanha lança ao mar aproximadamente o dobro dos resíduos atómicos despejados pelo conjunto dos outros países do Mundo, segundo indica um relatório do próprio Governo Bri-

tânico.

O Governo de Londres anunciou no princípio deste ano estar disposto a prosseguir com os lançamentos de resíduos no mar, apesar de todas as movimentações de protesto realizadas pela «Greenpeace», afirmando, na ocasião, continuar «a ser firmemente da opinião de que não há evidência» de que os despejos provoquem algum prejuízo.

O barco «Sirius», pertencente à organização ecologista «Greenpeace», viajou de Amsterdão com uma tripulação de 20 membros, de 11 nacionalidades.

Os seis contestatários que se acorrentaram ao barco foram ameaçados pela AEA de serem conduzidos compulsivamente a um porto britânico ou estrangeiro.

Não há, porém, quaisquer indícios de que a Grã-Bretanha pense servir-se da sua marinha para enfrentar este problema.

Um porta-voz do Ministério da Defesa disse: «Não há nenhum barco da marinha real na área, e nenhum se está a deslocar para lá».

Festival ecológico de Miranda do Douro

Manifesto antinuclear distribuído à população

Está a decorrer desde a passada segunda-feira em Miranda do Douro um festival ecológico e anti-nuclear, organizado pelos grupos «Terra Viva» (Porto) e «Amigos da Terra» (Lisboa), a que outras associações deram o seu apoio, caso do «Renascimento Rural» (Lagos) e vários grupos europeus.

A iniciativa, conforme referimos na passada semana, visa essencialmente sensibilizar a opinião pública contra os perigos para a economia e o ambiente, da construção da central nuclear espanhola de Sayago.

O município local está a dar o seu apoio a esta semana antinuclear, confirmou ontem à ANOP o presidente da câmara Júlio Merinhos.

No âmbito das actividades previstas, destaca-se a divulgação, ontem em Miranda do Douro, de um manifesto dos «Amigos da Terra», alertando as populações fronteiriças para os «perigos do nuclear» e prometendo lutar «por um programa energético alternativo que favoreça as energias descentralizadas e renováveis».

Os «Amigos da Terra» denunciam a central nuclear de Sayago (Espanha) como uma unidade potencial de 1075 megawatts (fornecida pela Westinghouse) e que, situando-se a menos de 15

quilómetros de Miranda do Douro, no nordeste transmontano, constitui uma ameaça permanente para as populações da região.

Folclore nacional no Algarve

Trinta e dois agrupamentos folclóricos provenientes de todas as regiões etnográficas do continente, Açores e Madeira participarão, de 3 a 5 de Setembro, no Festival Nacional de Folclore-Algarve 82, a realizar na região.

A iniciativa, que constitui a sexta edição deste festival, é organizada pela Comissão Regional de Turismo do Algarve e conta com o apoio de várias entidades e municípios algarvios.

A semelhança dos anteriores festivais, este decorrerá em diversas localidades da região do Sotavento e do Barlavento.

No primeiro dia, o programa inclui a actuação de vários ranchos nas localidades de Aljezur, Alcoutim, Sagres, Castro Marim, Monchique, Silves e Faro.

No dia 4, a manifestação decorrerá em Lagos, Portimão, Albufeira Loulé, Olhão e Tavira, estando o encerramento do festival previsto para o dia 5 de Setembro, na Praia da Rocha, com fogo de artifício.

Artur Nogueira nega implicação num caso de cocaína

Do sr. Artur Nogueira, referenciado no nosso dossier do passado dia 4 («Em Portugal, a cocaína não conquistou o mercado da heroína») como sendo o presumível destinatário, segundo fonte policial, de dois quilos de cocaína apreendidos em Pedras Rubras, recebemos uma carta em que o industrial nega firmemente a sua implicação no caso.

«Por despacho proferido em 2 de Abril de 1980 pelo meretíssimo juiz do 2.º Juízo Criminal do Porto — diz Artur Nogueira — foi

decidido que não havia sequer indícios para eu vir a ser julgado, rejeitando-se, do mesmo passo, a infundada acusação deduzida pelo Ministério Público e pondo-se, assim, termo à infundamentada e persecutória acção policial de que eu havia sido objecto e que tantos e gravíssimos danos morais e materiais me causou».

O sr. Artur Nogueira afirma que o nosso dossier «não só publicita um facto falso como também vem renovar os prejuízos (por si) sofridos».

Adquirir ou perder nacionalidade portuguesa custa quinhentos escudos

Nacionalidade originária por mero efeito da lei e por efeito da vontade, aquisição da nacionalidade por efeito da vontade e por adopção, aquisição da nacionalidade por naturalização e perda da nacionalidade, são cinco das várias situações regulamentadas por força de um diploma hoje publicado na folha oficial sobre a nacionalidade portuguesa, o qual também fixa a tabela de emolumentos dos respectivos actos. Deste modo, declarar a aquisição ou perda de nacionalidade custa 500 escudos, o mesmo que registar a própria nacionalidade».

Pode ter-se a nacionalidade portuguesa por mero efeito da lei e por efeito da vontade. O primeiro caso contempla os indivíduos nascidos em território português ou sob administração portuguesa (desde que os progenitores não sejam estrangeiros), os nascidos no estrangeiro

desde que o pai ou mãe se encontre ao serviço de Portugal à data do nascimento e os indivíduos nascidos em território português de cujo assento de nascimento não conste outra nacionalidade. O segundo caso abrange os filhos de pai português ou de mãe portuguesa nascidos no estrangeiro que pretendem que lhes seja atribuída a nossa nacionalidade, devendo manifestar tal vontade ou na Conservatória dos Registos Centrais ou nos serviços consulares portugueses da sua área de naturalidade.

Ao nome dos indivíduos a quem seja atribuída nacionalidade portuguesa são aplicáveis as regras legais em vigor acerca do nome, e se o interessado tiver nascido no estrangeiro ou tiver outra nacionalidade podem ser admitidos os nomes próprios estrangeiros na forma originária, desde que admitidos no país da naturalidade ou da nacionali-

dade. Os indivíduos nascidos em território português, filhos de estrangeiros que à data do seu nascimento aqui residissem habitualmente há seis anos pelo menos, e não estivessem ao serviço do respectivo Estado, que pretendem que lhes seja atribuída a nacionalidade portuguesa, devem declarar tal facto.

Nos casos de aquisição de nacionalidade por efeito da vontade e por adopção colocam-se três situações: a dos filhos incapazes de pai ou de mãe que adquiram a nacionalidade portuguesa e que devem declarar essa pretensão; a do estrangeiro casado com nacional português, que na constância do matrimónio o deverá também fazer; e a dos indivíduos de cujo assento de nascimento conste terem sido adoptados plenamente por nacional português. A petição do processo para adopção plena de um estrangeiro por português

será instruída com prova da nacionalidade portuguesa do adoptante. O estrangeiro que pretenda que lhe seja concedida a nacionalidade portuguesa por naturalização deve requerê-la ao MAI, respeitando normas que o diploma especifica.

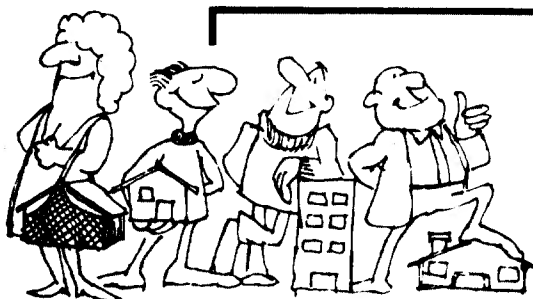
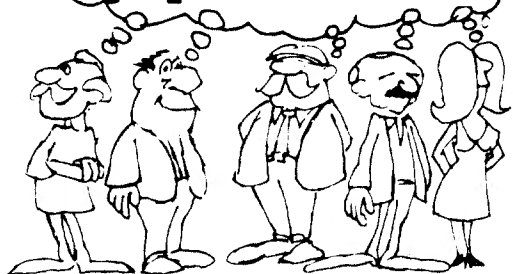
Sobre a perda da nacionalidade o diploma sublinha que, todo aquele que, sendo nacional de outro Estado, não quiser ser português, deve declará-lo, substando a nacionalidade portuguesa em relação aos que adquirem outra nacionalidade, salvo se declararem o contrário.

Na Conservatória dos Registos Centrais são cobrados 500 escudos por cada declaração para aquisição ou perda de nacionalidade e por cada registo de nacionalidade; 150 escudos por cada certificado de nacionalidade; e 100 escudos por cada certidão de registo ou de documento e fotocópia.

GANHE DINHEIRO

Sabemos que no seu círculo de amigos todos conhecem J. PIMENTA

habiturismo j. pimenta



MUITOS SÃO PROPRIETÁRIOS



ALGUNS AINDA NÃO SE DECIDIRAM

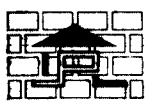


Sabia que se nos indicar um desses seus amigos, que ainda não escolheu a fórmula de valorização mais adequada, pode ganhar um valor apreciável?

PAGAMOS 1% A QUEM PRIMEIRO NOS INDICAR UM POTENCIAL COMPRADOR. QUANDO FOR FEITA A TRANSACÇÃO RECEBE 1% DO SEU VALOR O QUE PODE ATINGIR 50 CONTOS OU MAIS.

Informe-nos por escrito, telegrama ou telex

habiturismo j. pimenta



LISBOA — Campo Mártires da Pátria, 96-2.º — 1100 LISBOA Telef. 55 88 51 - Telex 42 681 JPCMP P

QUELUZ — Rua Mateus Vicente de Oliveira, 18 — 2746 QUELUZ CODEX Telef. 95 20 21/5 - Telex 16111 Piment P

Médicos concentram-se em Lisboa

DADOS divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística referem que, em 1979, 42 por cento dos médicos portugueses se concentravam em Lisboa.

Depois da capital, o maior número de médicos fixava-se no Porto (25 por cento), seguindo-se Coimbra (11 por cento). Estes eram os únicos três distritos que em Portugal e em 1979, tinham um médico para menos de mil habitantes.

No mesmo ano — segundo o INE — o número de camas existentes nos estabelecimentos de saúde gerais era de 34.752.

Em relação aos nascimentos — informa o INE — entre 1970 e 1979 verificou-se um aumento progressivo de partos com assistência, passando de 70 por cento em 1970, para 89 por cento em 1979.

Pânico em lar de idosos

Um lar da terceira idade situado em Marvila foi ontem alvo de um assalto realizado por três desconhecidos de cara coberta com meias de vidro pretas. O assalto concretizou-se ao começo da madrugada e rendeu aos seus autores qualquer coisa como

300 contos que se encontravam num pequeno cofre. Além disso, uma funcionária ficou sem 17 contos e um anel em ouro. Uma coronhada numa das funcionárias, somada aos pulsos amarrados, é o balanço em matéria de danos pessoais.

«Morto» da Amadora está vivo

O indivíduo que desaparecera de sua casa na Amadora deixando um rasto de sangue e de carne que se supôs humana encontra-se internado, desde ontem, no Hospital de S. José.

António Rodrigues Primo da Silva, de 47 anos, foi encontrado numa vala em Queluz, com os pulsos cortados. Terá feito uma tentativa de suicídio antes de sair de casa, na ausência da mulher entre as 22 horas e a uma da madrugada de domingo. É considerado doente mental.

Ainda se pescam golfinhos

Há a proibição de pescar golfinhos, forma extrema de impedir mais um extermínio. Mas os pescadores menos escrupulosos — mais interessados no lucro que na defesa do seu próprio mar — mantêm-se indiferentes a essa proibição e chamam-lhes toninhas quando os põem no mercado.

Uma actuação deste tipo foi detectada no mercado de Alvor durante a semana passada e foram os próprios clientes a manifestar a sua indignação. As autoridades algarvias intervieram recentemente quando apreenderam uma traineira que tinha capturado golfinhos.



Lisboa, a mais quente da Europa

Lisboa foi, ontem, a cidade mais quente da Europa, tendo os termómetros registado a temperatura máxima de 37 graus — revelou um inquérito feita pela agência EFE.

Em segundo lugar surgiram Madrid e Oslo, ambas com 32 graus, e Berlim figurou em terceiro lugar (31 graus).

Em último (cidade mais fria), vem Moscovo, onde os termómetros não foram além dos 17 graus.

As temperaturas, em Lisboa, deverão, hoje, situar-se abaixo dos limites de ontem. A temperatura máxima prevista para Lisboa é de 34 graus.

Portuguesa ferida em Paris

A mulher ferida em Paris na noite de terça para quarta-feira, no atentado bombista da Rua de La Baume, é portuguesa. Chama-se Marie France Vilela e nasceu no dia 26 de Agosto de 1943, em Lisboa.

Uma bomba fora colocada na Rua de La Baume, no cen-

tro da capital francesa, frente às portas de um banco recentemente nacionalizado, o Banco Meyer. Uma inscrição em letras encarnadas com as letras «AD» («Acção Directa», grupo terrotista da extrema-esquerda), fora encontrada numa parede próxima do local do atentado.

Estrada: dez mortos em 24 horas

Dez mortos e 94 feridos é o balanço dos 109 acidentes de viação registados entre as 12 horas de terça-feira e o meio-dia de ontem — informou a GNR.

Dos feridos, 64 encontram-se em estado grave.

«Carreiro» deu a Porto Santo

O «carreiro» «Arriaga», que partira da Madeira terça-feira à noite, para uma viagem de quatro horas, só às 6 e 30 de hoje chegou a Porto Santo, pelos seus próprios meios.

O alerta fora dado na manhã de ontem e as buscas imediatamente iniciadas, com a parti-

cipação de dois patrulhas, um «Aviocar» e o navio rápido «Pirata Azul». Mas o intenso nevoeiro não permitia encontrar o «carreiro», nome dado aos barcos que ligam as duas ilhas. O «Arriaga» fora para a viagem de 40 milhas com nove tripulantes e carga diversa.

Com um total de 800 páginas

Relatório do 1.º de Maio mostra culpas da PI

— Angelo Correia vai à RTP

O processo de inquérito promovido pela Procuradoria Geral da República sobre os acontecimentos do 1.º de Maio no Porto é composto por quatro volumes, com cerca de 800 páginas na totalidade. O relatório propriamente dito tem cerca de 200 páginas, sendo que as conclusões preenchem 100 páginas.

Sabe-se que os exames de balística feitos aos projécteis retirados dos dois mortos e dos feridos foram negativos, não tendo sido possível retirar conclusões que permitissem identificar as armas de onde foram disparados. Da mesma forma, o exame das cápsulas das balas apanhadas na madrugada do 1.º de Maio por jornalistas, não permite aos investigadores qualquer conclusão significativa.

A pergunta feita há tempos, nestas mesmas colunas, mantém-se: por que razão não foram recolhidas todas as armas utilizadas pelas forças que intervieram naquela madrugada san-

greanta? Com a sua apreensão já não seria difícil verificar, pelas estrias, quais as armas que dispararam as balas assassinas.

Apesar das limitações com que deparou a comissão de inquérito, sabe-se que a Polícia de Intervenção é suficientemente responsabilizada pelos incidentes para poder vir a ser inculpada, se vontade houver do executivo.

Como se sabe, o relatório que está de posse do MAI desde o dia 21 de Julho, é apenas o resultado do processo de características político-administrativas mandado elaborar pelo Governo. É precisamente com base nele que o Governo pode actuar quer sobre a PSP, quer sobre a P.I., quer ainda sobre o governador civil do Porto, que, segundo sabemos, não é praticamente responsabilizado pelos incidentes.

O outro processo, o criminal, continua a correr na Polícia Judiciária.

USP exige divulgação de inquérito na íntegra

A União dos Sindicatos do Porto exigiu, entretanto, em comunicado, que o inquérito aos acontecimentos do 1.º de Maio sejam divulgados imediatamente e na íntegra.

Ao mesmo tempo, foi enviado um telegrama ao Presidente da República e Conselho da Revolução pelo Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Distrito do Porto no qual também é exigida a publicação integral do inquérito e a punição dos responsáveis. «Repudiamos manobras desinformação Governo AD. Governo AD é réu, não pode ser juiz» — lê-se também no telegrama.

Por sua vez, o Sindicato dos Metalúrgicos em telegramas enviados ao PR, CR, e provedor de Justiça acusam as declarações de Angelo Correia sobre o inquérito de «tentativa de manipulação da opinião pública». Acrescentam que «Angelo Cor-

reia e o Governo AD, não têm autoridade moral para pronunciar juízos sobre tão trágicos acontecimentos de que são principais responsáveis».

Angelo Correia vai à televisão

O ministro da Administração Interna deverá esta manhã dar a conhecer o seu resumo das conclusões do inquérito elaborado por um adjunto do procurador-geral da República e que está em seu poder há mais de 20 dias.

A forma escolhida para a divulgação do relatório não é inédita: o veículo será a RTP e a única intervenção está a cargo de Angelo Correia.

A USP comentou esta intervenção televisiva como «um gravíssimo abuso de poder e uma inqualificável manobra para se furtar a si, ao Governo AD, ao governador civil do Porto, da situação de réus dos crimes cometidos a seu mando pela polícia».

Há dois detidos na Região Centro

Incêndios novamente dominados após grandes esforços e prejuízos

— Pedrógão Grande diz que é «verdadeiro terrorismo»

A vaga de incêndios que desde há poucos dias consome grandes áreas de matas, das «portas de Lisboa» ao Norte do Porto, pode caracterizar-se pelo constante reacendimento de fogos que são sacrificadamente dados como extintos por dezenas de corporações de bombeiros.

O exemplo está patente logo na outra banda, onde os bombeiros de Cacilhas, Trafaria, Almada e Seixal foram chamados a intervir frequentemente para combaterem as chamas que a pouco e pouco foram consumindo a quase totalidade de seis hectares de mata. Esta manhã o incêndio estava de novo dominado, após mais uma saída dos Voluntários de Cacilhas, que regressaram perto das seis da manhã.

A situação é muito semelhante na região de Pedrógão Grande, onde os constantes reacendimentos e o aparecimento de vários focos de incêndio, «criticamente localizados» indicam a sua origem criminosa.

«É resultado de verdadeiro terrorismo» — dizia, por exemplo, o

presidente da direcção dos bombeiros de Pedrógão Grande que acumula, de momento, com as funções de responsável pelo município. Referia-se, ontem, às chamas que durante 30 horas consumiam árvores do seu concelho.

Região Centro: quase tudo dominado

Os fogos nas florestas da região Centro do país que desde a passada quinta-feira têm devastado bela dezenas de hectares daquela mancha verde estavam esta manhã praticamente dominados, segundo nos revelaram os serviços florestais da Lousã.

Ontem, segundo afirmações dos Bombeiros Municipais de Viseu, registou-se na região o incêndio de maiores proporções que só ao princípio da manhã de hoje foi dominado e que grassou em locais próximos da Quinta da Adufa, na Ponte Pinoca, no concelho de Nelas. Contudo, no passado fim-de-semana, os incêndios foram também de grandes proporções.

Florestas, campos de milho,

vinhas, palheiros, barracas de animais, etc. foram destruídos pelas chamas violentas que os ventos quentes faziam propagar a tudo o que era combustível e cujo combate, por vezes se tornava inglório.

Mais de duzentos fogos foram registados na região nos concelhos de Penacova a Pampilhosa da Serra, Carregal do Sal, Poiares, Santa Comba Dão, Pombal, Coimbra e Tábua, ocupando dia e noite todas as corporações de bombeiros daqueles concelhos limitrofes, militares, populares e ainda helicópteros e aviões sediados na Lousã que lançaram calda retardante nos focos mais intensos.

Carregal do Sal: concelho-mártir

Carregal do Sal, tal como Mortágua no ano passado, terá sido o concelho-mártir desta vez, onde algumas populações viveram horas aflitivas na iminência das chamas invadirem as casas. Tal não aconteceu dada a pronta acção dos «soldados da paz» que tiveram como acção primordial a defesa de casas ou grupos de casas espalhadas um

pouco por toda a parte.

Dada a simultaneidade dos vários focos de incêndio, em diversos locais é convicção geral que o fogo foi atado por mãos criminosas. A GNR tem actuado e detido alguns indivíduos acusados de fogo posto.

Na cadeia regional de Coimbra está detido, aguardando julgamento, um indivíduo que se sabe chamar Carlos Manuel casado, natural de Vale de Macieira na Lousã, jornalista nos Serviços Florestais, suspeito de ter atado vários fogos no concelho de Góis.

Também ontem foi entregue à GNR do posto de Moreira da Maia pelos Bombeiros Voluntários daquela vila, o trocha Abília de Sousa Vieira Azevedo, de 23 anos, residente em Águas Santas, acusado de deitar fogo a uma bouça pertencente a Joaquim Ribeiro de Melos Caldas.

O incêndio que ontem lavrava há mais de 30 horas no concelho de Pedrógão Grande era «resultado de verdadeiro terrorismo», segundo declarou o presidente da direcção dos bombeiros e presidente em exercício da edilidade local.

13

22

AGOSTO

5^A FEIRA NACIONAL DA FRUTA

CALDAS DA RAINHA

Guerra por meio prédio na 5 de Outubro pode levar a derrocada completa

«Fuja! O prédio vai cair». De um terceiro andar o nosso interlocutor lançou-se apressadamente pela escada trazendo consigo a sua mãe e... o seu violino. Pouco depois, a parte traseira do lado esquerdo do edifício ruía. Foi há dois anos atrás, no n.º 78 da Avenida Cinco de Outubro, em Lisboa. Hoje só uma senhora de idade teima em ocupar o seu andar no lado arruinado do prédio, onde uma porta, que antes dava acesso a uma divisão, se abre para o vazio. Do «lado direito», que não ruíu, três andares continuam habitados. Amputado, o edifício persiste em viver, evocando, na parte perdida, as histórias que abruptamente, há dois anos, perderam o enquadramento das paredes que as tinham «protegido» durante décadas.

Irrecuperável, como na vida humana, a velhice atinge a cidade de Lisboa. As obras adiadas durante anos, as demolições dos prédios vizinhos e a construção de novos edifícios cujas fundações arruinam os alicerces dos contíguos, tornaram-se rapidamente num pesadelo para os moradores das velhas habitações de Lisboa perante a passividade da Câmara, por um lado, e o sonho, quase sempre concretizado, dos senhorios e sociedades imobiliárias, por outro,

que na ruína daqueles edifícios, hoje de rendas baratas, vêem a possibilidade do grande negócio: para os primeiros, a venda de terrenos geralmente muito valorizados por se situarem no centro da cidade. Para os segundos, a construção de novos prédios destinados, quase sempre, a escritórios, bancos, centros comerciais ou a apartamentos de habitação que ultrapassam, em preços de venda, os 50 mil contos.

Entretanto, como os seus velhos habitantes, o centro de Lisboa vai «morrendo», atônito pela surpresa dessa realidade brutal: a casa onde há dezenas de anos as gerações se sucediam cai como um baralho de cartas, sacudida por uma máquina que «nos esmaga», como refere o nosso interlocutor, e que faz estremecer as estruturas dos edifícios «como o terramoto de 1755». Os casos sucedem-se, fazendo dos moradores pessoas em permanente sobressalto. Tarde, a cidade desperta para a sua ruína, como antes despertou para a impunidade dos despejos de famílias que, de um dia para o outro, são obrigadas a abandonar as suas casas. Ou para a realidade mais geral: hoje, o «slogan» «uma casa para cada português» assemelha-se às velhas histórias de infância onde a

imaginação dominava. Os preços aí estão, a nu, para acentuar que a fantasia é um luxo e que em Lisboa, a nova, só vive quem «pode».

Indemnizações?

Como recentemente na Avenida das Forças Armadas, foi a demolição de um edifício que acelerou o processo de ruína do n.º 78 da Avenida 5 de Outubro. O seu senhorio já tinha sido intimado, anos atrás, a fazer obras. Mas, como muitos outros, alegou, na altura, não ter meios para as fazer. Para os inquilinos do prédio, não as terá feito «por já ter em mira uma possível transacção do terreno».

Assim, numa tarde de há dois anos atrás, um buldozer que persistentemente moradia nos alicerces do 78, ao preparar a construção de um novo edifício, levou à derrocada. Antes, a demolição do prédio que, paredes meias, o suportava em parte, tinha sido levada a efeito sem qualquer medida de prevenção, e ninguém sabe melhor que os empreiteiros e os próprios senhorios, que os velhos prédios se apoiam uns nos outros como antigos companheiros de vida... a morte de um, sem as medidas de protecção de outro, pode ser o fim inevitável para o que «fica de pé». Atordoados, os inquilinos do n.º 78 dirigiram-se ao capataz da obra vizinha. A resposta veio, inacreditável: «Hotéis há muitos». No próprio dia da derrocada chegaram os bombeiros que intimaram todos os habitantes do «lado esquerdo» a abandonarem de imediato as suas casas, e concretizando essa intimação com o «despejo» de mobiliário.

Depois só uma pessoa voltou. Ocupa hoje parte da antiga casa, agora desprovida de qualquer instalação sanitária.

No rés-do-chão do «lado esquerdo», a parte fronteira continua ocupada por uma loja, a «Paulinha das Avenidas». A parte de trás, que servia de habitação, ficou inutilizada. Os outros inquilinos deste lado, os donos da loja continuam a pagar a renda ao senhorio da casa que

já não têm e, dois anos passados, não houve ainda daquele qualquer gesto para o pagamento de uma indemnização. Diz que nada tem a ver com o que se passou, mas, como nos foi afirmado por um dos inquilinos, ele teria já transaccionado o terreno do n.º 78 com a imobiliária que se ocupa da obra vizinha, a «Levi de Nascimento», pela quantia de 18 mil contos...

Reconstrução viável

«O que tinha de cair, já caiu» teriam afirmado os técnicos da Câmara Municipal de Lisboa que visitaram o edifício após o derrocado. «Reconfortados» por este parecer, os inquilinos dirigiram um pedido à Câmara para que se iniciassem as obras de reconstrução do «seu» prédio. Na mesma altura, o ano passado, uma sua delegação foi ouvida por Krus Abecasis numa das audiências semanais do presidente «com o povo». Aí foi-lhes comunicado que estava entregue, na Câmara, um processo compulsivo para a reconstrução do edifício.

No entanto, um outro inquilino informou-nos que decorre agora um contencioso já habitual nestes processos: O senhorio diz não ter dinheiro para custear as obras e afirma serem estas da responsabilidade da Companhia de Seguros na qual o prédio está segurado, enquanto a Companhia afirma que o senhorio tem de contribuir com parte dos custos, visto tê-lo já avisado, há muito, de que o edifício necessitava de obras. Mas ele terá feito «ouvidos de mercador» à advertência...

Ruídos na noite

Entre o contencioso, as transacções e a impotência, a situação mantém-se e hoje, não só os que ficaram sem casa, como já referimos, não receberam nem têm garantia de vir a receber qualquer indemnização, como os que continuam a viver na metade que resta do edifício não



As traseiras arruinadas fazem parte da paisagem... por detrás da Avenida

virem qualquer esboço de reconstrução.

Dos quatro andares do lado esquerdo só três continuam habitados. A antiga porteira, por não ter contrato de arrendamento, foi intimada a abandonar a casa e uma outra família saiu também por não estar disposta a aguentar mais o pesadelo nocturno, quando os ruídos nas paredes se começam a fazer sentir, nem a ansiedade da espera da próxima racha que fenda subitamente a parede de alto a baixo.

«Ouvimos água a correr, durante a noite, nas paredes onde nunca existiram canos. Sabemos agora que é a massa a desfazer-se», diz-nos um dos «sobreviventes» do edifício que aí mora há 31 anos. É o homem que nessa tarde de há dois anos se precipitou pelas escadas transportando a mãe e o violino. Violino que preenchia os sons da manhã de ontem no velho prédio

desmembrado, quando subíamos as escadas que levavam ao andar que habita.

Decerto este homem tem consigo a vontade firme de não abandonar a casa onde viveu parte da sua vida. Também firmes na sua resolução estão os donos do talho e da «Paulinha das Avenidas» que ocupam os dois rés-do-chão do edifício. Nem uns nem outros estão dispostos a abdicar dos estabelecimentos. «Queremos a reocupação — dizem — seja num prédio reconstruído ou num novo».

No prédio vizinho, já em acabamento, anúncios de venda para comércio estão expostos. Como em tantas outras cidades do mundo, Lisboa caminha para o despovoamento do seu centro, transformado numa enorme «venda» durante o dia e num deserto de cimento pela noite. Por obra e graça de quem?



O homem do violino conta a derrocada

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal do Concelho de Loures

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE MANILHAS DE CIMENTO COM 0,20

Faz-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 16 de Junho, do ano em curso, se encontra aberto concurso pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 50 625\$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 29 DE JULHO DE 1982

O Engenheiro Director-Delegado
Pedro António Cristóvão Baltazar

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal do Concelho de Loures

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA AQUISIÇÃO DE EXTREMOS, JUNTAS GIBALT, DE TRANSIÇÃO, CONES DE REDUÇÃO E TRÊS CANHÕES

Faz-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 16 de Julho, do ano em curso, se encontra aberto concurso pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 14 000\$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 29 DE JULHO DE 1982.

O Engenheiro Director-Delegado
Pedro António Cristóvão Baltazar

Serviços Municipalizados

Câmara Municipal do Concelho de Loures

EDITAL

Concurso público para aquisição de 2072 contadores de água

Faz-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 18 de Junho do ano em curso, se encontra aberto concurso pelo prazo de vinte dias contados a partir do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no «Diário da República», para o fornecimento designado em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 100 000\$00 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

A abertura das propostas realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 29 DE JULHO DE 1982

O Engenheiro Director-Delegado
(Pedro António Cristóvão Baltazar)



Portugal e Moçambique assinaram protocolo para a "trading" comercial

Portugal e Moçambique assinaram um protocolo para a constituição de uma "trading" luso-moçambicana destinada a comercialização de produtos moçambicanos e portugueses. O documento foi assinado em Lisboa no termo da visita de uma delegação moçambicana ao nosso País. Pela parte moçambicana assinou Pacheco Faria, director nacional adjunto das Operações Nacionais. Em representação de Portugal assinou Leite de Araújo, presidente do Instituto do Comércio Externo. Nos termos do acordo a ICEP ficou encarregada de elaborar a proposta de estatutos para a constituição da "trading" e efectuar a devida selecção das empresas portuguesas eventualmente interessadas na participação da futura sociedade comercial.

A assinatura do protocolo representa grandes passos na definição da "trading", sociedade que tem por fim comercializar produ-

tos portugueses não só em Moçambique mas em todos os países da África Austral membros da SADCC e de produtos moçambicanos em Portugal e nos países da Europa Ocidental.

Entre as duas partes signatárias do acordo, foram analisadas possíveis compras de Moçambique a Portugal até ao fim deste ano e em 1983, bem como as propostas de vendas de Moçambique a Portugal a curto prazo e no próximo ano. Do lado Moçambicano foi expresso o desejo de vender a Portugal algodão, sisal, camarão, caju e açúcar e da parte portuguesa, têxteis, conservas, vinhos, ferramentas, utensílios agrícolas, adubos e pesticidas.

As duas partes prosseguirão negociações em Moçambique no final deste mês quando se deslocar a Maputo o secretário de Estado, Faria de Oliveira, por ocasião da realização da Feira Internacional de Maputo. 136 empresas portuguesas.

Estoril-Sol passará a gerir Hotel Polana no Maputo

A gestão do Hotel Polana, na capital de Moçambique, passa a ser feita pela empresa portuguesa Estoril-Sol Internacional, a partir de 1983 - prevê um acordo assinado ontem.

A decisão é o resultado das conversações que decorreram nos últimos dias em Maputo envolvendo responsáveis da empresa portuguesa e autoridades locais do sector do Turismo.

O Polana, principal unidade hoteleira da cidade, intervencionada pelo Estado, estava a passar por uma fase de degradação que levou as autoridades a anunciarem o propósito de entregar a sua gestão a uma empresa estrangeira.

O acordo só deveria ser assinado dentro de um mês, depois de uma nova fase de conversa-

ções, mas as autoridades decidiram abreviar a medida, dada a urgência que colocam na recuperação do sector hoteleiro.

A Estoril-Sol obriga-se a fazer deslocar para Maputo uma equipa para a direcção do hotel, bem como pessoal de enquadramento para todas as áreas do seu funcionamento.

Com a empresa portuguesa, as autoridades moçambicanas tinham já negociado uma concessão de 12 anos para a gestão do novo hotel Quatro Estações, que entrará em funcionamento em 1986.

No projecto de conclusão e equipamento do novo hotel, situado nos arredores da capital, estão envolvidos interesses de bancos e de outras empresas portuguesas.

Japão vai emprestar-nos 10 mil milhões de ienes

O Governo decidiu dar execução às medidas preambulares para contrair dois empréstimos, de cinco mil milhões de ienes cada no mercado japonês, informou ontem a ANOP.

A decisão foi tomada na reunião de terça-feira do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

Os empréstimos têm natureza diferente porque num caso trata-se do recurso ao mercado obrigacionista japonês e o outro será concretizado através de um contrato de empréstimo com um grupo de bancos japoneses.

O recurso ao mercado de capitais japonês enquadra-se na política definida pelo Ministério das Finanças de diversificação

Altas de praça e revisões de preços Governo regulamenta investimentos intermunicipais

A intervenção das diversas entidades envolvidas no programa de investimentos intermunicipais, nomeadamente no que toca ao acompanhamento técnico, financeiro e administrativo dos empreendimentos, é regulamentado por um despacho do Governo que contempla, em particular, a aprovação e organização dos processos de altas de praça e revisões de preços.

O despacho hoje publicado no "Diário da República" aplica-se já aos investimentos intermunicipais de 1980-81, regulamentando do mesmo passo o procedimento relativo aos empreendimentos cuja programação material e financeira tenha sido reformulada. Refere também que a aceitação de altas de praça deve limitar-se a situações plenamente justificadas.

Neste aspecto, quer o pagamento de altas de praça quer as revisões de preços relativos aos

investimentos intermunicipais só podem ser financiados depois de terem as obras sido adjudicadas após a sua apresentação às comissões de coordenação regional, terem sido adjudicadas até 31 de Dezembro do ano anterior; só quando a diferença entre a base de licitação e o valor da adjudicação não exceder trinta por cento.

Os empreendimentos de maior complexidade técnica que pelas suas características careçam de acompanhamento por parte de um serviço especializado, excedendo por isso a normal capacidade técnica dos gabinetes de apoio técnico, serão acompanhados pelos serviços da administração central com competência para o efeito. O acompanhamento financeiro realizado pelas comissões de coordenação regional com o apoio dos gabinetes de apoio técnico.

A participação da administração central no valor correspondente às altas de praça serão liquidadas pela verba de investimentos intermunicipais na proporção da participação desta no empreendimento, enquanto as revisões de preços solicitadas pelas Câmaras municipais serão liquidadas na percentagem de participação da administração central no empreendimento.

O despacho normativo dos Ministérios das Finanças e Plano, Administração Interna e Obras Públicas e Transportes sublinha ainda que a verba líquida para financiamento de novos empreendimentos, de acordo com diploma nesse sentido publicado em 19 de Abril deste ano, será distribuída pela Comissão de Coordenação da Região Norte (31% do total), da Região Centro (34%), Região de Lisboa e Vale do Tejo (13%), Região do Alentejo (17%) e Algarve (5%).

IEFP e CEFA assinam acordo para formação de funcionários autárquicos

Um acordo de cooperação técnico-financeiro foi ontem assinado entre o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e o Centro de Estudos e Formação Autárquica do Ministério da Administração Interna (CEFA).

Este acordo tem por objectivo o apoio financeiro do IEFP a acções de formação profissional a desenvolver pelo CEFA e destinadas aos jovens que pretendem ingressar nas carreiras de funcionalismo autárquico, privilegiando, no seu recrutamento, os

jovens que procuram o primeiro emprego.

O ministro da Administração Interna, Ângelo Correia, que com o secretário de Estado do Emprego, Artur Mota, homologou aquele acordo, salientou que é mais uma iniciativa no sentido do reforço do Poder Local e valorização do trabalhador autárquico.

O secretário de Estado do Emprego, por seu lado, referiu a particular atenção que o Governo tem dado à problemática do desemprego juvenil, considerando ser neste âmbito que se

insere o presente acordo.

O Instituto do Emprego e Formação Profissional, segundo uma cláusula do presente acordo, compromete-se a apoiar financeiramente com a quantia máxima de dez mil contos anuais, não podendo exceder 50 por cento da estimativa orçamental da CEFA.

O acordo agora estabelecido entre estes dois organismos será válido até 31 de Dezembro de 1984, podendo ser renovado por períodos sucessivos de um ano.

Lucas Pires no Porto:

Emigrantes no meio de duas histórias

PORTO, 12 - O ministro da Cultura e Investigação Científica afirmou, ontem, nesta cidade, que o problema da emigração «é um problema nacional que tem a ver com as responsabilidades do País no seu conjunto». «É a primeira vez que este problema é posto como um problema cultural», acrescentou Lucas Pires ao

usar da palavra no colóquio sobre «A política cultural portuguesa e a emigração», na Faculdade de Letras desta cidade.

«Quando hoje se fala de desenvolvimento das pessoas em vez do desenvolvimento das coisas, o emigrante tem a oportunidade de reivindicar a sua plena superioridade ou procedência

como agente humano, perante o processo económico e até político» - observou o ministro, que também considerou que os emigrantes estão colocados no meio de duas situações económicas, políticas e sociais: a de origem e a do acolhimento. «Estão - disse - no meio de duas histórias e, em sentido amplo, de duas culturas».

Monumentos do Buçaco decretados imóveis de interesse público

O secretário de Estado da Cultura classificou ontem de interesse público vários imóveis situados na zona onde se travou a batalha do Buçaco.

O despacho de Gomes de Pinho atribui interesse público à capela de Nossa Senhora da Vitória, Moinhos de Moura e Sula, o monumento comemorativo da Batalha e o posto de comando do general Wellington.

Com esta declaração - entende o secretário de Estado da Cultura - fica salvaguardado o «sítio» da batalha travada em Setembro de 1810, no Buçaco, entre o exército luso-britânico e as tropas francesas.

A capela de Nossa Senhora da Vitória, cujo nome primitivo era Capela das Almas do Encarnadouro, foi construída nos finais do século XVII, restaurada em 1876 e serviu de hospital de sangue das forças aliadas durante a batalha do Buçaco.

O Moinho da Moura foi posto de comando do general em chefe do exército francês, marechal André Massena, que daqui regulava as ordens pelos relatórios que recebia.

O Moinho da Sula marca o local do segundo ataque do exército francês durante a batalha do Buçaco. Protegido pela divisação ligeira de Crauford, que guardava o terreno a um e outro lado desse local, aqui se decidiu a vitória do exército luso-britânico.

O monumento comemorativo da batalha do Buçaco, construído por iniciativa do general Joaquim da Costa Cascais, foi inaugurado em 27 de Setembro de 1873.

Atingido três anos mais tarde por uma fúria que o destruiu, foi três anos depois restaurado, ficando em tudo igual ao anterior.

O monumento é constituído por uma pirâmide em cantaria aparelhada com a base em degraus, envolvida por uma faixa de calçada à portuguesa vedada por correntes de ferro, apoiadas em peças de artilharia de modelo antigo.

A pirâmide é encimada por uma estrela de cristal, estando numa das faces junto à base assente uma coroa de louros em bronze.

Publicidade



QUE
GRANDE
CACETADA
QUE ELES
VÃO LEVAR
NO DIA
16

ESTEJA
ATENTO!

NO APROVEITAR É QUE ESTÁ O GANHO

PROMOÇÃO

Normal
desde
90\$00
o rolo

PAPÉIS
DE
PAREDE

Vinílico desde
200\$00
o rolo

O colorido sonhado
os desenhos tantas
vezes imaginados
a variedade e variedade
de Entusiasta mesmo
uma promoção de sucesso

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057

Enquanto complica acordo de retirada

Israel aperta ainda mais o cerco aos palestinianos

Aviões israelitas voltaram hoje de manhã a bombardear alvos palestinianos em Beirute Ocidental, depois de uma noite de trocas de tiros de artilharia.

Um comunicado do Exército israelita afirma que os jactos entraram em acção às 5.00 horas (de Lisboa) e mais de duas horas depois continuavam em actividade, em alegada retaliação por violações do cessar-fogo por parte dos guerrilheiros da Organização de Libertação da Palestina (OLP).

O estádio Desportivo e os campos de refugiados de Bourj Al Barajneh e Chatila foram, como em ataques anteriores da aviação israelita, os alvos preferidos. A zona do hipódromo e o bosque que a rodeia foram igualmente alvejados.

Os últimos bombardeamentos surgem numa ocasião em que o negociador norte-americano Philip Habib regressa de Jerusalém a Beirute, trazendo exigências israelitas de clarificação e pormenores sobre o plano para a evacuação de Beirute Ocidental dos guerrilheiros palestinianos, com o qual o governo de Menahem Begin, em princípio, concordou.

Habib conferencia hoje com responsáveis libaneses, e fontes próximas das negociações disseram que os últimos combates não prejudicarão, provavelmente, a conclusão de um acordo.

Durante a noite, em paralelo com os bombardeamentos de artilharia, forças israelitas tomaram algumas casas perto do hipódromo, continuando assim a apertar o cerco aos guerrilheiros — anunciou o comando militar de Israel.

O emissário norte-americano deverá conferenciar com o presidente Elias Sarkis, o primeiro-ministro Cheffik Wazzan e o ministro dos Negócios Estrangeiros Fuad Boutros, antes de regressar, ainda hoje, a Israel.

Líderes do Exército libanês, incluindo o comandante Victor Houry, avistaram-se com os representantes militares norte-americanos, francês e italiano para discutir o futuro papel de cada um dos países na proposta força multinacional de dissuasão.

No entanto, a complexidade do acordo para evacuar os guerrilheiros da OLP depara com obstáculos potenciais, cada um dos quais suficiente para fazer malograr o plano.

A principal «preocupação» de Israel é de que a OLP, que manifestou repetidas vezes a vontade de abandonar o Líbano, tente estabelecer novos redutos logo que tenha deixado Beirute.

Com o acordo da Síria ontem manifestado, em acolher um número ilimitado de combatentes, bastantes guerrilheiros viajarão por terra, pela estrada para Damasco.

Atravessariam assim o vale de Bekaa, onde a Síria estabeleceu as suas bases de mísseis no Líbano.

Israel teme que a OLP se detenha no vale e aí reagrupe as suas forças. A segunda «suspeita» israelita é de que alguns elementos da OLP possam permanecer em Beirute, para manter a organização viva, ou mesmo activa, na capital.

Israel exigiu uma lista completa e pormenorizada dos nomes de cada membro da OLP e o seu destino — recorda-se.

A composição, papel e estacionamento da força multinacional que, em teoria, manterá a paz logo que a força israelita de ocupação controle toda a capital, poderá também representar um obstáculo.

Israel exigiu que o mandato da força não ultrapassasse os 40 dias.

Contudo, até agora, não foi

conseguido qualquer acordo permanente para a protecção de refugiados de guerra, logo que a força abandone o Líbano.

Bomba de vácuo não é novidade

A bomba que «soprou» um edifício de oito andares, na passada sexta-feira, em Beirute, durante um bombardeamento aéreo israelita, e a que fontes estrangeiras chamaram «bomba de vácuo», não é mais do que uma «espécie de atomizador gigante, que vaporiza carburante para aviões», explicou o comentador militar do jornal «Haaretz».

Ao dar-se o impacto, o engenho, ao penetrar no objectivo, vaporiza uma nuvem de carburante, que é a seguir inflamado, «criando um aterrador efeito de 'implosão', num diâmetro de 15 metros». O ar queimado, juntamente com os vapores do carburante, cria um vácuo brutal que aspira literalmente as paredes exteriores do edifício atingido.

«Trata-se portanto duma bomba que tem um efeito destruidor exactamente contrário ao que é procurado pelas bombas de dispersão «Cluster Bombs». Destina-se a destruir unicamente o objectivo visado, sem atingir os que o rodeiam», acrescentou o comentador israelita.

O «Haaretz» não indicou se estas bombas são de fabrico americano ou se são produzidas em Israel.

Estes novos tipos de engenhos de morte já tinham aparecido uma primeira vez, na fase final do conflito vietnamita, recorda-se.

Irmã Teresa enviada do Papa

A irmã Teresa de Calcutá, prémio Nobel da Paz, iniciou ontem uma visita ao Líbano, como enviada pessoal do Papa João Paulo II.

«Tenho de ver as minhas irmãs, deixem-me passar por favor» — disse a missionária, sem fazer declarações ao desembarcar no porto de Jounieh.

Embora tenha sido montado no porto um acampamento de soldados israelitas, nenhum deles se encontrava no local quando a missionária desembarcou.

«Quero ir para onde sou necessária» — disse mais tarde a frágil missionária, ao mesmo tempo que freiras indianas e paquistanesas de um convento a sueste de Beirute a recebiam com beijos repetidos nas mãos.

Irmã Teresa, que ganhou o Nobel da Paz em 1979 pelo seu trabalho entre os pobres de Calcutá, mostrou interesse em visitar a parte ocidental de Beirute, predominantemente muçulmana, agora cercada pelas forças de invasão israelitas.

Pouco depois da freira ter chegado ao convento, israelitas e guerrilheiros palestinianos tiveram um forte duelo de artilharia, conforme atrás noticiamos.

A freira, natural da Albânia e de 71 anos, chegou ao Líbano de barco, vindo de Roma a pedido do Papa João Paulo II.

Israel alarga bombardeamentos

A aviação israelita estendeu esta manhã a área dos seus bombardeamentos até ao limite imediato dos bairros do centro de Beirute Ocidental, indicou a Voz do Líbano (falangista). Segundo a emissora, bombardeiros israelitas efectuaram vários raids contra a Corniche Mazraa, artéria principal de Beirute-Oeste, e contra a zona da UNESCO, a uma centena de metros dos bairros residenciais de Verdun.

Confronto à vista Israel-Síria

Uma nova dimensão da guerra do Líbano — com a confrontação

de Israel com a Síria — pode estar a desenhar-se. Esta é a opinião do antigo primeiro-ministro libanês, Saeb Salem, segundo o qual as forças que invadiram o seu país estão a procurar provocar o choque com as tropas sírias instaladas na planície libanesa de Bekaa e reafirmar, pelo facto consumado, a ocupação do Líbano. Este seria o objectivo dos últimos avanços e bombardeamentos israelitas.



Populares recolhem com baldes, água que corre pela rua, de condutas rebentadas pelas bombas de Israel. Como tem sido noticiado, esta água é eventualmente portadora de vírus do tifo e da cólera. (Telefoto UP/ANOP/-DL-)

Vestidos — Saias — Calças — Camiseiros — Cintas — Soutiens — Cabedais — Tudo para Senhoras

200 000 contos de fabulosos artigos em SALDO na JOFRAMA

GRANDE CAMPANHA DE SALDOS E ESPECTACULAR LIQUIDAÇÃO

De 200 000 contos de artigos fabulosos na REDE DE LOJAS DO GRUPO

JOFRAMA

EM TODO O PAÍS DE NORTE A SUL

Provenientes de diversas existências que adquirimos para a MAIS SENSACIONAL CAMPANHA DE SEMPRE

VESTIDOS ITALIANOS E FRANCESES
50% desconto

SAIAS CALÇAS E CABEDAIS PARA SENHORA
50% e 60% desconto

CAMISARIA FATOS — CALÇAS GABARDINAS PARA HOMEM
Metade do preço

LOTE DE CAMISEIROS E VESTIDOS DE AFAMADA MARCA
60% desconto

Dezenas de milhares de malhas para Homem, Senhora e Criança E OS SENSACIONAIS EXCLUSIVOS JOFRAMA

Cobertores de veludo

Cortinados de sonho

Jogos de cama fabulosos estampados e de flanela

Toda a nossa confecção de ROUPARIA Vestidos criança BATAS

Liquidação de todo o artigo de Verão com 40% de desconto

O GRUPO JOFRAMA ESTÁ EM LISBOA — R. dos Fanqueiros, 226-232; R. da Madalena, 209 e 215; R. João das Regras, 4-B, na Baixa lisboeta; BAIROS — GRAÇA — Largo da Graça, 14; S. BENTO — R. de S. Bento, 51; CAMPO DE OURIQUE — R. Tomás da Anunciação, 49-A; ALVALADE — R. José Duro, 31

PORTO Largo dos Loios, 24 AVEIRO Av. Lourenço Peixinho, 169 TOMAR R. Serpa Pinto, 64 Ex-Casa das Lâmpadas SETÚBAL R. Estevam de Vasconcelos, 28-30 Ex-Casa dos Compadres CALDAS DA RAINHA R. Coronel Soeiro Brito, 18-A Ex-Casa dos Compadres	FAMALICÃO R. Luís Barroso, 66-69 ÉVORA R. Romão Ramalho, 27 RIO MAIOR Largo da Misericórdia Ex-Pastelaria O Poço COIMBRA P. do Comércio, 29 Ex-Casa dos Compadres PAÇO DE ARCOS R. Costa Pinto, 123 Ex-Confeccões Targo	UISEU R. Comércio, 46-54 SANTARÉM R. Capelo Ivens, 57 Correia e Brás CORUCHE R. de Santarém, 76 Ex-Casa dos Compadres LEIRIA R. Mouz.º Albuquerque, 65 Ex-Casa dos Compadres OEIRAS R. Cândido dos Reis, 39 Ex-Confeccões Targo
---	---	---

200.000 contos de fabulosos artigos em SALDO na JOFRAMA

Jeans — Cabedais — Pijamas — Camisas — Blusões — Calças — Fatos de homem

entrevista Yasser Arafat ao "Le Monde"



O subsolo de um parque de estacionamento situado na periferia da capital sitiada, uma mesa de madeira lacada, oscilante, rodeada de meia dúzia de velas, algumas cadeiras e uma cama de ferro: é neste ambiente que Yasser Arafat nos recebe.

O dirigente da Resistência Palestina está descontraído e sorridente. Usando um blusão de caqui, com o inevitável revólver à cintura, está rodeado dos seus mais próximos colaboradores, entre os quais o general Abu Walid, o único dos presentes a não participar na discussão. Arafat realinha, no decorrer desta entrevista, a sua aceitação de todas as resoluções da ONU relativas à questão palestina, tal como declarara ao senador americano McCloskey. Recordo, a este respeito, e de modo insistente, que Israel foi criado por uma resolução das Nações Unidas, votada em Novembro de 1947, e que previa a partilha da Palestina por dois Estados, um judeu e um árabe.

Considera que o problema essencial é o reconhecimento dos direitos dos Palestinos à autodeterminação e a um Estado independente, propondo a convocação de uma conferência internacional para encontrar uma pátria para os Palestinos. Após esta guerra, acrescenta, o problema palestino não mais poderá ser escamoteado.

A hora da verdade soou? Assumirá a forma de uma batalha decisiva com todas as suas consequências, ou de uma retirada de Beirute? Como vê o futuro da OLP e do povo palestino?

Chegámos a um acordo final com o Governo libanês e com o emissário americano Philip Habib acerca das modalidades de partida das nossas forças para vários países árabes, como a Síria, Iraque, a Jordânia e o Egipto, que aceitaram acolher-nos. Mas não excluímos a pior das hipóteses: Begin e Sharon podem tentar surpreender-nos. Fiz-lhes saber que tínhamos aprendido as lições de Masada e do "ghetto" de Varsóvia e que estamos dispostos

ao sacrifício, se for necessário. Não receio a morte, e seriam os meus adversários a temer as consequências dela. A história não pode ser parada. A guerra provou que os palestinos se batem com coragem e honra para concretizar o seu justo objectivo.

Mas para onde irão vocês?

Continuamos a ter forças na Síria, Iraque, Jordânia, Egipto, Líbano e Argélia. A sede da OLP encontrava-se no Cairo até à visita de Sadate a Jerusalém. Foi depois transferida para Damasco, onde continuo a manter o meu gabinete oficial.

A atitude passiva do mundo árabe surpreendeu-vos?

Absolutamente nada. Não esperava outra coisa, depois do fracasso estrondoso da conferência de Fez (1). Vários países árabes propuseram-nos receber as nossas forças, mas trataram-se de uma presença provisória. Para onde iríamos depois? O mundo inteiro deve ocupar-se deste problema numa conferência internacional que poderia reunir todos os países interessados, assim como as grandes potências, após o fim desta guerra.

Vocês fizeram uma abertura em direcção aos Estados Unidos, sem ganhar nada com isso. Estão decepcionados com esse facto?

Os Estados Unidos constituem uma grande potência e continuaremos a tentar influenciar a opinião norte-americana. Os Estados Unidos saberão em breve que não podem ignorar a vontade de quatro milhões e meio de palestinos.

Onde está o De Gaulle israelita?

Muitos israelitas interrogam-se se não terá chegado o momento de uma reconciliação histórica entre a nação

judaica israelita e o povo árabe palestino, devendo estes últimos aceitar uma "paz de bravos", semelhante à que De Gaulle defendeu a propósito da Argélia?

Existe no sistema militar israelita uma personalidade que possa recordar o general De Gaulle? Duvido seriamente. Dito isto, o nosso Conselho Nacional adoptou várias resoluções sobre a abertura de um debate com as forças democráticas em Israel, e nós estamos preparados para estabelecer relações com todos os que reconheçam o nosso direito à autodeterminação.

Os israelitas aguardam o vosso reconhecimento oficial. Estão decididos a concedê-lo?

Begin e Sharon afirmaram várias vezes que não têm necessidade do nosso reconhecimento. Afirmaram que mesmo no caso de nós reconhecermos Israel, nunca terão nada a tratar connosco. Consideram-nos nazis, quando os seus actos no Líbano e nos campos de Beirute recordam o comportamento dos nazis. Repito o que disse a McCloskey: aceitamos todas as resoluções da ONU relativas à questão palestina. Não esqueçamos que Israel foi criado por uma resolução da ONU. Em contrapartida, Israel possui tudo e nós nada temos, mas é a nós que se pede para reconhecermos Israel, que por seu turno se recusa categoricamente a reconhecer o nosso direito à autodeterminação. Tudo o que tenho a dizer relativamente ao reconhecimento, não o direi sob a ameaça dos carros de assalto de Sharon que nos cercam. Repito: a questão que se coloca hoje, mais do que nunca, é o nosso direito à existência e à autodeterminação.

A resolução 242 do Conselho de Segurança das Nações Unidas figura entre as que aceitam?

Certamente que sabe que essa resolução considera o nosso problema como sendo apenas um problema de refugiados. Em 1977, a administração Carter propôs-nos

aceitar esta resolução, fazendo valer as nossas reservas a seu respeito. Tínhamos aceite essa proposta, mediante três condições: a abertura de um diálogo entre as Nações Unidas e a OLP; o reconhecimento dos direitos dos palestinos à autodeterminação e a criação de um Estado palestino independente. É inútil acrescentar que o diálogo foi interrompido. Em seguida, o nosso Conselho Nacional adoptou vários textos relativos a essa resolução. Aliás, desde quando é que Begin se tornou o grande defensor da resolução 242? Não esqueçamos que ele abandonou em Agosto de 1970 o Governo de União Nacional, como forma de protesto contra a aceitação pela senhora Meir da resolução 242, que na sua opinião subentendia a retirada de todos os territórios ocupados.

Pode-se ter medo de um Estado palestino?

Alguns israelitas afirmam que vocês não se contentarão com um Estado na Cisjordânia e em Gaza, pelo que constituiriam uma ameaça para Israel?

Ridículo! Não compreendo essas afirmações. Israel é a força militar mais poderosa do Próximo Oriente. Pode-se ter medo de um Estado palestino que terá necessidade de mais de vinte anos para poder andar pelo seu próprio pé? O sistema militar israelita pensa que pode reinar na região árabe, graças à sua técnica e aos dólares americanos. Mas até quando? Será necessário procurar a coexistência com os países da região, e não imaginar problemas artificiais. São os israelitas que devem encontrar soluções para a tragédia palestina criada por eles.

A vossa Carta Nacional constitui uma arma nas mãos dos adversários políticos. As crianças em Israel aprendem na escola as cláusulas dessa Carta, que nega o direito do Estado de Israel à existência, que não reconhece os judeus como povo e afirma que a luta



armada é o único meio de possuir um Estado.

Já afirmámos várias vezes através do nosso Conselho Nacional que a luta armada não constituía mais a única via. Disseram-se muitas coisas sobre esse documento e tentou-se interpretá-lo de maneira tendenciosa. Para pôr fim a essas ambiguidades, propugno hoje a reunião, após esta guerra, de uma assembleia integrando pensadores palestinos, israelitas e árabes, para examinarem a fundo todos os problemas e chegar a conclusões. Esse colóquio poderia eventualmente realizar-se em qualquer parte da Europa, sob a égide de uma organização ou de um partido político escolhidos de comum acordo.

Existe entre os palestinos uma clara evolução na compreensão das mudanças ocorridas nos últimos anos. Não estamos entristecidos em posições imutáveis; Begin é quem está completamente esclerosado.

Têm a impressão de ter cometido erros ao longo deste conflito?

Sim. Não soubemos explicar a nossa causa aos israelitas e não compreendemos a mentalidade israelita. Mas não dispomos de competência no domínio da informação, para transmitir as nossas ideias aos habitantes de Israel.

E as operações dirigidas contra civis israelitas?

Sempre fui política e ideologicamente contra esse tipo de operações. No entanto,

compreendo as motivações de alguns palestinos desesperados, que recorrem a tais métodos, mas sempre me opus a eles. Afirmando na minha qualidade de presidente da OLP, enquanto dirigente da revolução palestina. De resto, é necessário precisar que em certos casos, como em Munique, Maalot e no Savoy (2), a morte de inocentes teria podido ser evitada, se os israelitas não tivessem aberto fogo. O que Begin e Sharon fizeram durante a guerra do Líbano, os bombardeamentos cegos a Beirute, que fizeram na semana passada cerca de 500 mortos civis, permanecerão uma marca indelével na fronte dos dirigentes israelitas.

Como considera a atitude dos habitantes dos territórios ocupados no decorrer desta guerra?

Os palestinos do interior, de Bassam Chakaa a Karim Khalaf, passando por Elias Freij e Rachard Chawa (respectivamente, presidente dos municípios de Naplouse, Ramallah, Bethlehem e Gaza) e alguns outros, mostraram a sua dedicação à causa do nosso povo, em condições difíceis.

A terminar, o que tem a dizer aos israelitas?

Encontro-me aqui cercado e dirijo-me aos soldados israelitas e aos simples cidadãos: e digo-lhes: Parem. A arrogância militar não nos vergará. Gostaria de dizer uma palavra ao coronel Elie Geva, a quem, apesar das nossas

diver-
posiç-
se re-
salto
atit-
ros v-
nar-
apes-
gent-
tal é-
naçõ-
do m-
New-
recor-
tos
virem
destr-
da p-
que
nha,
que
fize-
nest-
bano

Decl

(1)

(2)

Servi

Salvar Beirute

Já dois meses de cerco e de bombardeamentos. Teremos de acabar por acreditar que nenhuma força do mundo pode deter o massacre? A Humanidade, que desde a Segunda Guerra Mundial não assistia a tais barbáries infligidas a uma metrópole, assume uma responsabilidade terrível ao tolerar uma matança sem nome que tem por objectivo centenas de milhares de inocentes cercados em Beirute Ocidental.

Israel não tem a mínima intenção de tirar os palestinos da cidade. O seu objectivo é extirpá-los, e, com eles, os libaneses, que se encontram no seu caminho. Há uns quinhentos mil libaneses que, apesar dos bombardeamentos e do cerco, estão decididos a defender a sua cidade. Muitos deles têm armas.

Nacional e de outras organizações libanesas. E é pelo seu país e pela sua capital que se batem e estão dispostos ao sacrifício supremo.

Telavive não se preocupa grandemente com a ideia de o Líbano não ser mais do que a vítima infeliz de uma guerra que se desenrola entre Israel e a OLP. Isto permitir-lhe-ia cumprir o segundo dos seus objectivos, instalar no Líbano uma ditadura confessional colaboradora, conservando o controlo de uma parte do seu território ou mesmo anexando-o.

É contra este projecto maquiavélico que nós, libaneses, nos batemos. Foi por isto que tomámos parte tanto na defesa da cidade como nas operações levadas a efeito contra o Exército israelita para além das suas linhas.

Censurarem-nos isso seria o mesmo que censurar à resistência francesa o ter-se batido contra o ocupante alemão, e à resistência vietnamita o ter-se batido contra o ocupante americano.

O massacre perpetrado por Israel atingiu sobretudo a população libanesa. São as suas aldeias e as suas cidades que estão a ser parcial ou totalmente destruídas. É o Líbano que está sujeito ao terror da ocupação. Por mais que isso desagrade a Begin, Sharon e Reagan, recusamos ser ao mesmo tempo vítimas e espectadores.

Claro que a comunidade interna compreensão pelo nosso combate. Ela e os bombardeamentos de Beirute. Mi-
ção, assim como as múltiplas resoluções
face da intransigência e da teimosia sar
sua política no apoio incondicional e in
O caso de Beirute coloca assim toda
escolha decisiva. É a credibilidade da
internacionais que está em jogo. Poder
estes símbolos da coexistência paci
diversidade, que são a Organização
dade europeia e outros organismos d
isso um perigo real para a paz no mu

É por Beirute mas também em nor
necessário passar da palavra aos ac
revelaram-se ineficazes, mas é precis
possível deter o massacre que dura h

A nossa esperança persiste: a con
deve tomar medidas firmes capazes d
ofensiva. Isso permitiria a salvação da
início de um sério processo de negociaç
solução honrosa dos problemas polític
assegurar, em primeiro lugar, os direit
libanês e palestino.

Tudo leva a crer que uma tal seq
sem uma participação activa da Com
da França, que mostrou uma compree
do conflito no Próximo Oriente.

* Membro dirigente e chefe da delegação (esquerda) na Europa Ocidental.



ência

gências, aprecio pela sua
ção humana e decisão de
cusar a participar no as-
a Beirute. A sua nobre
e decorre dos verdadei-
raíores judeus. A paz rei-
sobre a Terra Santa,
ar da arrogância dos diri-
es, para quem a força bru-
o único lema na vida das
es. Convido os militantes
ovimento «A Paz já», de
Outlook, e todos os que
nhecem os nossos direi-
à autodeterminação, a
a Beirute para verem as
uições e os sofrimentos
opulação. Virá um dia em
os israelitas terão vergo-
e quererão esquecer o
os seus actuais dirigentes
am ao povo palestino
e Verão de 1982, no Li-

arações recolhidas por
Amnon Kapeliouk

O exame do «Plano Fehd»
tinha sido «adiado» du-
rante a cimeira de Fez.
Esse projecto preconiz-
ava implicitamente o re-
conhecimento de Israel,
em troca da criação de um
Estado palestino. Arafat
pronunciara-se a seu
favor, mas encontrava-se
já em minoria no seio do
comité executivo da OLP.

Em Setembro de 1972, du-
rante os Jogos Olímpicos
de Munique, um Comando
palestino tomou a
equipa israelita como re-
fém. Houve 18 mortos,
dos quais 9 eram reféns;
no dia 15 de Maio de 1974,
um comando palestino
apoderou-se de uma cen-
tena de crianças na escola
de aldeia de Masiot. Após
o assalto feito pelas for-
ças israelitas,
verificaram-se 16 mortos
e 70 feridos; em 5 de
Março de 1975, oito terro-
ristas desembarcaram
numa praia de Telavive,
criando fogo sobre os
transeuntes, tendo-se ins-
talado depois no Hotel
Savoy, onde se enrin-
cheiraram com reféns. O
Exército israelita proce-
deu ao assalto final:
registaram-se 11 mortos,
quatro israelitas e sete
terroristas.

ço exclusivo «Le Monde» /
«Diário de Lisboa»

acional mostrou uma grande
condenou mesmo o bloqueio
as todas as tomadas de posi-
es da ONU, são letra morta em
guinária de Israel que apoia a
quebrantável de Washington.
a Humanidade perante uma
s suas instâncias regionais e
-se-á perder a pouco e pouco
fica das civilizações na sua
s Nações Unidas, a Comuni-
o mesmo género? Não seria
ndo?

ne da paz entre os povos que é
ctos. As tomadas de posição
o continuar a acreditar que é
já quase dois meses.
unidade internacional pode e
le obrigar Israel a parar a sua
cidade e da sua população, e o
ção que pudessem chegar a uma
cos que se põem, e também a
os nacionais dos dois povos,

uência não poderá acontecer
idade europeia e, em especial
insão profunda das realidades

Karim Mrqué*

do Movimento nacional libanês

Segundo jornal soviético Perigo de golpe de direita em França

O jornal soviético «Sovetskaja
Rossia» advertiu ontem os fran-
ceses contra o perigo de um
golpe de força da direita para
acabar com a experiência socia-
lista.

Num longo comentário sobre a
situação em França, o órgão do
Comité Central Soviético nota
uma forte actividade das forças
de direita francesas e o aumento
da violência. O «Sovetskaja
Rossia» considera ser necessá-
ria a «vigilância» por causa dos
perigos que vêm da direita que

não desarmou (...) que está
pronta a atacar».

O objectivo dos «extremistas
de direita continua a ser a recon-
quista do Poder e a paragem das
reformas democráticas, se bem
que estas sejam limitadas».

Segundo o jornal soviético, a
oposição ao regime de Mitter-
rand beneficia «de uma ampla
base», repartida por duas forças
que respeitam as instituições (os
partidos UDF e RPR) e vários
movimentos adeptos da violên-
cia.

Polónia Órgão do POUP reconhece dificuldades de Jaruzelski

O «Trybuna Ludu», órgão ofi-
cial do Partido Operário Unifi-
cado Polaco, reconheceu, na
edição de ontem que — após oito
meses de estado de sítio na Po-
lónia — a equipa do general Jaru-
zelski continua sem conseguir
encontrar uma verdadeira solu-
ção para o problema dos sindica-
tos suspensos a 13 de Dezembro
de 1981.

Segundo o diário do Partido
Operário Unificado Polaco, uma
coisa é «certa»: não pode haver

um regresso puro e simples ao
conceito dos sindicatos livres e
independentes como «O Solida-
riedade», tão pouco aos chama-
dos «sindicatos de ramos», que
emanavam dos poderes oficiais.
Mas, afirma o «Trybuna Ludu», a
partir daqui, «não existem, infe-
lizmente soluções fáceis» e o
seu «leque é muito apertado».

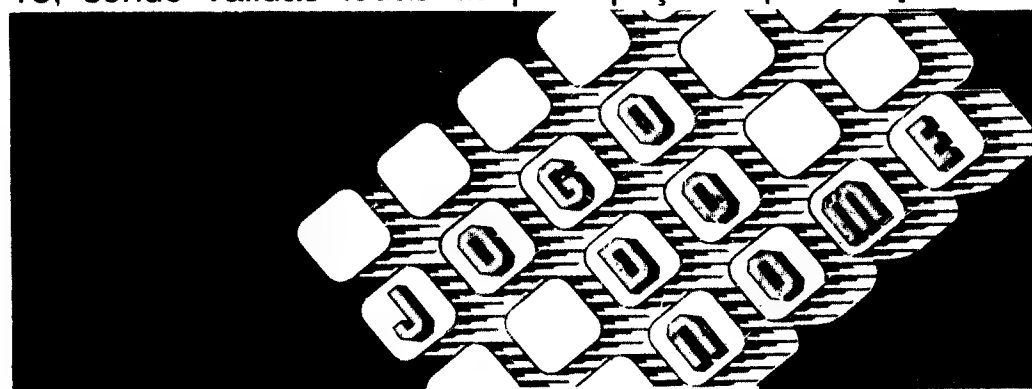
Assim, o jornal preconiza a
criação de «novos sindicatos»
começando pela «base», ou
seja, criando, numa primeira

fase, secções sindicais, à escala
das empresas e sem qualquer
ligação entre elas. Trata-se, se-
gundo o «Trybuna Ludu», nas ac-
tuais circunstâncias, da única so-
lução «com hipóteses de êxito».

No diário dá-se conta das «di-
ficuldades de êxito de seme-
lhante empresa», dado os «tra-
ços indeléveis» deixados nas
fábricas pelo sindicato livre e in-
dependente, «Solidariedade».

O sorteio do jogo 1 será no dia 12 de
Agosto, pelas 18 horas, nas dependências do
«Diário de Lisboa» sitas na Rua Luz Soriano, n.º
15, sendo válidas todas as participações que

cheguem ao jornal até às 17 horas desse mesmo
dia. Não esqueça: os cupões devem ser en-
viados em envelopes e apenas um por enve-
lope.



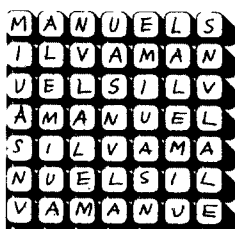
LETRAS DO JOGO 2



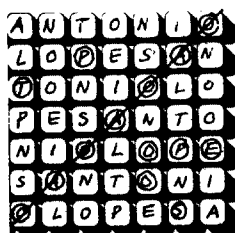
QUINTA-FEIRA, 12 DE JULHO

RESUMO DO REGULAMENTO

1. Inscreva o seu primeiro nome e
o seu último apelido, em contínuo, na
greiha publicada ao lado do cupão —
uma única letra maiúscula por quadrado —
até preencher completamente a grei-
ha. Suprima todas as pontuações,
apóstrofes, cedilhas, traços de união.
(exemplo 1). Use rigorosamente e ape-
nas o seu primeiro nome e o último ape-
lido, tal como figuram no bilhete de iden-
tidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)
— Manuel Cristóvão
Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA



(exemplo 2)
2. Compare todos os dias as letras
sorteadas e publicadas no «Diário de

Lisboa» e as da sua greiha. Quando
uma letra publicada figurar na sua grei-
ha, marque-a com um círculo. Se a letra
aparecer várias vezes na sua greiha (o
que com certeza acontecerá), só poderá
marcar uma delas. Por exemplo, se o
nome é «Manuel Silva» e uma das letras
publicadas é um «L», só poderá marcar
com um círculo um só dos «L» da greiha.
Como as letras são tiradas à sorte,
podem sair repetidas no mesmo dia.
Neste caso, o leitor pode marcar com
um círculo duas letras iguais (ou mais,
se saírem três letras repetidas). ATEN-
ÇÃO: as letras publicadas só contam
para o jogo a que correspondem.

3. Quando conseguir completar
uma linha de 7 letras, na vertical, na
horizontal ou em diagonal (exemplo 2),
preencha o cupão e envie-o para o
«Diário de Lisboa» dentro de um enve-
lope dirigido a O Jogo do Nome e ape-
nas com um cupão em cada envelope.
Atenção: se houver mais de um cupão
no envelope sorteado, esses cupões
serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6
jogos de duas semanas cada, indepen-
dentes uns dos outros e cada um com
uma lista de magníficos prémios das
marcas Grundig, Candy, Fagor e Pro-
gress, representados por Nacional Rá-
dio, S.A.R.L. O leitor está convidado para
participar em todos os Jogos e... traga a
sua família.

Os cupões com as greihas vencedo-
ras deverão estar no «Diário de Lisboa»
até às 17 horas do dia do sorteio, que
será sempre na quinta-feira seguinte à
sexta-feira em que termina o Jogo. Por-
tanto é conveniente que, se tiver conse-
guído uma linha vencedora, o leitor
meta no correio a sua carta o mais
tardar até à segunda-feira que ante-
cede o sorteio.

Vaia junto ao cupão as indicações das
datas para cada jogo.

4. As cartas contendo as greihas
vencedoras de cada jogo serão intro-
duzidas num tambor e submetidas a
um sorteio por extracção manual, de
tantas cartas quantos os prémios de
cada jogo, verificando-se então se
estão nas condições previstas no Regu-
lamento, sem o que serão anuladas. No
caso de ao mesmo concorrente ser atri-
buído mais de um prémio, será anulada

a extracção do prémio de menor valor.
Este sorteio será feito na primeira
quinta-feira seguinte ao termo de
cada jogo e os resultados serão publi-
cados no DL do dia seguinte, sendo
ainda feita uma comunicação postal do
facto a cada premiado.

5. Haverá um prémio especial de
três libras de ouro para o premiado
que tiver conseguido obter a sua
linha vencedora mais cedo. Para isso
há um local no cupão que deverá ser
preenchido pelo leitor com a indicação
do dia em que conseguiu obter a sua
linha vencedora, dia que será verificado
pelas entidades fiscalizadoras do pas-
satempo O Jogo do Nome. No caso de
vários premiados terem terminado a sua
linha vencedora no mesmo dia, proce-
der-se-á a um mini-sorteio, também por
extracção manual, entre esses premia-
dos, para determinar a quem serão en-
tregues as três libras!

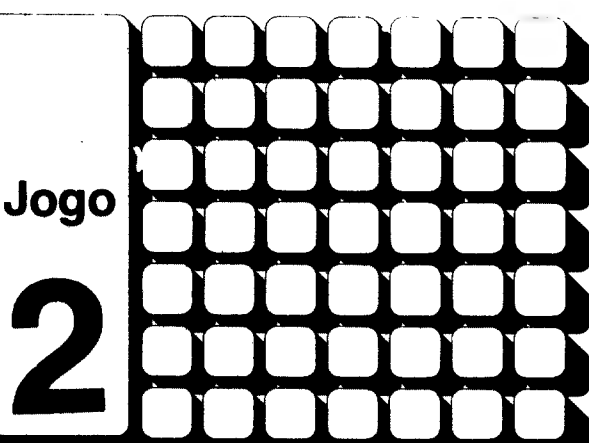
6. O cupão contendo a greiha de par-
ticipação será publicado todos os dias
durante as doze semanas abrangidas
pelos 6 jogos e o leitor pode a qualquer
momento entrar no jogo. Basta ler o
«Diário de Lisboa» e comprar um (ape-
nas um) exemplar que lhe proporcionará
o cupão necessário para concorrer a
cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença
Gráfica, S.A.R.L. («Diário de Lisboa») não
podem participar no passatempo O
Jogo do Nome. Nenhuma correspon-
dência será trocada sobre o concurso
para além das cartas que, após cada
sorteio, serão enviadas aos premiados.
As letras sorteadas não serão em ne-
hum caso comunicadas por telefone
ou por escrito, e serão publicadas
apenas uma vez no «Diário de Lis-
boa», no seu dia respectivo.

8. Em princípio, as letras sorteadas
serão: 5 letras aos sábados, 3 letras
nos restantes dias da semana (ex-
cepto o domingo, em que o «Diário de
Lisboa» não se publica). Os jogos co-
meçam sempre a um sábado e termi-
nam sempre na segunda sexta-feira se-
guinte.

© 1975, 1976-Ken Hecht
© Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht
International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

Amanhã, 3 novas letras



CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA
DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME _____

MORADA _____

(TEL.)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome
exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula
Pessoal, bem como morada, telefone. Indique
também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de
7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e ENVIE O MAIS
CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR AS
NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SOR-
TEIO DO JOGO.

SÓ UM CUPÃO
EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Jogo 2 — datas a fixar:

INÍCIO sábado, 7 de Agosto
TERMO sexta-feira, 20 de Agosto
ENVIO PELO CORREIO até segunda-feira, 23
DIVULGAÇÃO de Agosto
DOS PREMIADOS sexta-feira, 27 de Agosto

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG

Candy

FAGOR

PROGRESS

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Representante Oficial

NR

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.



Aspecto da destruição do carro e do autocarro junto à embaixada do Iraque em Paris

Carro armadilhado explode em Paris

O movimento de acção islâmica do Iraque reivindicou ontem a responsabilidade pela explosão de um automóvel armadilhado, que destruiu um edifício da Embaixada iraquiana em Paris.

Tratou-se do segundo atentado de ontem em Paris, tendo o primeiro, que foi reivindicado pelo grupo de esquerda anti-judaico «Acção Directa», visado escritórios comerciais israelitas.

A acção contra a Embaixada iraquiana tratou-se aparentemente de uma disputa entre árabes.

Num telefonema anónimo, a facção muçulmana chiita afirmou que a acção recebera o nome de «Khaled Al Islambouli», em honra do líder do comando que matou o presidente egípcio Anwar Sadat em Outubro.

Foi adiantado que o atentado se destinava «a avisar as autoridades francesas para que não forneçam auxílio militar ao Iraque».

Seis pessoas ficaram ligeiramente feridas no ataque, incluindo três crianças e um membro do pessoal da Embaixada.

Envio de tropas para as Caraíbas

Senado dos EUA dá o «sim»

O senado americano aprovou ontem uma resolução favorável ao eventual envio de tropas americanas para a América Central e Caraíbas.

A resolução, que apenas reflecte a opinião do congresso, não tem força de lei, o que não impede que meios políticos de Washington sublinhem uma mudança de atitude em relação à que vinha sendo seguida pela administração americana desde a derrota dos Estados Unidos no

Vietname.

A proposta foi aprovada por 69 votos a favor contra 27, apesar da forte resistência do presidente da comissão dos Negócios Estrangeiros do senado, o republicano Charles Percy, do Illinois.

O documento afirma que os Estados Unidos estão firmemente dispostos a «impedir a criação ou a utilização, por Cuba, de uma força militar apoiada pelo exterior, que possa pôr em perigo a segurança» norte-americana.

O texto especifica também que Washington agirá em concertação com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e com «os cubanos desejosos de liberdade», a fim de contribuir para «a autodeterminação do povo cubano».

Sul-africanos desmentem cessar-fogo na Namíbia

Brand Fourie, embaixador da África do Sul em Washington e principal negociador de Pretória no caso da Namíbia, desmentiu categoricamente as informações segundo as quais o seu país e a SWAPO (Organização do Povo do Suldoeste Africano) estavam prestes a assinar um acordo de cessar-fogo na Namíbia.

Numa declaração feita à rádio nacional sul-africana, Fourie precisou que se trata de uma «pura hipótese».

O embaixador sul-africano reconheceu que se realizaram trocas de pontos de vista a propósito de um cessar-fogo mas que tudo o que foi dito sobre o assunto nos últimos dias é apenas «pura especulação».

Algumas informações recentemente difundidas em Windhoek capital da Namíbia, assim como rumores que circulam em várias capitais ocidentais, levam a pensar que foi concluído um acordo de cessar-fogo para começar a vigorar no próximo dia 15 de Agosto.

Os observadores notam que o embaixador sul-africano apresentou esse desmentido no dia em que Pretória anunciou que as suas forças estão a levar a cabo nova operação contra as bases da SWAPO, no sul de Angola tendo morto mais de 300 guerrilheiros de Sam Nujoma.

Este desmentido também segue no dia seguinte ao anúncio da maior quantidade de baixas jamais registadas de uma só vez pelos sul-africanos: 16 mortos num helicóptero abatido durante um ataque a uma base da SWAPO.

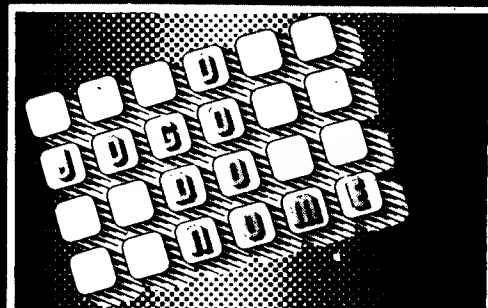
Bomba a bordo de um avião da PANAM

A explosão ocorrida ontem a bordo de um avião «Boeing 747» da PANAM, foi provocada por uma bomba, escondida sob um dos bancos dos passageiros, segundo foi oficialmente revelado.

O aparelho seguia de Tóquio para Honolulu com 285 passageiros a bordo.

Segundo um porta-voz da administração Federal de Aeronáutica Civil, morreu o passageiro, um japonês que seguia no banco sob o qual a bomba explodiu, havendo quatro feridos.

A bomba deflagrou quando o avião se encontrava a cerca de 200 km do aeroporto internacional de Honolulu e a 9000 metros de altitude. O piloto, depois do aparelho ter caído bruscamente para os 3000 metros, conseguiu dominar o avião e aterrar sem dificuldades.



O jogo 2

O leitor já conhece as regras: são as mesmas do Jogo 1 e serão as mesmas nos próximos jogos. Três letras de segunda a sexta e cinco ao sábado, num total de 40 letras por jogo. Veja as datas junto do cupão, envie só um cupão por envelope quando conseguir a linha vencedora e, não esqueça, as letras repetidas só contam quando saem no sorteio mais de uma vez. Divirta-se neste jogo inocente que lhe dará prémios magníficos de marcas representadas pela NACIONAL RÁDIO. Jogue connosco!

E se tiver alguma dúvida, telefone-nos: não lhe diremos as letras sorteadas, mas poderemos esclarecê-lo, no que respeita ao regulamento do Jogo do Nome.

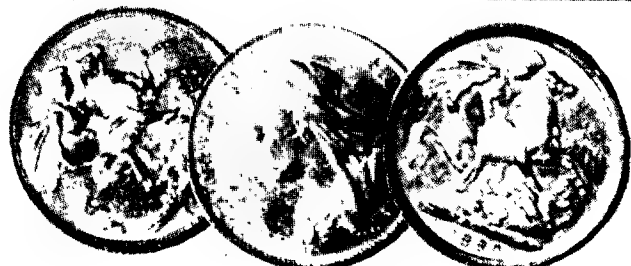
■ Um leitor pergunta-nos se, para poupar dinheiro nos selos, pode mandar vários sobrescritos fechados, cada um com o seu cupão, dentro de um único sobrescrito grande, este sim selado e remetido pelo correio para o «Diário de Lisboa». É uma boa pergunta, a que julgamos poder responder afirmativamente, se bem que no sobrescrito grande deva vir claramente indicado que contém vários sobrescritos pequenos, de forma a que os nossos serviços o possam abrir logo que recebido.

Este mesmo leitor sugere-nos ainda a publicação de uma espécie de mapa que permita aos leitores ir escrevendo as letras que vão sendo sorteadas: outra boa sugestão que vamos considerar muito a sério.

■ Um outro nosso leitor, depois de considerar «muito interessante o passatempo em curso», pergunta «se qualquer pessoa pode jogar com o nome de um amigo ou conhecido, bastando que ele exista». Não vemos porque não: é necessário, isso sim, usar os nomes correctamente, isto é, tal como constam do bilhete de identidade do amigo ou conhecido. Julgamos que nada na lei impede que se faça uma surpresa agradável — no caso de sair algum prémio, bem entendido.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá 3 libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 15 do Regulamento na página anterior).



3 LIBRAS DE OURO!

ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS

JOGO 2

das Conceituadas Marcas ... que valem ouro!

GRUNDIG FAGOR

2.º PRÉMIO DO JOGO 2

Uma máquina de lavar louça Fagor VI 5300 no valor de 39.800\$

Cuba, contraporta e distribuidores em aço inoxidável, descalcificador de grande eficácia, frontaria inferior adaptável aos diferentes móveis de cozinha, capacidade de lavagem de serviços de mesa e cozinha completos para 12 pessoas, filtro autolimpante, indicador do abrlhantador, 85 cm de altura, por 59,5 de largura e 60 de profundidade (com tampo).

Representante Oficial

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 2 — lista de prémios

- | | |
|---|----------------|
| 1.º — Um CONJUNTO HI-FI GRUNDIG CC430+2/Box 350 | 48.100\$00 |
| 2.º — Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA FAGOR VI 5300 | 39.800\$00 |
| 3.º — Uma ARCA CONGELADORA CANDY EL2 | 30.450\$00 |
| 4.º — Um TELEVISOR GRUNDIG Portátil P1722, Preto e Branco | 16.700\$00 |
| 5.º — Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740 | 9.350\$00 |
| 6.º a 10.º — Um RÁDIO GRAVADOR Portátil GRUNDIG RR 250 | cada 8.250\$00 |
| 11.º a 15.º — Um EXTRACTOR DE SUMOS PROGRESS K28 | cada 6.400\$00 |
| 16.º a 25.º — Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700 | cada 4.100\$00 |

exclusivo

Moçambique

Projecto de desenvolvimento para o Niassa

■ Paul Fauvet □ I.P.S.

N IASSA, a província do noroeste de Moçambique é a maior das dez que tem o país, mas também a menos desenvolvida e povoada. A província é rica em madeira, pescado (no lago do mesmo nome), carvão (embora ainda por explorar) e em potencial hidroelétrico. No entanto, a agricultura ocupa uma superfície relativamente pequena.

Os portugueses preocuparam-se pouco com o Niassa, que consideravam um deserto. Até ao início do processo de libertação, em

Tudo isto supõe a eliminação da necessidade de utilização de bombas de água, o que significa uma importante poupança para Moçambique.

O projecto recebeu o nome de «Canal da Solidariedade» e abarca 27 quilómetros de comprimento. Os chineses iniciaram o trabalho em Matama em Abril de 1977, e terminaram-no ao fim de um ano. A primeira vez que a água correu através do canal foi em Julho de 1978. Os canais podem irrigar uma superfície de 160 hectares. Actualmente há 140 cultivados.

A principal colheita de Matama é o milho. Não apenas para o Niassa, mas também para as províncias vizinhas de Cabo Delgado e Nampula. As batatas e o feijão também são cultivados nesta terra fértil e irrigada, beneficiada além disso pelo clima temperado do planalto de Lichinga. Produzem-se também mangas, peras e morangos e trabalha-se activamente no cultivo de hortaliças. Para isso, um simples desvio (uma espécie de tampa de borracha) é utilizada para rodar os canais de irrigação do seu curso, regando as hortas.

Os camponeses tiveram grande influência na construção desta obra em 1977, oferecendo-se voluntariamente para trabalhar na construção do «Canal da Solidariedade».

O ano passado o fornecimento de herbicidas para Matama não chegou a tempo e procedeu-se à mobilização de trabalho voluntário recrutado nas aldeias vizinhas para o fazer à mão.

Porém, o subdesenvolvimento do Niassa também afecta Matama. A fazenda não tem uma estrada de acesso em condições. O caminho de terra batida que conduz a Matama começa na própria cidade de Lichinga e é uma mistura de sulcos e covas.



1964, a sua presença limitava-se fundamentalmente à cobrança de impostos. Para eles, o Niassa era «descolhecido», embora um termo mais apropriado devesse ser «negligentemente esquecido». O resultado desta negligência reside no facto de actualmente o Niassa não ter indústria. Os recursos do subsolo permanecem intactos na sua maior parte e não há estradas asfaltadas.

Na província trabalha-se neste momento em projectos de desenvolvimento, alguns dos quais adquirem importantes dimensões, como o da construção duma nova cidade. Outros, mais modestos, pressupõem no entanto grandes passos em direcção ao uso racional das condições naturais, utilizando fundamentalmente tecnologias simples. Um exemplo deste tipo de projectos é a fazenda estatal em Matama, a 15 km de Lichinga, a capital da província, terra que foi propriedade dos colonizadores portugueses oriundos da ilha da Madeira: daí o seu nome «Nova Madeira».

Com a independência, muitos portugueses deixaram o país e a terra passou para as mãos dos moçambicanos. Matama encontra-se numa encosta, pela qual passa o rio Lucheringo, o que lhe proporciona um sistema de irrigação muito barato.

Os técnicos chineses que trabalham no projecto, desenharam planos para os canais de regadio baseados no princípio da gravidade: a água é retirada do Lucheringo no seu ponto mais alto, e encaminhada para o canal principal, de onde derivam vários canais secundários e finalmente pequenas condutas que conduzem a água até aos campos.



Angola

O primeiro censo geral da população

□ ANGOP

A realizar no terceiro trimestre de 1983, o Censo Geral da População de Angola apresenta-se como uma tarefa difícil e complexa que exige grande concentração de esforços e de meios humanos.

Constatam-se, afirmam-no os responsáveis pelo Gabinete Central do Censo (G.C.C.), deficiências qualitativas e quantitativas, particularmente em matéria de formação de quadros.

Com efeito, após a realização de quatro seminários, com vista à superação das dificuldades nesta matéria, somente 74 elementos foram formados, o que representa, de acordo com a direcção do G.C.C. 30 por cento das necessidades.

Não obstante um considerável número de participantes aos seminários, o elevado índice de resultados negativos de avaliação de conhecimentos foram, entre outros, as razões apontadas para o baixo nível de quadros formados.

A título ilustrativo, e segundo as estimativas dos responsáveis do G.C.C. ainda sem qualquer valor real, serão necessários, por exemplo, para a realização do Censo-Piloto de Luanda, cujas operações preparatórias estão em curso, um total de 3120 quadros e enquadrar nas diferentes tarefas para o recenseamento da operação. A nível de todo o país prevê-se a participação de mais de 25 mil pessoas.

A operação censitária numa Angola independente é, como recorda ainda a direcção do G.C.C., uma experiência nova, experiência a viver pela primeira vez no país. «Somos novos na matéria. Não temos qualquer experiência anterior

e por isso nos é exigido um maior esforço na elaboração da metodologia necessária para a concretização da operação censitária», faz menção em sublinhar aquela instituição.

Assim é que, por forma a garantir o êxito deste primeiro Recenseamento Geral da População, foi convencionado levar a efeito o Censo-Piloto da Província de Luanda, que por ser exaustivo e abranger cerca de um milhão de habitantes se efectua um ano antes do Censo Geral. Os ensaios censais, visam, essencialmente, testar as metodologias e os métodos-modelo de inquérito a utilizar.

Gransiosa tarefa e a mais importante operação estatística promovida pelo Estado.

O Recenseamento da População constitui um passo importante para o melhoramento das condições de vida do Povo. É também, um precioso instrumento de classe, pois que fornece, prioritariamente, as informações básicas para o conhecimento e análise da composição de classes na RPA.

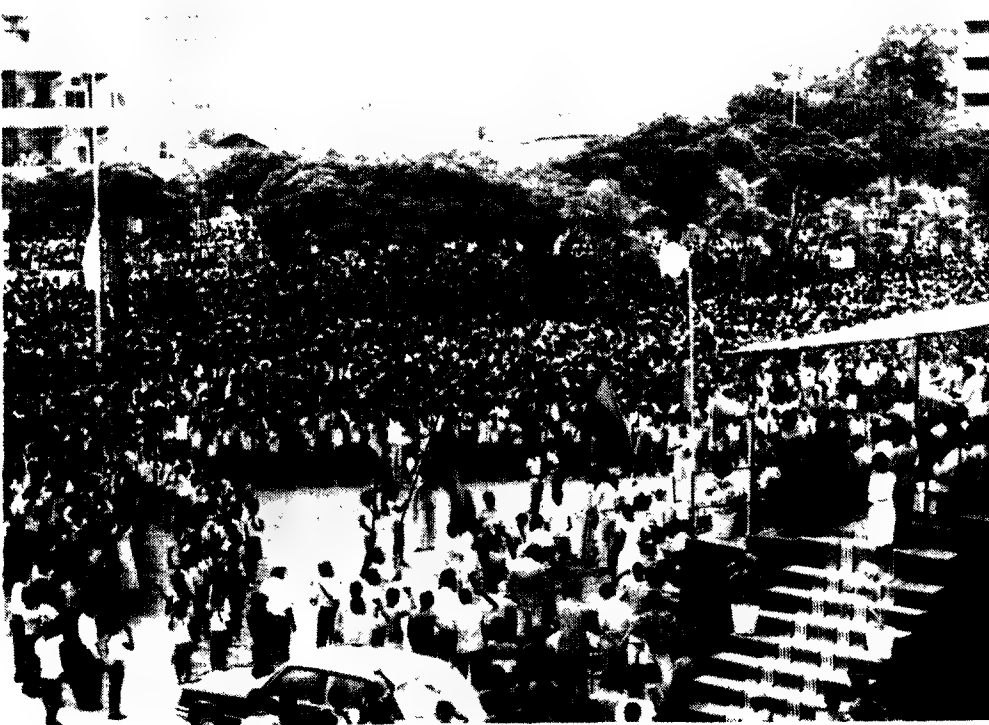
Por outro lado os resultados do Censo são fundamentais para o estabelecimento do plano nacional de desenvolvimento socioeconómico, por seu intermédio que iremos saber quantos operários, camponeses, técnicos, estudantes, proprietários e domésticos existem no país.

Urge, pois, para planificar a saúde, os transportes colecti-

vos, a assistência social, a cultura, o recreio, a força de trabalho, o comércio e o abastecimento, saber qual a população do país, sua distribuição geográfica e etária. Quantos nascem e quantos morrem.

O sucesso deste primeiro Recenseamento Geral da População encontrará soluções para muitos dos problemas com os quais se confronta o país e fará avançar consequentemente o processo revolucionário de Angola.

A participação activa e directa de todas as estruturas do Partido, Estado e organizações de massas e igualmente a consciente colaboração da população constitui premissa fundamental para garantir o êxito da operação.



DESPORTO

Futebol: Setúbal perde em Bilbao



Markovic: vocês conhecem?

Markovic: um negociante do futebol que está na ponta do dedo do britânico Malcolm Allison. O técnico britânico esteve a um passo de entrar em vias de facto com o homem que quase reside em Alvalade, mas a coisa vai andando graças ao «savour vivre» de João Rocha. Jaime Lopes e Armando Biscoito. A propósito de Allison e da sua (pelo menos ocasional) continuidade no Sporting: qual a atitude que vão tomar elementos da directiva leonina, nomeadamente Roque Lino e Mário Garcia, positivamente atirados para a berma da estrada pela decisão (omnipotente, pelos vistos) do presidente João Rocha em manter o treinador britânico?

Ontem, o Vitória de Setúbal perdeu (por 1-4) com o Atlético de Bilbao (Espanha) no jogo inaugural do «Torneio Internacional de Futebol de Bilbao». Ao intervalo, o Vitória perdia por 0-1, gol do «internacional» Dani aos 40 minutos, no seguimento de um pontapé de canto. Sarabia elevou para 2-0 (aos 47) com um remate de fora da área em arco sobre o guarda-redes Trindade, que estava muito adiantado. Aos 60 minutos, Reis apontou o gol da equipa portuguesa, com um remate forte perto da baliza, a passe de Jesus Sarabia (aos 78) e Urutubi (aos 87) obtiveram os restantes golos do Atlético de Bilbao.

O jogo não teve grande qualidade e só esporadicamente o Atlético de Bilbao evidenciou a sua categoria perante um adversário sem grande identidade. A equipa espanhola criou oportunidades para um êxito mais expressivo, nomeadamente em três remates de Sarabia, Dani e Argote, que embateram nos postes da baliza de Trindade.

Da equipa portuguesa somente pode destacar-se o seu desportivismo e a tentativa de não sofrer mais golos — acrescentam comentanistas espanhóis, citando Reis, Brito e Octávio como os portugueses **mais salientes**. Também o guarda-redes Trindade interveio decisivamente em várias ocasiões para não ver a sua baliza violada.

No jogo, presenciado por cerca de 15 mil pessoas, o árbitro espanhol Uro Velasquez

mostrou o cartão amarelo aos portugueses Artur e Nascimento e aos bilbaínos Sarabia, Urquiza e De Andres.

Constituição das equipas: VITÓRIA DE SETÚBAL: Trindade, Cerdeira, José Carlos, Brito, Artur (Aloisio); Nascimento, Mota (Jesus), Octávio e Reis; Fernando Cruz e Narciso (Nunes).

ATLÉTICO DE BILBAU: Zubizarreta; Urquiza, Liceranzu, Nuñez e De La Fuente (Urtubi); De Andrés, Dani e Gallego; Sarabia (Salinas), Noriega e Argote.

A outra meia-final que terá lugar hoje, oporá o H.S.V. Hamburgo (campeão da RFA) aos brasileiros do Atlético Mineiro, recentes vencedores do «Torneio de Paris».

Porto jogará em Gronigen

O Utreque disputará o jogo da 1.ª «mão» da eliminatória de abertura da Taça UEFA de futebol, com o FC Porto, na cidade de Gronigen. A UEFA proibiu o clube holandês de utilizar o seu estádio nos dois próximos jogos, devido a incidentes ocorridos durante o jogo com o Hamburgo, na época passada, a contar para a Taça UEFA. Segundo o regulamento da UEFA, o Utreque terá de utilizar um campo distante mais de 150 quilómetros do seu próprio estádio.

Promoção arbitral

O juiz lisboeta Vitor Correia foi escolhido para o bloco de internacionais, substituindo César Correia, que abandonou. Fica,



António Garrido: o mais prestigiado árbitro português continua a ser preferido para as melhores escolhas das provas ufeiras

assim, ao lado de Garrido, Raul Nazaré, Alder Dante, Mário Luis, Marques Pires e Graça Oliva.

Entretanto, a UEFA já fez designações para próximos jogos: Graça Oliva no Milan-Slovan de Bratislava, ajudado por Raul Ribeiro e Joaquim Gonçalves (15 de Setembro, «Taça das Taças»), Marques Pires no Saint Etienne-Tatabanyai, com Veiga Trigo e António Ferreira (15 de Setembro, «Taça UEFA»), António Garrido no Panathinaikos-Austria, com Fernando Alberto e Rosa Santos (29 de Setembro, «Taça das Taças»), Raul Nazaré no AZ 67 - Limerick, com Ezequiel Feijão e Pedro Quaresma («Taça das Taças»), ainda sem data marcada) e Mário Luis no Espanha - Islândia, com Alder Dante e Vitor Correia (27 de Outubro, para o campeonato da Europa).

Mundinho em Chaves

O brasileiro Mundinho mudou-se para o Desportivo de Chaves.

Mais brasileiros

Continua, sem a mais leve interrupção, a corrente de brasileiros que vêm tentar a sua «árvore das patacas» no nosso futebol. Os mais recentes estão dirigidos ao Ginásio de Alcobaça e chamam-se Corinto (ex-Madureira), Russo (ex-Olaria) e Paulo César (ex-Botafogo). Segundo o presidente alcobacense (dr. Guerra Madaleno) o preço de cada um destes brasileiros não é barato: quatro mil contos para cada um, por duas épocas.

Jogos particulares

Prossegue a onda de jogos particulares, tendentes a dar o corpo e forma às equipas que vão intervir em jogos oficiais. Resultados: FC Porto, 2-Rio Ave, 0; Farense, 3-Sporting, 1; Sporting de Braga, 3-Amora, 3; Boavista, 1-Varzim, 0; Lusitano de Évora, 2-O Elvas, 1.

No sábado, pelas 22 horas: Farense-CSKA (de Sófia, Bulgária) para apresentação de novos nomes da turma algarvia.

Amanhã, pelas 21 e 30, em Alvalade, o Sporting recebe os espanhóis do Valência, em jogo que será retribuído na próxima 5.ª feira. Ainda do Sporting: o jogo n.º 1 do campeonato (com o Marítimo) vai processar-se pelas 21 e 30 de domingo, 22 do corrente.

Milan não interessa

O jugoslavo Milan, que esteve a exame no Sporting, foi dispensado.

Festa em Sines

Hoje, às 21 horas, festa em Sines: homenagem ao futebolista Belchior, no decorrer do jogo Vasco da Gama-Portimonense.

Quinto no Rio Ave

Rio Ave: saída (calma) de Pedro Gomes e entrada (esperançada) de Quinto, para a chefia do «plantel» vila-condense.

Bayern: favoritismo na RFA

A equipa do Bayern de Munique apresenta-se como favorita

ao título de campeão da Alemanha Federal a iniciar dia 21, indica um inquérito aos 18 treinadores, da 1.ª divisão. A maioria dos técnicos esperam, no entanto, dar a melhor réplica a um trio constituído pelo Bayern, Colonia e Hamburgo (actual campeão).

O conhecido preparador Rinus Michels (agora no Colónia) embora acredite na «chance» do Bayern, adianta que a sua equipa tem possibilidades de conquistar este ano o título nacional. Happel (treinador do Hamburgo) e Csernai (do Bayern de Munique) mostraram reservas quanto ao prognóstico de quem será o campeão.

Tai técnico

Tai é o novo técnico da turma do Amarante.

Lá por fora

A Noruega venceu a Suécia por 1-0 e a Dinamarca derrotou a Finlândia por 3-2 em encontros de futebol que opuseram as seleções nacionais dos países nórdicos, em Oslo e em Copenhaga. Por outro lado, em Tídeholm, em juniores (menos de 21 anos), a Suécia venceu a Noruega por 4-0.

Kist em Paris

O futebolista «internacional» holandês Kees Kist assinou hoje um contrato por três anos com o Paris Saint-Germain. A transferência do futebolista que representou o AZ 67 na última temporada era considerada «improvável» ao princípio da tarde de ontem. Kist, (30 anos) tem sido um

dos melhores goleadores europeus das últimas temporadas.

Shilton muda-se?

O guarda-redes «internacional» inglês Peter Shilton poderá transferir-se do Nottingham Forest para o Southampton por 350 mil libras (51 milhões de escudos). Shilton (33 anos) ingressou no Forest em 1977 (por 270 mil libras) ajudando o clube a vencer um campeonato da Liga e duas «taças dos Clubes Campeões Europeus». O «internacional» britânico tem ainda um ano de contrato com o Forest, mas há já algum tempo que se mostrara disposto a mudar de clube.

Shilton, 42 vezes «internacional» e um dos futebolistas britânicos mais bem pagos, teve actualização de mérito no «mundial» de Espanha, sofrendo apenas um gol em cinco jogos, mantendo as redes invioladas durante 426 minutos.

Uribe no Cagliari

O futebolista peruano Julio Cesar Uribe jogará esta época no Cagliari (1.ª Divisão italiana). «Gigi» Riva (director técnico do Cagliari, antiga glória da «squadra azzurra») deslocou-se à capital peruana para discutir as condições da transferência com os dirigentes do Sporting Cristal, o clube de origem de Uribe. Riva não revelou o montante da transferência, que deverá ser da ordem dos 700 mil dólares (cerca de 58 mil e 100 contos), dos quais 200 mil dólares (cerca de 16 mil e 300 contos) seriam para o jogador. Uribe (25 anos, 1,76 metros e 73 kg) é considerado como um dos melhores jogadores da América do Sul, depois de Maradona e Zico. Joga em qualquer lugar do ataque.

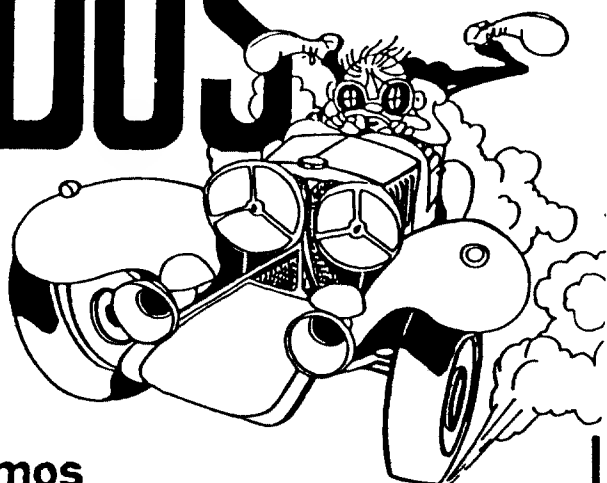
Villa volta a Inglaterra

O Ministério britânico do Interior concedeu autorização para que o futebolista argentino Ricardo Villa (do Tottenham Hotspurs) regressasse ao Reino Unido. O treinador do Hotspurs (Keith Burkinshaw) afirmou desconhecer ainda se Villa pode incorporar-se na equipa.

Devido a conflito anglo-argentino sobre as ilhas Malvinas, tanto as autoridades de Buenos Aires como as de Londres têm de conceder autorização para permitir a entrada no respectivo território de súbditos do outro país.

SALDOS

1 MILHÃO de escudos em prémios



Estamos nos SALDOS do MILHÃO

Vestidos p/ senhora — lindos padrões	598\$00	398\$00
Saias p/ senhora — todos os tamanhos — enorme sortido	298\$00	248\$00
Biquínis malha fantasia trilobal	398\$00	295\$00
Saiotes em lingerie — não há melhor	198\$00	148\$00
Calças de bombazine cores e modelos UNISEXO	498\$00	398\$00
Camisetas p/ homem malha Piqué	298\$00	198\$00
Blusões de nylon p/ homem	698\$00	495\$00
Calças de ganga c/ e s/ peitilho e c/ bordados p/ criança	178\$00	98\$00
Blusões de nylon acolchoados p/ criança	598\$00	495\$00
Voilines em nylon c/ 2.80 Lg. — lindos desenhos	178\$00	128\$00
Jogos de banho c/ lençol — 5 Pcs.	498\$00	398\$00
Esteiras grandes p/ campo e praia	145\$00	98\$00
Chapéus de sol — enorme sortido	598\$00	495\$00
Alcatifa tipo industrial	m2 125\$00	89\$50 m2
Alcatifa c/ 4,00 Lg. — várias cores	m2 208\$00	225\$00 m2
Serviços de café c/ 24 Pcs. de Loíça Oriental	2.980\$00	1.950\$00
Estante c/ talha	22.980\$00	22.450\$00
Mobiliário de quarto p/ casal	22.980\$00	21.980\$00
Tábuas de engomar	598\$00	525\$00

em todas as lojas dos



armazéns CONDE BARÃO

Máximos

Ciclismo: recorde do mundo

O suíço Robert Dill-Bundi bateu o recorde do Mundo dos 500 metros com partida lançada no velódromo de Zurique. O campeão olímpico de perseguição (de 24 anos) fez o tempo de 28,705 s, melhorando assim de 0,095 s o precedente recorde (28,800 s) estabelecido em 1955, no aeródromo Vigorelli (de Milão) pelo italiano Mário Merotini.

Placard

Meninas: atenção!

No Centro Cultural e Recreativo do Alto do Moinho estão abertas as inscrições para a prática do Andebol em todos os escalões etários, incluindo o sexo feminino. Os interessados devem dirigir-se à sede do clube, na Rua Ferreira de Castro, 7-A — Alto do Moinho (Corroios).

Hipismo em Cascais

Cascais anima-se com o hipismo: entre 13 a 15 do corrente, campeonatos nacionais de juventude; de 26 a 29, o concurso

Atletismo: recorde

O cubano Lué Mariano Delis bateu o recorde centro-americano do lançamento do disco, com 70,26 metros, nos Jogos Centro-Americanos a decorrer em Havana. Delis superou a anterior marca de 67,28 metros, que já lhe pertencia. Na outra melhor prova da jornada, o mexicano Félix Gomez superou o seu compatriota e favorito Raul Gonzalez, nos 50 quilómetros marcha, com 4 05,30 horas contra 4 10,34 horas.

internacional. Organização da Sociedade Propaganda de Cascais, com as representações do hipismo nacional lado-a-lado com franceses, belgas e espanhóis.

Vela nos Açores

Tripulações madeirenses na «Semana do mar», disputada na Horta: 1.º e 2.º lugar em «wind-surf». Quanto aos «vauriens» postos à disposição pela organização não conseguiram fazer-se ao mar...

DESPORTO

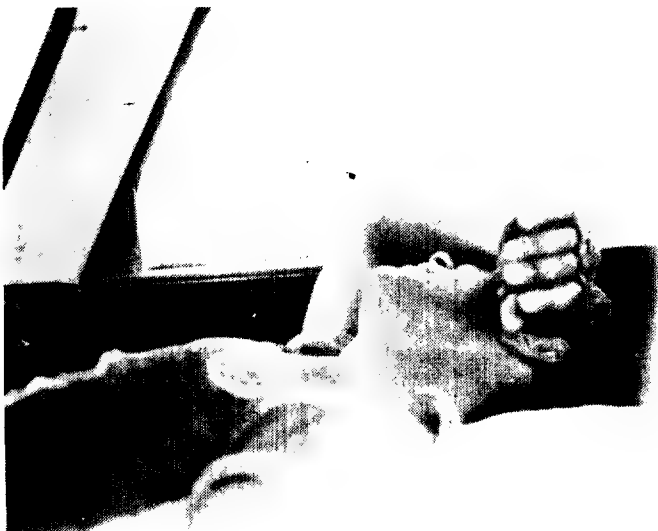
Tudo morno na "Volta a Portugal"

Pedalando o tempo vai passando

Um quase garoto (Manuel Augusto Gomes, 20 anos) com as cores da Rodovil/Isuzu, pedalou um nadinha mais rápido que o luso-canadiano Eddy Smoliski e, numa etapa morna e de pasmaceira (média: 34,815 km/hora) rixou para a sua carreira a primeira vitória em tiradas voltistas. Manuel Augusto Gomes, o Augusto ou apenas o Gomes II (porque outro Manuel Gomes, o Manuel Castro Gomes, já veterano experiente em muitas provas dentro e fora fronteiras está sob o símbolo) não cabia em si de contente:

— Realmente, devo um bocadinho deste triunfo ao canadiano, que puxou bem, escapando-se à tentativa dos homens do Porto (Eduardo Correia e Belmiro Silva) que estiveram quase a agarrar-nos. Na curvinha, naquela espécie de cotovelo que dava para a meta, o canadiano torceu-se um bocadinho logo vi que já ninguém me tirava o prêmio.

A ligação entre Seixal e Aljustrel, corrida sob calor verdadeiramente desgastante, não deixará grande história para os vindouros. Desde o «coelima» António Pinto, até ao «velho» ovariense Joaquim Andrade, muito boa gente tentou saltar do grosso das hostes: mas o pelo-



Eduardo Correia: suspeita de fracturas levou-o ao hospital

tão voltava a ficar muito unidinho, todos ajuizados, tementes à temperatura e ao empedrado da estrada.

Umas quedas (Manuel Alves, Paulo Ferreira) não chegaram a alarmar: os homens do ciclismo são de borracha, não se parecem nada com os futebolistas que, por dá-cá-aquele-palha, saem de maca no meio de um alarido dos diabos. E no final é

para os bolsos dos ciclistas e foi tudo até que, aos 90 quilómetros, Manuel Alves abalou. Dez mil metros depois, foi a vez de Fernando Maia. Os escapados chegaram a ter amealhados 90 segundos: mas, sem muito forçar, Belmiro e José Martins apressaram a colagem. E foi só perto da meta que assinalava os derradeiros cinco quilómetros de corrida que se processou a dupla saída: Gomes e Smoliski, paulatinamente até ao final do esforço, enquanto uns trambolhões de Luis Teixeira e Eduardo Correia sempre criavam sustos e «frisson».

Mais um homem abalava para casa: o pequeno Luís Gregório. Outros vão ficando com os músculos percos, à espera de tombarem do galho já hoje (a caminho de Faro) ou irem sucessivamente adiando o romper de energia, sabe-se lá até quando.

No bloco dos comandantes, todos os esperados, vigiando-se como leões, à espera da montanha que tudo vai decidir ou (no mínimo) ajudar a esclarecer. Quando, na terça-feira, após o repouso nas Termas de Monfortinho se entrar no grande tribunal, o bloco dos combatentes estará francamente reduzido: dos fracos não rezará a história nem a contabilidade voltista.

E a corrida lá foi andando, fita colorida alongando-se sem sobressaltos. Mais uns fogachos, umas pequenas ousadias, uns risquinhos que indicavam di-nheiro graúdo à espera de salto

"Volta": a quem de direito

Não sou tipo de protestos nem lamúrias. Tampouco tenho procuração de quem quer que seja. E, se me falarem bem ao coração, até posso adiantar: amigo, amigo mesmo é o Marco Chagas. Ao também jovem Alexandre Ruas, mais sorumbático por feito, somente o **como está, como vai**, entremeado dos aplausos que sempre devo ofertar a quem faz aquilo que eu não sei fazer e, portanto (como diz o Solnado) obriga a que bata palmas e tirar o barrete.

Só que eu estava mesmo na beirinha da meta, no Seixal. Eu, Firmino Bernardino, o Fernando Correia, o António Ricardo, o Carlos Quinas, gente de vários feitos mas sem qualquer preocupação de beneficiar um cidadão em prejuízo da legitimidade. Ora aconteceu, viram e registaram todos (mas, todos!) os Órgãos de Comunicação Social, mais umas largas centenas de espectadores idóneos e exactos, que o vencedor da etapa que ligava as duas terras de trabalhadores (Lousa e Seixal) foi o lousanense Alexandre Ruas. Nunca o meu bom amigo Marco Chagas, a quem (se me permite) acuso de estar laborando no erro de aceitar um prêmio que não conquistou, perante o tático beneplácito de um júri que (pobre de si) a esta hora já deve ter dado muitas voltas na cama sem saber como descalçar aquela bota toda feita de asneira pegada.

Daqui, portanto (e à falta de outra entrada no areópago dos ilustres ocupantes do habitual palanque de honra) que solicite a quem de direito, seja o «Jornal de Notícias» ou a Federação, a Câmara Municipal do Seixal ou o próprio Marco Chagas, que se reconsidere urgentemente no respeito pela verdade de uma corrida feita de sacrifício mas que não se adapta a falsidades ou desvios. O prêmio de vencedor tem um conquistador: Alexandre Ruas. Tudo o que for permitido, para além daquilo que poderia ser considerado uma falha se não existissem testemunhas e esse grande jurado que é a opinião pública, já fica como mentira autorizada.

Não se queira, depois da **escandaleira** dos GNRs na tirada para Aljustrel, acabar rapidamente com uma competição que tem tão alto cunho desportivo que consegue arregimentar todo o Portugal em seu redor. Condenando as prepotências, como censurando asperamente as falsidades, por mim, não troco uma verdade por um amigo.

Neves de Sousa

Classificações

Chegada a Aljustrel

1.º, A. Gomes (Rodovil), 4.47.48; 2.º, Eddy Smoliski (Luso), 4.47.50; 3.º, António Pinto (Coelima), António Fernandes (Rodovil), 4.47.58; 5.º, Venceslau Fernandes (Rodovil), Carlos Santos (FCP), Raul Fachadas (Coimbrões), Raul Terebentino (Coimbrões), José Henriques (Lousa), António Alves (FCP), Fernando Fernandes (Bombarralense), Marco Chagas (FCP), Luís Domingos (Bombarralense), Bernardo Sousa (Vigaminho), José Silva (Coimbrões), José Martins (Vigaminho), Alfredo Gouveia (Coimbrões), Rui Martins (Luso), Belmiro Silva (FCP), Benjamin Carvalho (Lousa), Benedito Ferreira (Lousa), Armindo Terebentino (Vigaminho), Adelino Teixeira (Bombarralense), José Marques (Tavira), Manuel Cunha (FCP), António Castro (Coimbrões), José Amaro (FCP), Manuel Zeferino (FCP), José Poeira (Coimbrões), Manuel Martins (Vigaminho), Jacinto Paulinho (Tavira), Manuel Gonçalves (Tavira), Tito Timóteo (Ovarense), António Coelho (Tavira), Abel Coelho (Lousa), José Sousa Santos (Rodovil), José Pereira (Coelima), Adriano Pedro (Ovarense), Joaquim Andrade (Ovarense), Alexandre Ruas (Lousa), Sílvio Serrenho (Luso), Elias Campos (Tavira), Belmiro Ribeiro (Vigaminho), Gaspar Gonçalves (Coelima), Fernando Maia (Rio Tinto), Norberto Medeiros (Coelima), Aníbal Silva (Coimbrões), Manuel Alves (Coimbrões), João Santos (Bombarralense), Rui Avelar (Velo), Manuel Neves (Rodovil), Manuel C. Gomes (Rodovil), Luís Vargues (Bombarralense), Carlos Ferreira (Tavira), Isidro Miranda (Coelima), Américo Cardoso (Vigaminho), Luís Teixeira (Coelima), Eduardo Correia (FCP), Paulo Ferreira (Bombarralense), 4.48.03.

do Luso Canadian-Velo. Prémio do Azar: Eduardo Correia (FCP), Luis Teixeira (Coelima) e Paulo Ferreira (Bombarralense). Prémio da Juventude: José Xavier e Luís Domingos (Bombarralense) e Manuel Zeferino (FCP).

Equipas

1.º, Rodovil, 14.23.49; 2.º, Luso Canadian-Velo, 14.24.06; 3.º, Coelima, 14.24.07; 4.º, Bombarralense, F. C. do Porto, Coimbrões, Vigaminho, Tavira, Ovarense e Lousa, 14.24.09.

Geral individual

1.º, António Fernandes (Rodovil), 10.46.55; 2.º, Marco Chagas (FCP), José Xavier (Bombarralense), Raul Terebentino (Coimbrões), Luís Domingos (Bombarralense), Alexandre Ruas (Lousa), Adelino Teixeira (Bombarralense), Benedito Ferreira (Lousa), Sílvio Serrenho (Luso), Manuel Zeferino (FCP) e José Sousa Santos (Rodovil), 10.47.00; 12.º, Augusto Gomes (Rodovil), 10.51.07; 13.º, Antó-

nio Pinto (Coelima), 10.51.17; 14.º, Carlos Santos (FCP), José Amaro (FCP), Belmiro Silva (FCP), Fernando Carvalho (Ovarense), José Poeira (Coimbrões), Rui Henriques (Bombarralense), Raul Fachadas (Coimbrões), Fernando Fernandes (Bombarralense), António Alves (FCP), Tito Timóteo (Ovarense), José Silva (Coimbrões), José Martins (Vigaminho), Venceslau Fernandes (Rodovil), Rui Martins (Luso), Benjamin Carvalho (Lousa), Paulo Ferreira (Bombarralense), Manuel Cunha (FCP), António Castro (Coimbrões), Manuel Martins (Vigaminho), Bernardo Sousa (Vigaminho), António Coelho (Tavira), Abel Coelho (Lousa), Alfredo Gouveia (Coimbrões), Joaquim Andrade (Ovarense), José Marques (Tavira), Elias Campos (Tavira), Norberto Medeiros (Coelima), João Santos (Bombarralense), Manuel Neves (Rodovil), Manuel Castro Gomes (Rodovil), Carlos Ferreira (Tavira), Manuel Gonçalves (Tavira), Eduardo Correia (FCP), Luís Teixeira (Coelima), Jacinto Paulinho (Tavira) e Luís Vargues (Tavira), 10.51.22; 50.º, Hercu-

lano Silva (Ovarense) e José Henriques (Lousa), 10.51.52; 52.º, Adriano Pedro (Ovarense), 10.58.72; 53.º, Armindo Terebentino (Vigaminho) e Fernando Maia (Rio Tinto), 10.53.15; 55.º, Eddy Smolinski (Luso), 10.54.50; 56.º, Manuel Alves (Coimbrões), Rui Avelar (Luso) e Américo Cardoso (Vigaminho), 10.55.03; 59.º, Gaspar Gonçalves (Coelima) e Belmiro Ribeiro (Vigaminho), 10.56.12; 61.º, José Pereira (Coelima), 10.58.40; 62.º, Carlos Marques (Tavira), 10.59.51; 63.º, Isidro Miranda (Coelima), 11.03.46; 64.º, Aníbal Silva (Coimbrões), 11.10.22.

Equipas

1.º, Bombarralense, 32.48.12; 2.º, F. C. do Porto, 32.52.02; 3.º, Rodovil, 32.52.54; 4.º, Lousa, 32.53.18; 5.º, Coimbrões, 32.57.52; 6.º, Luso Canadian-Velo, 33.01.04; 7.º, Vigaminho, 33.01.34; 8.º, Ovarense, 33.01.50; 9.º, Coelima, 33.01.57; 10.º, Tavira, 33.01.58.

Continua na pag 18



Quedas do portista Eduardo Correia e do bombarralense Paulo Ferreira

Cuidado com o "doping"!

A Direcção-Geral de Apoio Médico torna pública a relação com os nomes de produtos proibidos para a época/1982, recebida da Comissão Médica da UCI, chamando especial atenção dos clubes, grupos e núcleos desportivos e dos ciclistas, em particular, de que os referidos produtos representam apenas a base das substâncias cujas uso é proibido aos ciclistas: 1 - Anfetamina; 2 - Metilfanfetamina; 3 - Dimetilfanfetamina; 4 - Benzanfetamina; 5 - Etilfanfetamina; 6 - Fenfluramina; 7 - Norfenfluramina; 8 - Furfurilfanfetamina; 9 - Furfurilmetilfanfetamina; 10 - Metoxife-

namina; 11 - Fentermina; 12 - Mefentermina; 13 - Clorfen-termina; 14 - Proilexedrina; 15 - Aletamina; 16 - Ciclopentamina; 17 - Metilfenidato; 18 - Pipradol; 19 - Facetopirano; 20 - Pipetanato; 21 - Fenmetrazina; 22 - Fendimetrazina; 23 - Dietilpropion; 24 - Prolintano; 25 - Pirovalerona; 26 - Fencafamina; 27 - Tranilcipromina; 28 - Pemolina; 29 - Cipenamina; 30 - Estricnina; 31 - Ibogaina; 32 - Efedrina e derivados; 33 - Heptaminol; 34 - Aminofezanol; 35 - Bemegrida; 36 - Lep-tazol; 37 - Niquetamida; 38 - Esteroides anabolizantes; 39 - Corticoesteróides.

O que falta pedalar

DATA	ETAPA	HORÁRIO	LOCALIDADES KM	
PART.	CHEG.			
5.ª-feira	4.ª 15.30	18.30	Aljustrel-Faro	120
6.ª-feira	5.ª 14.00	18.30	Monte Gordo-Moura	158
Sábado	6.ª 12.00	18.00	Moura-Castelo de Vide	188
Domingo	7.ª 10.00	14.30	Castelo de Vide-T. Monfortinho	159
2.ª-feira	—	—	Descanso nas Termas de Monfortinho	—
3.ª-feira	8.ª 9.30	12.00	T. Monfortinho-Covilhão	90
	9.ª 16.00	—	Covilhão-Penhas da Saúde (c/r. ind.)	10
4.ª-feira	10.ª 10.00	13.30	Covilhão-Oliveira do Hospital	112
5.ª-feira	11.ª 9.00	12.00	Oliveira do Hospital-Ol. do Bairro	104
	12.ª 16.00	—	Ol. do Bairro-Curia (c/r. ind.)	35
6.ª-feira	13.ª 16.00	18.00	Anadia-Ovar	84
Sábado	14.ª 10.00	12.00	Ovar-Póvoa de Varzim	92
	15.ª 17.00	18.30	Póvoa de Varzim-Matosinhos	63
TOTAL				1215

Média do vencedor: 34,815km/h. Desistiu Luís Gregório, da Ovarense. Prémio de Combatividade: Eddy Smotiski.



SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

ESTÁDIO DE ALVALADE

SPORTING-VALÊNCIA C. F.

Sexta-feira, 13 de Agosto de 1982, pelas 21.30 horas

TODOS A ALVALADE



DESPORTO

ponta esquerda

Luto no futebol

Mais uma vedeta do nosso passado futebolístico que desaparece: Carlos Pereira (nascido há 71 anos em Santa Maria Maior, Funchal) faleceu ontem. Casado com Florinda dos Santos Veiga Pereira e pai de Carlos dos Santos Pereira, foi 13 vezes «internacional», estreando-se a 5 de Maio de 1935 (no Lumiar, perante a Espanha) e abandonando a 1 de Janeiro de 1942 (ante a Suíça, nas Salésias).

Carlos Pereira representou o FC Porto e a CUF de Lisboa. O seu funeral tem hoje lugar pelas 15 horas, da igreja de Laveiras para o Cemitério de Oeiras.

Pedro Albuquerque: acidente

Pedro Albuquerque (Benfica) recordista nacional do decatlo, no hospital: acidente de viação (choque de automóvel com camioneta) obrigou o filho do eng.º Eduardo Albuquerque a sofrer intervenção cirúrgica ao fígado.

Pironi melhora

O piloto francês de Fórmula Um Didier Pironi, ferido gravemente num acidente no último fim-de-semana, está melhorando rapidamente.

Wolfgang Gruh, especialista em lesões em acidentes de automóveis, informou que o processo de recuperação do piloto da «Ferrari» está extraordinariamente acelerado e que não se espera nenhum tipo de complicações.

Gralhas chatas

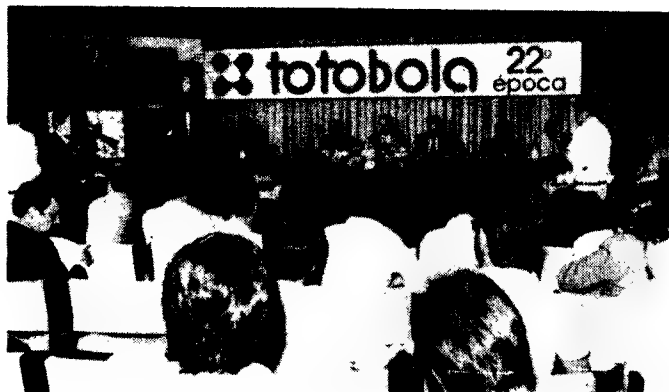
Reportagem da Volta a Portugal. O eng.º Brito da Mana, responsável pelo Távira: **Bem gostava que (a firma patrocinadora) tivesse uma alegria, mas estou a ver que vai ser difícil. Saiu difícil,** palavra que o nosso engenheiro (claro) apenas desculpa porque sabe o que é, na azáfama da feitura de um jornal, o poisar de uma «gralha».

Totobola: privilegiadas relações com Moçambique, Angola e Guiné-Bissau

Tal como o «Diário de Lisboa» já ontem anunciou, o preço de cada aposta do Totobola na próxima época será aumentado de cinco para seis escudos. Em conferência de imprensa o dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca referiu que o montante da receita bruta a apurar no final do ano corrente rondará os quatro milhões de contos.

A 22.ª época do Totobola inicia-se no dia 22 com um concurso que inclui jogos dos campeonatos de futebol de Portugal e da RFA.

O volume da receita bruta arrecadada pelo Totobola até 31 de Dezembro de 1981 atingiu o nível mais alto de sempre, ultrapassando os três milhões de contos. Verificou-se (em relação a 1980) um aumento de 21,7 por cento, valor superior à taxa de inflação verificada no País em igual período. Este facto veio



O dr. Correia da Fonseca fazendo a exposição do momento actual do Totobola

repercutir-se no aumento dos meios postos ao serviço da Assistência, na reabilitação de diminuídos físicos e do fomento gímnodesportivo do País.

O dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca anunciou a introdução

de uma terceira categoria de prémios e a criação de novas modalidades de apostas mútuas, assim como a utilização de nova máquina registadora de bilhetes. Também o 3.º prémio será uma realidade no início da 23.ª época (em Agosto de 1983), sendo atribuído aos apostadores com 11 resultados certos. Se não for escrutinada qualquer aposta com 13 resultados certos, o valor do 1.º prémio somar-se-á ao do concurso imediato, criando-se assim o sistema conhecido por «Jack-Pot».

Foi também revelado que irá ser introduzido um novo modelo de bilhete adoptado ao sistema de máquina registadora que começará a funcionar também em 1983.

A certa altura da sua exposição, o dr. Correia da Fonseca declarou:

Uma referência às relações entre o Totobola de Portugal e o de Moçambique. Eis um aspecto bem pouco conhecido do grande público e que, pelo seu significado, bem merece destaque especial no contexto francamente acidentado em que decorreram as relações entre os dois Estados irmãos até há bem pouco tempo. Há que salientar com clareza que durante todo o período a seguir à independência daquele território, em que as relações entre os dois Países sofreram

perigosa crise política, existiu sempre um elo, uma curiosa ligação que irmanou e irmana inofensivamente os dois povos nos mesmos ideais. Assim, através das Apostas Mútuas Desportivas, o povo de Moçambique jamais deixou de acompanhar o comportamento das equipas que disputam os campeonatos portugueses de futebol da 1.ª e 2.ª divisões, uma vez que, semanalmente, nos seus concursos de prognósticos, neles figuram os jogos mais aliciantes, normalmente os que constam nos bilhetes das nossas apostas mútuas.

Surge agora Angola. Neste grande país, iniciaram-se já as diligências tendentes à criação em futuro a curtíssimo prazo do Totobola de Angola. Para tal, oportunamente deslocaram-se a Luanda dois técnicos portugueses, a fim de «in loco» aquilatarem das possibilidades de utilização do equipamento por nós deixado quando da independência. Posteriormente, um grupo de trabalho de oito elementos, chefiados por um director-geral do Ministério das Finanças de Angola, estagiou durante um mês nos diferentes serviços do Departamento. Em data a fixar, mas que se situará no período que medeia até ao final do ano corrente, um grupo de três a quatro técnicos especializados deslocar-se-á a Luanda e aí permanecerá até se verificar o normal funcionamento dos concursos de Apostas Mútuas Desportivas na República Popular de Angola.

A estas cooperações há que acrescentar a que há muito mantemos com o Totobola da Guiné-Bissau. E nada nos poderá trazer mais satisfação do que a certeza de que na qualidade de irmão mais velho, estamos ajudando irmãos mais novos a darem passos certos e seguros no caminho do futuro que necessariamente será fabuloso.

Classificações

Continuação da pág. 17

Pontos

1.º, António Fernandes (Rodovil), 20; 2.º, Alexandre Ruas (Lousa), 18; 3.º, Marco Chagas (F. C. do Porto), 15; 4.º, Augusto Gomes (Rodovil), 10; 5.º, Fernando Fernandes (Bombarralense), 7.

Metas volantes

1.º, José Henriques (Lousa), 7; 2.º, Rui Henriques (Bombarralense), 6; 3.º, Carlos Santos (FCP) e Carlos Ferreira (Távira), 5; 5.º, Alexandre Ruas (Lousa), 3.

Montanha

1.º, António Fernandes (Rodovil), 8; 2.º, Carlos Santos (FCP), 6; 3.º, Marco Chagas (FCP), 4; 4.º, António Alves (FCP), 2; 5.º, Venceslau Fernandes (Rodovil), 1.

Combinado

1.º, António Fernandes (Rodovil), 3; 2.º, Marco Chagas (FCP), 8; 3.º, Carlos Santos (FCP), 31; 4.º, Venceslau Fernandes (Rodovil), 46.



António Fernandes: desde Loures defendendo a «amarela»

Assembleia belenense: só faltou queimar Deus!

O engenheiro Krus Abecasis passa a figurar ao lado de Américo Tomaz como «sócio de mérito» do Belenenses. Isso ficou decidido numa acalorada assembleia geral do clube do Restelo em que foi marcado um corte de relações com o Portimonense (enquanto estiverem à frente do grémio algarvio os actuais dirigentes) a proibição do técnico Artur Jorge frequentar o Estádio do Restelo, recordando-se que o técnico dirige o Portimonense (na 1.ª Divisão do futebol nacional) e que os «azuis», momentaneamente, navegam em plano secundário, portanto sem obrigatoriedade oficial de confronto directo), a irradiação de associados dos «internacionais» Amílcar e Luís Horta (antigos representantes do Oriental e Estoril, Atlético e Braga, respectivamente, antes de serem profissionais no emblema da Cruz de Cristo) ainda uma queixa à Confederação Brasileira dos Desportos e outra à Embaixada do Brasil, por causa do procedimento gravoso do cidadão brasileiro Carlinhos, por acaso o mais recente «capitão» de «team» do Belenenses, mercê das suas virtudes desportivas, pessoais e morais.

Na mesma assembleia (por braço no ar) foi igualmente decidido apresentar queixa contra Carlinhos no Tribunal do Trabalho e, por interferência de Acácio Rosa, fazer accionar, junto da Federação, um processo em que seja pedida (ao Portimonense ou a Carlinhos) uma indemnização nunca inferior a dez mil contos.

Entretanto, segundo o ponto de vista do Portimonense (e de Carlinhos) não existe qualquer documento com validade legal em que esteja aposta a assinatura de Carlinhos, firmando qualquer compromisso em relação à temporada futebolística que bate à porta.

Estaremos perante um simples e puro caso de momentânea e empolada excitação clubista ou, pelo contrário e com razão, o Belenenses vítima de espoliação no seu património? Um caso para tribunal ou para Freud?

Neves de Sousa

FILMES CASTELLO LOPES 66 apresenta

A GIGANTESCA EPOPEIA!

NO ESPLENDOR
INIGUALÁVEL DOS

70mm

E DO SOM
ESTEREOFÓNICO
TOTAL

PATTON

GEORGE C. SCOTT · KARL MALDEN

Prod. de FRANK MCCARTHY Realiz. de FRANKLIN J. SCHAFFNER

Argumento de FRANCIS FORD COPPOLA e EDMUND H. NORTH

Música de JERRY GOLDSMITH COLOR BY DELUXE

Não acons. a men. de 13 anos

7 ÓSCARES da Academia incluindo o do melhor actor e do melhor filme

HOJE ÀS 21.30 H

IMPERIO

JACK LEMMON WALTER MATTHAU

VOLTAM A ATACAR NA SARCÁSTICA COMÉDIA DE BILLY WILDER

OS AMIGOS DA ONÇA

BODDY

JACK LEMMON · WALTER MATTHAU

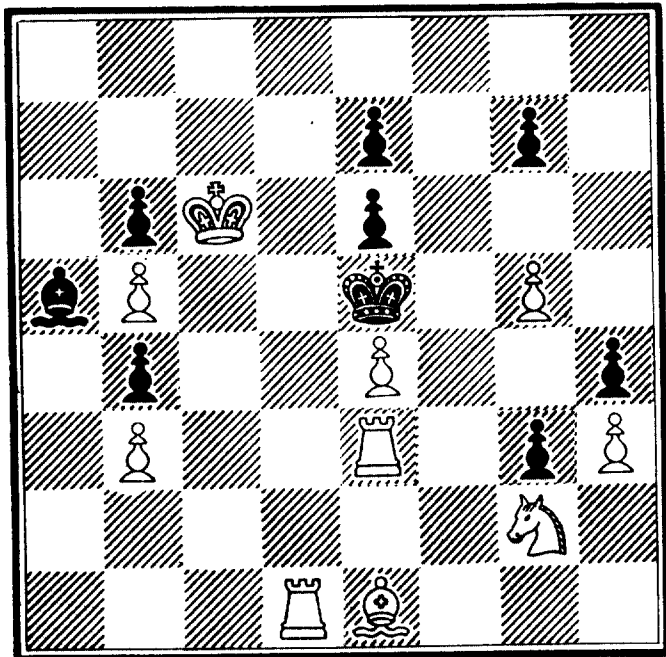
HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

UMA SUPERCOMÉDIA DO MESTRE DA IRONIA

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Problemas de Xadrez

O jogo aparente tem muito interesse e pode dar uma pista para a solução. Jogando, pis, as pretas teremos: 1... g6 2. Bd4, Rd4 3. Bc3++
Mas qual o jogo real?



W. Eiche
«Basler Nachrichten» 1948
(3 lances)

SOLUÇÃO:
1. Ta1, g6 2. Ta4, Rd4 3. Bc3, Bc3++ ou 1... Rd4 2. g5, g6 3. Td1++
A primeira variante, com pregação do Pd4 é notável.

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sampayo

21



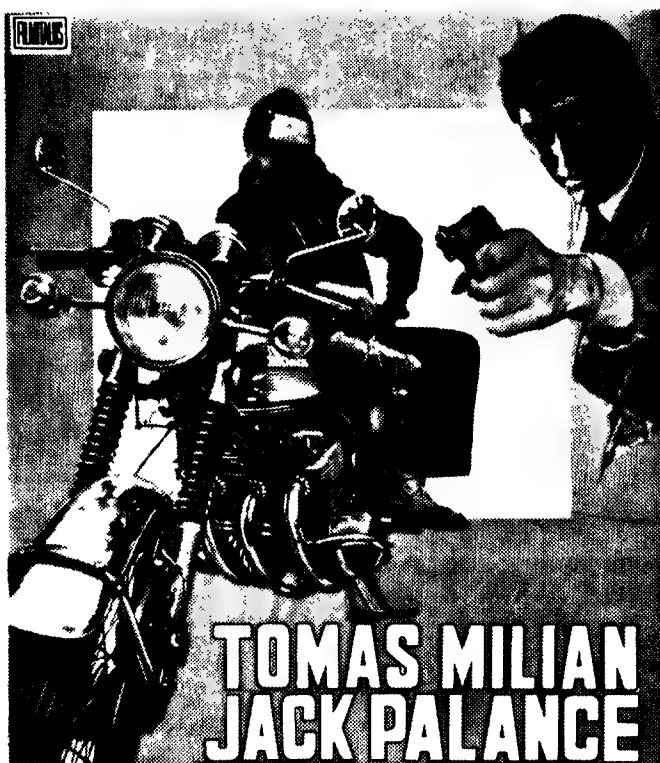
PORQUE É QUE EU ME METIA NAQUILO... QUEM PODERIA EXPLICAR-LO? TALVEZ APENAS PORQUE ELE PRECISAVA DISSO. UM POUCO MENOS SIMPLEMENTE, PORQUE ACREDITO NA AMIZADE. ALEM DISSO... NO FUNDO HAVIA TAMBÉM RAZÕES PESSOAIS.



© COPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

TRAPACEIRO, MALTRAPILHO E BIZARRO. ELE É O POLICIA MAIS DIVERTIDO E EFICIENTE DO DEPARTAMENTO!



UM "CHUI" DE BLUE-JEANS

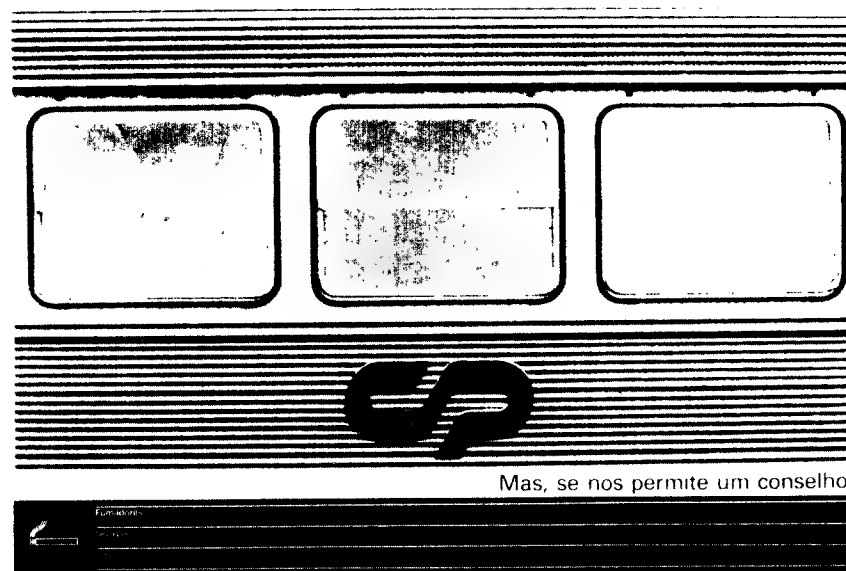
UM FILME DE
BRUNO CORBUCCI

HOJE ÀS
21.30

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
MONUMENTAL

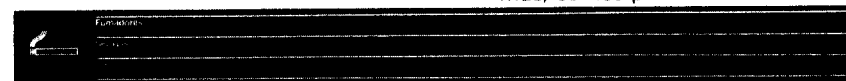
ESTREIA

Carruagem para fumadores
a partir de 1 de Junho na linha de Cascais



A partir do próximo dia 1 de Junho, os fumadores passam a dispor de uma carruagem própria para o efeito, na linha de Cascais. Esta carruagem estará devidamente assinalada para uma fácil e rápida identificação. Os locais de fumo habituais passam assim a ser inteiramente substituídos pela carruagem própria, agora criada para evitar o fumo!

Mas, se nos permite um conselho



estudio
NUESTRAS

JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
MARIE-FRANCE PISIER

Hoje
ÀS 21.30

FILME DE QUALIDADE

TRANS
EUROPA
EXPRESSO

um filme de
ALAIN ROBBE GRILLET



NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
FILMES DECIDENTE

UMA SUPER-PRODUÇÃO DE
GRANDE ESPECTACULO!



A VINGANÇA DOS
BARBAROS

UM FILME MOVIMENTADO, GRANDIOSO
E EMPOLGANTE!

A beleza de uma rainha e o
amor de uma escrava deci-
diram a sorte de um império!

ANTHONY STELL • ROBERT ALDA
DANIELLA ROCCA



HOJE **POLITEAMA**

NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS

crônica de touros

Da eloquência

SOLILÓQUIO

Praça de touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 29 de Julho de 1982. Touro de Vinhas para Emídio Pinto, João Palma Telles, forçados amadores Lusitanos, «Niño de la Capea» e Fernando Pessoa.

O ensinamento desta nocturna do Campo Pequeno esteve numa demonstração: a de que, no mesmo cartaz, não são compatíveis um matador de touros que é (Niño de La Capea) com outro que, apesar de alternativa, não vai ser (Fernando Pessoa). Assim, preto no branco.

Do mais que se passou com os Vinhas, cumpridores salvo o sonso e quedado primeiro, tudo andou pelo esperado: uma lide a duo que não interessou nem ao menino Jesus, e a sós os dois cavaleiros no seu já conhecido estilo, em que não vi evolução, asseado Emídio Pinto, donairoso o João Palma; uma pega do cabo Hilário, a confirmar que é um dos forçados mais seguros do planeta, e outra do Silvino Bento, o latagão não se fica nas excelentes ajudas, é capaz de saltar para o galarim, sozinho na arena pegar um animal; e os quarteios de Laurentino Boeiro,

foram vários, para que se visse que não era acaso, estava ali um bandarilheiro a sério, desses que aguentam na cara do touro, não passam por ela disparados.

O resto foi o tal impossível contraste, os pólos opostos do ser e do não ser. Não é que Pedro Moya tenha feito, não nos iludamos, qualquer coisa de verdadeiramente importante: não tanto porque aqui e ali se aliviou, o lado de fora da muleta nos redondos, a falsa espada ajudando nalguns naturais — mas principalmente porque um matador de touros, seja ele qual for, não pode fazer coisas importantes diante duns novilhos de pontas cortadas. Mas El Capea mostrou que é mesmo um toureiro da classe especial, os anos passam e ele ali está com o seu sorriso alegrando o domínio, o ofício, a cabeça, a graciosa elegância dessa «toreria» que sobe pelas bancadas, até aos corações. E ao Campo Pequeno, coisa rara, voltou o coro dos

olés, acompanhando do Capea os lances garbosos, os passes extensos, a inspiração dos cingidos adornos, bordados na seda do sexto da noite, noite que o de Salamanca deixava lembrada.

E posto ao lado da estrela, sem réstea de brilho para ao menos se dizer que pertence a outra galáxia, Fernando Montes Pessoa. Arte de Montes se chama ao toureiro, mas não por seu apelido, de matador que não vai ser: é preciso que se diga assim, directamente, para alguns talvez cruelmente, há quem prefira o engano, não sei se piedoso. Não o iludam, por favor, não lhe digam que um mau dia qualquer tem. Na noite da última corrida da Rádio, quando o público se foi embora, fecharam as portas do Campo Pequeno e saltaram outra vez o último, embolado e tudo, para que Pessoa se provasse, o panorama foi o mesmo: só que a praça estava deserta, não havia os assobios, os dichotes, o insulto silencioso da gente que debandava, tinha visto o Capea, nada esperava daquela tristeza vestida de toureiro, sem ânimo

para sair a um quite, feito um «maleta», trasteando à deriva, com o dedicado Tinoca sempre atrás, bandarilheiro guarda-costas nem sequer disfarçado, soprando-lhe o que havia de fazer — e que ele não era capaz de fazer. Dois anos no México, sem corridas, para trazer de lá uma alternativa de matador, matador de apenas dois touros que alguém lhe pagou, mais amigos seriam se lhe dessem o bom conselho, lhe tivessem dito que era tarde, irremediavelmente tarde.

E pronto. Há coisas que não devem ser caladas, ainda que custem a dizer. Inútil dourar a pilula, envolvê-la na suposta eloquência que disfarça a verdade, reabre o caminho do engano. E em matéria de eloquência, cumpro aquilo de que Felicidade Alves me falou certa vez, guardado dos seus tempos do seminário, não servem só para o púlpito as três regras de ouro em que teimava o seu mestre de eloquência sacra: primeira regra, ter alguma coisa a dizer; segunda, dizer isso que se tem a dizer; terceira, calar-se depois de o ter dito.

Da penitência

Praça de touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 5 de Agosto de 1982. Corrida da Imprensa. Touro dos herdeiros do Conde Cabral para Manuel Jorge de Oliveira, Paulo Caetano, forçados amadores de Lisboa, Tomaz Campuzano e António Ruiz «Espartaco».

Começou assim: chegou a autoridade, a charanga tocou como sempre os primeiros acordes da «Maria da Fonte», puseram-se de pé os espectadores tradicionalistas mais os que se levantam por verem levantar-se os outros, depois seguiram-se as cortesias, e quando elas acabaram o bandarilheiro Sacramento pegou numa farpa e, antes de ir entregá-la ao cavaleiro, perguntou lá para cima, com o ar respeitoso e convicto que sempre põe nesta cerimónia: «Dá-me licença, senhor Director?».

O inteligente, considerando ser aquele o único lugar onde alguém lhe chama director, deu licença. E aí é que esteve o mal. Se ele não tivesse dado licença, os espectadores que enchiam o Campo Pequeno, e davam à praça o ar de dia grande, teriam sido poupados a uma dessas chumbadas de que o cronista não quer entre tantas guardar lembrança. Mas o director deu licença, e o bandarilheiro Sacramento lá foi pela arena fora com a farpa, abanando a cabeça em agradecimento para

um senhor da bancada que lhe bateu duas palmas, duas. Depois dos vários e costumados apertos de mão, achou-se o Manuel Jorge com a farpa na dita, e vá de metê-la no touro. Ficou caída — mas o pior é que o cavalo, sem a barbeta como deve ser, começou a querer ir à sua vida, apesar do que pela boca lhe puxava o cavaleiro; e ainda por cima não deixava o touro que em sossego fizessem o arranjo, largava os capotes e ia em busca do quadrúpede, teve Manuel Jorge que ir buscar outro, em cima do qual levou um encontrão maiúsculo. Verificado que não era da barbeta, seguiu-se nova mudança de cavalo, por ela se comprovou que, se o difícil touro se adiantava tanto, também bastante se atrasava em sua arte o cavaleiro. Total: zero.

Acabou assim: o último novilho da noite entrou a soprar nos capotes; o sopro com certeza que era só para chatear o povo que estava ali há três horas a ser

chateado, pois soprar era o que menos faltava, dado o vento que durante todo o festejo varreu a praça. Terminado o sopro, pôs-se o animal nas tábuas, de olho vivo e boca fechada para não deixar perceber que se estava a rir, não só dos apuros dos bandarilheiros para lhe meterem ao menos um par, mas também das pessoas que julgavam que já não era possível sair um bicho mais ordinário que os anteriores. O jovem «Espartaco», que é neste momento o matador que mais corridas leva toureac'as, logo o que mais passes tem arreado (a expressão é dele), entendeu que mesmo assim devia aproveitar a ocasião para o preparo físico, e vá de andar pela arena toda atrás do novilho, que seguia o seu caminho sem cuidar do toureiro para coisa nenhuma, tinha o de Espartinas que correr para o ultrapassar, pôr-se diante dele, arrear-lhe um passe, e outro mais além, tempo perdido à procura do luzimento, tão impossível como a omeleta sem ovos, ou a quadratura do círculo, ou a gente aguentar de cara alegre um tal festejo.

Começando e acabando assim, já estão Vossas Excelências a imaginar o que não acon-

teceu pelo meio. Exactamente. Salvo na variante do quinto, que aceitou a lide do Manuel Jorge, morna apesar do «Foguete», os restantes Cabrais não atraíram, apesar da sua tenra idade, o designio que tinham assumido: dar cabo da corrida da Imprensa. Designio aliás facilitado pelo edílico elemento, a que se juntou a interminável pega ao sexto, quando às tantas apareceu uma cernelha salvadora já o pagode se não lembrava do Paulo Caetano, sossegado mas arrastando a lide, sem apanhar o andamento sonso do inimigo, nem sequer uma forma, ainda que bastarda, de alegrar as hostes, como fez o Tomás Campuzano, lá foi arreando passes por alto, manoleitinas, molinetes de pé e de joelhos, rapazes trabalhadores foram os dois espanhóis, até em quites começaram por alternar, viva o luxo, onde não pode existir beleza que fique a boa vontade, na condição de ser breve, já sabem que «lo malo, si es poco, bueno».

O pior é que, entre o começo e o acabar, o mal nem ao menos foi breve, durou três horas. Não é preciso dizer mais nada: e não pensem que se trata duma questão de eloquência, a questão desta vez não era de eloquência, foi de penitência.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

‘O Clarim da Revolta’ de Harold Becker

Não há nenhuma instituição escolar, nenhum professor, que não transmita aos seus alunos um conjunto de valores, uma ideologia. Premeditada e conscientemente ou diluída, mas real. Nos comportamentos institucionais, a ideologia está sempre presente nas coordenadas com que define o Bem, o Belo, isto é, o absoluto para que os educandos devem tendencialmente evoluir.

A questão simples e frave que O Clarim da Revolta vem colocar é a de saber o que acontece quando valores absolutos se confrontam com o real, é a de enfrentar o que aconteceria se, por uma vez, a instituição escolar fosse eficaz levando os alunos a interiorizar esses valores e fazer deles balizas indiscutíveis de conduta.

A situação do filme é, eviden-

temente, extremista (tudo acontece no interior de um colégio militar) mas apenas porque a ideologia se ascrenta o poder de a forçar, isto é, a posse das armas. A questão «armada» (a problemática da guerra, do militarismo etc.) está lá mas, para além dela, o filme funciona como uma metáfora inquieta de algo de mais geral e problemático: que lugar para valores grandes e nobres que a realidade não contempla? Que fazer quando o aluno acredita no professor até ao fim (isto é, até ao ponto de o não pôr em causa)? Como conciliar uma sociedade dissolvente com os princípios que ela quer inculcar nas gerações mais novas mas que, na verdade, está longe de praticar?

O Clarim da revolta é filme que aborda tudo isto de uma forma serena e inteligente, la-

deando as armadilhas simplistas e construindo-se como uma dramática constatação. Ambíguo (ele deixa que o espectador se posicione, derive, se indecisa), recusando uma postura mais concreta que uma genérica perplexidade e um difuso pacifismo, O Clarim da Revolta só não é um filme perfeitamente conseguido porque, sabendo equacionar uma problemática, não consegue resolver-se sem o recurso a um desfecho espectacular e, queiram ou não, apaziguador (mercê do sacrifício dos puros e dos fanáticos). Apesar disso ele tem suficientes qualidades para se poder considerar uma boa surpresa neste Verão de 82.

Ficha:

Título original: Taps.

Realização: Harold Becker (USA-1981)

Argumento: Darryl Poniscan e Robert Mark Kamen, segundo adaptação de James Lineberger da novela «Father sky» de Devery Freeman.

Fotografia: Owen Roizman.
Cenários: Stan Jolley e Alfred Sweeney (art directors). Carl Biddescombe (set decorator).

Música: Maurice Jarre.

Montagem: Maury Montetrobe.
Interpretação: George C. Scott (general Bache), Timothy Hutton, (Brian Moreland), Ronny Cox (coronel Kerby), Sean Penn (Alex Dwyer), Tom Cruise (David Shawn), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes/20th Century-Fox.

Cinemas: Condes e Quarteto.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

TV: cota zero

O interesse de audiência deve ter atingido o nível mais baixo dos últimos anos. Não existe um único programa nacional de grande popularidade, já que Vila Faia se aproveita de um consenso de piedade (de compreensão, se acaso a expressão fere os tímpanos de alguns) e o Retrato de Família não está, por enquanto, a corresponder, não àquilo que dele se esperava, mas àquilo com que as pessoas sonhavam.

No que respeita aos Jogos Sem Fronteiras a RTP parece finalmente ter-se convencido de que a iniciativa não justificava transmissão em directo e difere-a para o dia seguinte. O

que lhes posso garantir e que ninguém ficará em casa de propósito para assistir à coisa.

Não quer isto dizer que, por motivos de Verão, haja substancialmente falta de audiência. Foi antes de ontem, senão me engano, que o Telejornal publicou um breve apontamento de reportagem onde se focava a diminuição do número de utentes do sol e do repouso a tempo inteiro. Certamente, de raspão, lembrou as dificuldades económicas como estando na base do absentismo da praia e do campo. Mas era um apontamento optimista, quase jocoso. As pessoas idas e vindas da praia são próximas — com tudo o que isto significa de bichas, torreia do sol,

incómodo para as crianças e pessoas idosas, perda de tempo, despesa, etc., etc. — tudo isso era apresentado como as alegres soluções de um povo hábil na arte do desenrascamento.

A piada escondia uma verdade. Nunca, depois do 25 de Abril, o povo português viveu tão mal.

Claro que a TV não diz isto por estas palavras. O Telejornal não existe para esclarecer o povo português mas para enganar. A atenção que ela recusa aos problemas e iniciativas dos trabalhadores transfere-a para sectores bem diferentes. É-lhe que tudo faz para popularizar as formas mais agressivas das organizações do patronato. Bem de-

monstrativo desta tendência, ou como agora se costuma dizer desta filosofia, foi a atenção dada ontem ao trabalho conjunto entre o Ministério da Agricultura e a CAP. O Telejornal esforçou-se para apresentar a CAP como legítima e única representante dos trabalhadores, o único e legítimo parceiro social do Ministério da Agricultura! O Movimento Unitário dos Rendeiros do Norte, a Confederação Nacional da Agricultura, a Liga dos Agricultores, os Sindicatos Agrícolas — isso, pura e simplesmente, não existe.

Assim é a TV que estou certo ninguém absolverá.



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



1.º episódio da série «Lou Grant»

- 18.15 Volta a Portugal em Bicicleta — transmissão directa do final da etapa.
18.30 Tempo dos Mais Novos
19.00 País, País
19.30 Desenhos Animados
20.00 TV Motor
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Telenovela — «Vila Faia»
21.35 Goodies
22.10 1.ª Página — com Pinto Balsemão.
22.05 «Lou Grant» — 1.º episódio.
23.50 Volta a Portugal em Bicicleta
00.05 Último Jornal



Maria Cabral numa das cenas de «O Cerco»



- 19.00 País, País
19.30 Portuguesamente Falando
20.30 Informação/2
21.00 Animação/2
21.30 Cinema Português — «O Cerco», de Manoel de Oliveira a Paulo Rocha.

Amanhã



13.02: Primeiro Jornal; 13.30: «Cidade de Pedra»; 14.00: «O Incrível Hulk»; 14.15: Mundo das Ferramentas; 18.15: Volta a Portugal em Bicicleta; 18.30: Tempo dos Mais Novos; 19.00: País, País; 19.30: Desenhos Animados; 20.00: Aprender Saúde; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.00: Boletim Meteorológico para a Agricultura; 21.05: Direto de Antena; 21.10: «Vila Faia»; 21.40: Superstrelas; 22.35: «A Balada de Hill Street»; 23.30: Volta a Portugal em Bicicleta; 23.40: Último Jornal

19.00: País, País; 19.30: Estúdio Aberto; 20.00: «Sítio do Picapau Amarelo»; 20.30: Informação/2; 21.00: Imagem das Letras; 21.30: «A Ilha dos 30 Caixões» — 5.º episódio; 22.30: Programa Musical

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...«Lou Grant»
(22.30)«O Cerco»
(21.30)

...e sugere para hoje...



Após a notícia nos jornais, Luísa Maranhais telefona para o escritório dos Marqueses Vilela, procura por Gonçalo e acaba por falar com Inês quando lhe dizem que o engenheiro não está, lamentando o sucedido.

Na quinta, o marido admira-se por ver todos os jornais diários na sala. Luísa diz-lhe que os mandara comprar para se distrair... Em casa de Zé Diniz, a mãe mostra-lhe um dos jornais da tarde com a notícia.

No armazém, Gudunha confessa que a Mariana queria ficar como guarda de noite mas o encarregado recusa terminantemente.

Fotógrafos chegam ao armazém, enquanto os telefones tocam consecutivamente. Madalena, Diogo e Pedro tentam que Gonçalo abandone o escritório quando chegam Ifigénia e Beatriz.

Na leitura, Tó lê um jornal para Ermelinda, Mariette, Laura e Fernando. Voltando-se para Mariette diz-lhe que agora é que o Gudunha vai preso.

No escritório encontram-se já dois agentes, Lino e Silveira, que perante a vontade de Ifigénia em levar o filho para casa, acabam por se retirar.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Tel. 2112871

NOTARIADO
PORTUGUÊS

VIGÉSIMO QUARTO
CARTÓRIO
NOTARIAL DE
LISBOA A CARGO DA
NOTÁRIA
LICENCIADA MARIA
DE LURDES PINTO
DAMÁSIO

Certifico, narrativamente e para efeito de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de folhas noventa e quatro a noventa e quatro, verso, do livro de notas para escrituras diversas número onze-B, deste Cartório, foi dissolvida e dada como liquidada a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a firma «Brites e Fortes, Limitada», com sede na Rua da Beneficência, números quarenta-B e quarenta-C, desta cidade de Lisboa.

Está conforme o original na parte transcrita.

Vigésimo Quarto Cartório Notarial de Lisboa, catorze de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

O AJUDANTE

(AMÉLIA MARIA FERREIRA AFONSO FRANK)

OLHE O PERIGO
DE
FRENTE!

SE GOSTOU DA TURMA DOS REPETENTES
NÃO PERCA A CONTINUAÇÃO

OS REPETENTES EM FÉRIAS

LES SOUS-DOUÉS EN VACANCES



As aventuras mais loucas deste Verão!

GUY MARCHAND · DANIEL AUTEUIL · GRACE DE CAPITANI

realização: Claude Zidi

CASTIL · ROMA

9.ª SEMANA

selecção: Sacil

Caminhos de Ferro
Portugueses

SUCATAS

Está aberto concurso público até 26/8/82, para adjudicação para desmantelamento de:

5 CARRUAGENS

3 FURGÕES

6 VAGÕES

Estacionados em estações da linha de Guimarães.

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX, telefones 86 97 60 a 68 ext. 229.

Caminhos de Ferro
Portugueses

ASSISTENTES DE VIAGEM

Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., pretendem admitir ASSISTENTES DE VIAGEM destinadas a operar a partir do PORTO e de LISBOA e outras para o serviço nas estações de AVEIRO E COIMBRA.

CONDIÇÕES EXIGIDAS:

- Idade compreendida entre os 18 e os 25 anos.
- Habilitações — nível de 11.º ano, dando-se prioridade às possuidoras de cursos regulares de turismo ou guias-intérpretes de escolas reconhecidas oficialmente.
- Conhecimento de línguas — Francês e Inglês, sendo condição de preferência possuir também conhecimentos de Alemão.

OFERECE-SE:

- Vencimento adequado
- Estabilidade de emprego
- Regalias de transporte em caminho-de-ferro extensivas a familiares
- Outras boas regalias sociais.

As interessadas que preencham as condições deverão contactar por escrito, até 5/8/82, o Sector de Recrutamento — Calçada do Duque, 20 — 1294 Lisboa Codex, ou o Sector do Pessoal da Região Norte — Porto (S. Bento).

roteiro cultural

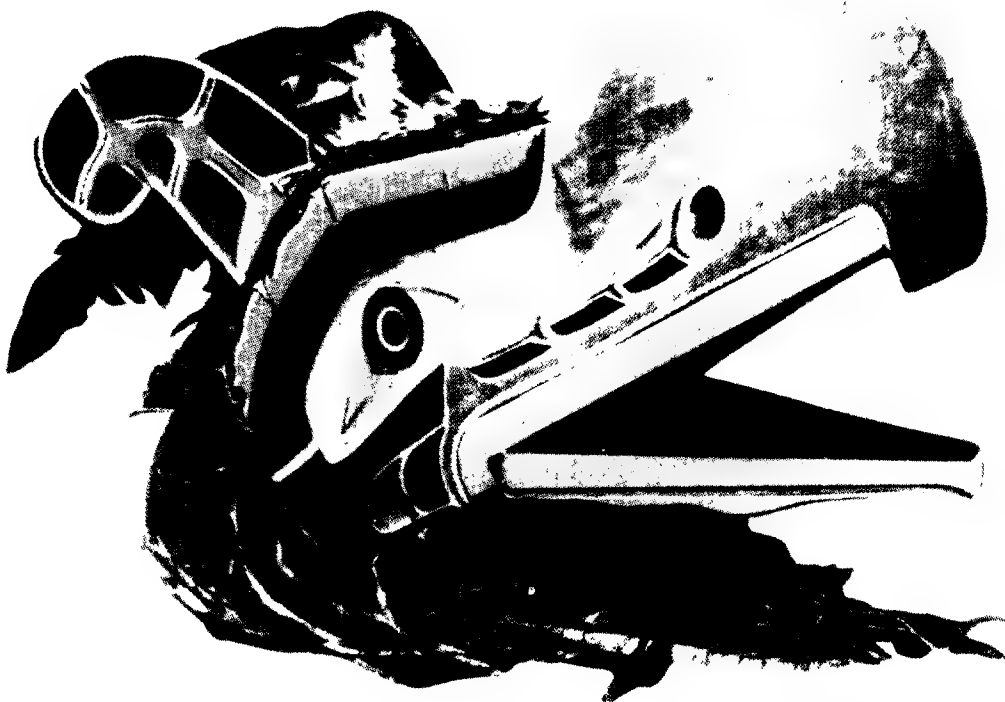
Teatro

«A Classe dominante» só está em cena até sábado, já que de 15 a 31 de Agosto a carreira da peça de Peter Barnes, em 2.º mês de representações no Teatro Vasco Santana, vai ser interrompida por motivo de férias da companhia Teatro Estúdio de Lisboa estando prevista a sua reposição a partir de 2 de Setembro.

Marcel Marceau vai estar ao vivo em dois espectáculos, hoje e amanhã, às 21.30, no Casino Estoril. Palavras do grande artista: «A Mimica é a arte de identificação do homem com as personagens, os elementos e os objectos que nos rodeiam. Arte de atitude, revela ao homem as suas aspirações mais profundas e secretas.» A não perder.

Música

Os grupos de rock UHF e Heróis do Mar irão tocar juntos pela primeira vez numa digressão pelo Algarve. Os concertos das duas bandas estão marcados para hoje em Vila Real de Santo António (Praça de Touros), amanhã em Faro (Esplanada São Luís) e no sábado em Portimão (Estádio de futebol do Portimãoense). Os concertos dos UHF e Heróis do Mar servirão para promover os dois últimos trabalhos das bandas, respectivamente «Estou de Passagem» e «Amor». Os UHF



A cultura e a arte dos índios no Canadá constituem o tema da exposição «O Povo do Cedro», a inaugurar amanhã em Almada

receberam o prémio de melhor banda rock portuguesa, atribuído pela Casa da Imprensa.

O Festival de Música do Convento dos Capuchos, no Monte da Caparica, prossegue hoje, às 21.30, com «Uma Hora com Igor Stravinsky» (comemorações do I centenário

do nascimento do compositor). Direcção e piano: Constança Capdeville e João Paulo Santos. Cantores: Helena Vieira, Marina Ferreira, Manuela Santos, Anabela Rosado e António Wagner. Cenografia: Paulo Cardoso. Luzes: Manecas.

Festival ecológico

Organizado pelo grupo ecológico «Terra Viva», do Porto, decorre até domingo em Miranda do Douro um Festival Ecológico que visa protestar contra a construção da central nuclear de Sayago, Espanha.

Uma exposição sobre o movimento ecológico internacional estará patente durante o Festival, que inclui ainda um ciclo de colóquios e debates sobre energias alternativas à energia nuclear. No âmbito do encontro, decorrerão iniciativas de carácter recreativo-cultural, nomeadamente Jogos Populares Transmontanos, animação infantil e actuação de grupos folclóricos.

Rádio

Destques do Programa 2 da RDP: hoje, às 17 horas, «Os Olhos Férteis» — o romance sobre Hollywood — um género particular da literatura americana (realização de Hermenegildo Gomes); às 19 horas, Para Além da Leitura — O Simbolismo em Portugal, «Sentimento de um Ocidental», de Cesário Verde, dois poemas de Ruy Belo (realização de Carlos Achmann).

Exposições

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, inaugura-se hoje, pelas 18 horas, uma exposição de Gravura e Desenho de trinta artistas de Lisboa, perfazendo uma centena de trabalhos. Simultaneamente, inaugura-se uma exposição de cartazes de ópera, editados pelo «Grupo dos Amigos do Teatro do S. Carlos», da autoria de Emilia Nadal, Fernando de Azevedo,

José de Guimarães, Luis Filipe de Abreu, Manuel Cargaleiro e Nikias Skapinakis. Estas exposições, constituídas essencialmente por múltiplos, procuram servir um público amplo, dada a qualidade das obras assinadas por alguns dos melhores artistas portugueses e o seu preço acessível.

O Museu do Mosteiro da Batalha inaugura no próximo sábado uma exposição temporária sobre «Música no Séc. XV — Os Instrumentos Musicais Representados no Mosteiro da Batalha». A exposição propõe ao público um conhecimento e leitura dos vários instrumentos musicais que estão esculpidos no pórtico principal do Mosteiro, utilizando para isso grandes reproduções fotográficas, textos e enquadramento e uma história em banda desenhada, especialmente executada para o efeito.

No mesmo dia ficará também patente ao público uma mostra das peças executadas por 7 jovens escultores portugueses, durante o atelier de escultura que o Museu manteve em funcionamento até 7 de Agosto.

«O Povo do Cedro», exposição sobre a cultura e a arte dos índios no Canadá, é amanhã inaugurada, às 18.30, na Oficina de Cultura, em Almada, numa iniciativa do município almadense e dos Serviços Culturais da Embaixada do Canadá.

COMPRA-SE

Empilhador eléctrico em 2.ª mão
Capacidade 1200 kg
Preferência com pinça para manusear papel

Resposta a este jornal, ao n.º 28 705

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeções
Av. João XXI, 5-D — 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16, 55-C — 1300 LISBOA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	56825	61825
ALEMANHA FED. (marco)	33890	35900
AUSTRIA (xelim)	4870	4890
BELGICA (franco)	18612	18612
BRASIL (cruzeiro)	1180	1430
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	68810	70810
notas de 5 a 1000	68860	70860
DINAMARCA (coroa)	9675	10615
ESPAÑA (peseta)	5716	5816
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	85850	87850
notas de 5 a 1000	86800	88800
FINLÂNDIA (marca)	17380	18340
FRANÇA (franco)	12815	12885
HOLANDA (florin)	30880	31880
INGLATERRA (libra)	145880	149880
IRLÂNDIA (libra)	117815	121815
ITALIA (lira)	8055	8065
APAO (lira)	8295	8330
NOVA ZELÂNDIA (dólar)	12860	13810
SUECIA (coroa)	13875	14835
SUIÇA (franco)	38870	40880
SWITZERLAND (franco)	17870	18870

Observações

- No respectivo a moedas estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; 17.30: Manéiras de falar; 18.30: Ontem, manchete de amanhã; 19.00: Música; 20.00: Programa da noite; 20.15: «O Retrato de Ricardina»; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Livre e directo; 22.00: Diário da Voz; 23.00: Actualidade; 23.30: Último jornal

2.º Programa

15.30: Que quer ouvir; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: Poemas sinfónicos; 18.05: Obras de Spohr, Mahler e Webern; 19.00: Para além da leitura; 19.45: Música de órgão; 20.10: Música de piano; 21.00: Música de câmara de Telemann e Mozart; 22.00: Transmissão directa das cerimónias religiosas de Fátima; 00.00: Duos para violinos; 00.30: Intérpretes portugueses; 01.00: Fecho

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.03: Matiné; 15.45: Teatro trágico; 17.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculos; 20.30: Quando o telefone toca (1.ª edição); 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.03: 24.ª hora: Notícias de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Disco-toca; 21.03: ABANDAJAZZ; 22.03: Café concerto; Notícias de hora a hora

RADIO RENASCENÇA OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: De no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Transmissão directa do Santuário de Fátima das cerimónias do dia; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Mediando. Notícias intercalares às 15.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao do OM e FM de Lisboa excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos à uma; 21.00: Programas culturais; 21.30: Via Láctea

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 499

HORIZONTAIS:

- Frutos da lmeira. Da parte de cá.
- Formara as abas a. Porcaria.
- Proprietária. Espera deferimento.
- Faz doação de. Ralo de confissão.
- Povoação do concelho de Condeixa. Esteiro Compaixão.
- Rapisa.
- Utensílio doméstico Roer. Post scriptum.
- Antigo testamento. Torces.
- Antena náutica. Autores. Letra grega.
- Dessem mios (os gatos)
- Guarnição de asas. Nome de mulher

VERTICAIS:

- Lata. Prémio (fig.).
- Concelho do distrito de Cabo Delgado. Prendeis.
- Ordenar. Recusa.
- Jarro (planta). Érbio (s.q.). Césio (s.q.).
- Freguesia do concelho de Ponte Lima. Arqueras.
- Pequeno barcu de recreio. Preposição.
- Carta de jogar. Guardava segredo.
- Procura. Educa.
- Tramada Porco.
- Érbio (s.q.). Verso Semelhante.
- Zombaria. Irrita.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9359

HORIZONTAIS:

- Cidade da Alemanha.
- Lavrar. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
- Anel Habitante da Malásia
- Nome de mulher Nosso Senhor
- Indígenas Preposição.
- Desenrugaras.
- Em as. Abreviatura de Santíssimo Amónio (s.q.).
- Caminhar. Enterrara em atacadouro
- Sinal Seguias.
- Ósmo (s.q.). Cupido. Um cento.
- Amargo Sufixo que designa abundância.

VERTICAIS:

- Vossa Alteza. Sem nome (pl.).
- Indignada. Lavras
- Magalas
- Enguia. Vi (inv). Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachão
- Alcançara com a vista
- Bondoso. Serra de Portugal
- Sufixo que designa estado
- Ave pernaltá. Apellido. Juízo.
- Amofina. Casta.
- Grande. Cidade da Ásia Menor. cap da Síria.
- Aquela que depois de morta foi rainha. Pertences.
- Sadios. Largo de Lisboa

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 498

HORIZONTAIS:

- Ab; Aquecera.
- Romeu; Sério.
- Atirem; Rea.
- Morem; Cromo.
- As; Rio; Or.
- C. BEM; Asa.
- AR; Som.
- JEJUA; Acre.
- Arno; Aló.
- Aluá; Pá; Ma.
- Soas; Armes.

VERTICAIS:

- Arame; Ajaas.
- Boto; Cresto.
- Miras; Jóia.
- Aérea; Lufas.
- QUEM; Ao.
- Res; Pá.
- Es; Cimo; Aar.
- Cerro; MAL.
- Éreo; COME.
- Rismos; As.
- Ao; Orates.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9358

HORIZONTAIS

- Canas; Aparo.
- Ataca; Irais.
- Musa; Uses.
- Pá.
- Amorteceram.
- Mo; Sa; Ele.
- Com; Mimos.
- Tal Eco.
- Erin; Lusas.
- Oprimam; Ter.
- Rá; Arredara.

VERTICAIS

- Campas; Teor.
- Actuam; Carpa.
- Nas; Omo; Ir.
- Aca; Rménia.
- Sá; AT; Mr.
- Esmoiar.
- Ais; Cai; Ume.
- Prevé; Ois.
- Aas; Rem; Ata.
- Ri; Sala; Ser.
- Osa; Mesa; Ra.

Proverbo: Bem jejua quem mal come.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 21.30 e 24 - Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA
 Às 14.30, 15.30 e 18.30
 - Últimas
UM HOMEM E UMA MULHER

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
 - N. ac. men. 13 a.
DR. NO, AGENTE SECRETO 007

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
O FILHO DO DRAGÃO

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 15, 18.15, 21.30 e 00.30
 - Int. men. 13 a.
TESS

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
OS MALUCOS EM HONG-KONG
 - N. ac. men. 13 a.

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
CELEBRES E RICAS
 Um filme de George Cukor
 13ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para Todos
 Festival Walt Disney
O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO
 3ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS
 4ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
ESPLendor NA RELVA
 Às 24 - N. ac. men. 18 a.
QUADRILHA SELVAGEM

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
SEXO MECÂNICO
 Pornográfico - Hardcore
 Às 24 - N. ac. men. 18 a.
A FÚRIA DO ASSASSINO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 21.30 - N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
 Às 14.30, 16.45 e 19
THE JAZZ SINGER

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
AS 5 RAINHAS DO KARATE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
O FILHO DO DRAGÃO
 c/ Bruce Lee
 Um filme de William Beaudine

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
TRANSEUROPA EXPRESS
 Às 15.30 e 18.30 - Últimas
O OVO DA SERPENTE

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
SEXO LOUCO
 3ª Semana

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
PATTON
 Às 15.15 e 18.30 - Últimas
GANSOS SELVAGENS

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
 7ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
BRUCE LEE E EU

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 21.30 - Int. men. 13 a.
UM «CHUI» DE BLUE JEANS
 Às 15.15 e 18.15 - Últimas
OS HERÓIS DE TELEMAR

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
A SEMEIRA DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
OS TRAIDORES
 2ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
PRAIA SANGRENTA
 2ª Semana

«Os Repetentes em Férias» estão no Castil/Mundial/Roma.
 Vá vê-los!



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO
 de Ikuo Shimoto

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
 - Int. men. 13 a.
GLÓRIA

SALA 3

Às 15, 17, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a.
JONAS

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.15
 - N. ac. men. 18 a.
O CLARIM DA REVOLTA
 (TAPS)
 de Herold Becker

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
 Os repetentes estão de volta! Desta vez
 e em continuação
 Mais um grande êxito de gargalhada e
 juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
ELE SABE QUE ESTÁ SÓ

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 21.30 - Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA HONÇA
 Às 14.30 e 18
AS PORTAS DO CÉU

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
 - N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
 c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
 34ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
 c/ Warren Beatty e Diane Keaton
 20ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
 - Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE PREVIU O AMANHÃ
 14ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 88

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
 - N. ac. men. 13 a.
007 O HOMEM DA PISTOLA DE OURO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18.00 e 21.30
 - N. ac. men. 13 anos
 Um filme de Claude Lelouch
UNS E... OS OUTROS
 43ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

- N. ac. men. 13 a.
 Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
ELVIS, O ÍDOLO IMORTAL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
 Int. men. 13 anos

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
O HOTEL DA PRAIA
 c/ Mynam Boyer e Daniel Ceccaldi
 2ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
BECO SEM SAÍDA
 c/ Dustin Hoffman
 2ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Porky's», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «O Porteiro da Noite», às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - «Porky's», às 21.30 (13 anos)

2000 - «Ben-Hur», às 21.30 (13 anos)

RETELO - «Por Favor não Mexam nas Velhinhas», às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «O Furor Sexual de Jennifer Welles», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - «Eles e o Sexo», sessões permanentes (18 anos)

CITY CINE - «O Último Tango em Paris», às 21.30 (18 anos)

POLITEAMA - «A Vingança dos Bárbaros», às 17.00 e 21.15 (13 anos)

OLIVAS - «Norma Rae», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «O Rei da Montanha», às 21.30 (13 anos)

PÁTRIA - «A Última Valsa», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «Sissi, Jovem Imperatriz», às 21.30 (Todas)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «O Uivo da Fera», às 21.30 (18 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «A Nova Inquilina é um Espanto», às 21.15 (18 anos)

OBRAS - Oeiras-Cine - «Bananas», às 21.30 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «Amor Sem Barreiras», às 17.00 e 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Palácio - «Viagens Alucinantes», às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Impala - «A Rapariga de Ouro», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - Oxford - «Excalibur», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

COSTA DA CAPARICA - Silcine - «Uns e os Outros», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Cine-Almada - «Chamada Misteriosa», às 21.30 (18 anos)

ALMADA - Incrível - «A Brecha», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «O Homem da Maratona», às 21.15 (18 anos)

TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Homens do Diabo», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «A Grande Jogada», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine-Plaza - «Os Malucos no Supermercado», às 21.30 (Todas)

AMADORA - Lido - «Destorça Apache», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine-estúdio - «Chamada Misteriosa», às 21.30 (18 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «A Batalha de Midway», às 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaty - «A Lei do Ódio», às 21.30 (18 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Ambição de Glória», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM - São José - «Quatro

Penas Brancas», às 21.30 (13 anos)

ALHANDRA - Salvador Marques - «Festa Privada», às 21.30 (18 anos)

Porto

FOCO - «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «Reds», às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «Uns e os Outros», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «1941, Ano Louco em Hollywood», às 21.15 (13 anos)

BATALHA - «Continuam a Chamar-me Trinitá», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - «O Magnífico Agente Secreto», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Os Seis Gloriosos Patifes», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «Porky's», às 21.30 (13 anos)

RAIONE - «Dupla Suspeita», às 21.30 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Prazer Absoluto», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-A - «007 o Agente Irresistível», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L - «O Compromisso», às 21.15 (18 anos)

CHARLOT - «Um Violino no Telhado», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO - «Malícia», às 21.30 (18 anos)

SALA BEBÉ - «Duas Mulheres Apaixonadas», às 21.45 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE-AVENIDA DO BRASIL - Maribel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235)

ARCO CEGO - Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (T. 547088); CHELAS-COLÉGIO VALSASSINA - Santos Silva, zona n.º 2 de Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 388255); ESTRELA-INFANTE SANTO: Alb. R. Santana à Lapa, 156 (T. 663562); INTENDENTE-CINEMA ROXY: Mega-Inês, Av. Almirante Reis

4-D-F (T. 549579); POÇO DOS NEGROS: Modelar, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); REGO: G. Silva, R. Francisco Tomás Costa, 3-A-C (T. 7718824); RIO SECO: Blotford, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); ROMA-TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); SÃO VICENTE: Ross & Viagens, R. São Vicente, 31 (T. 864351); ALGÉS: Cabrita, Parque Residencial Miraflores, lote 12 (T. 2101486); BRANDO: Taveiras de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139).

REFORÇO

ALCANTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-5-B (T. 637563); ALTO DE SÃO JOÃO: Oriente, R. Lopes, 120 (T. 843381);

teatros

Lisboa

BAIRRO ALTO - «A Garvota», às 21.30 (13 anos)

ABC - «Chá e Borrachas», às 20.30 e 23.00 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Um Calice de Portov», às 21.30 (13 anos)

O REALEJO - «Nô Cego», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA - Confinça, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149) Permanente; Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). Até às 22 horas; DAMAIA - Confinça, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231) Permanente; QUELUZ: Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; CACÉM: Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 294003) Permanente; MEM MARTINS: Mirança Garcia, R. de Mem Martins, 173 (T. 2914103) Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; RIO DE MOURA: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; SINTRA: Memórias, Estrela (T. 2930058) Permanente; COLARES: Alentejo (T. 299068).

Outra Banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 49. Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25. Permanente; BARREIRO: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259. Permanente; LARANJEIRO: Tovar Chaves, Feijó. Permanente; COSTA DA CAPARICA: Carlos. Até às 19 horas; SEITUBAL: Normal, P. do Bocage, 137. Permanente; MOREIRA MARTINS: P. Olga Sarmiento, 14. Até às 22 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028), AMORA: Nobre Geureiro, R. Dr. Emlido G. Mendes, 314 (T. 2212923); SEIXAL: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560). Até às 22 horas; MONTIJO: Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008), MOITA: Silva Rocha, 8 (T. 239029); ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250), ALCÓCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

LOURES: Sarriva, Av. da República, 86. Até às 22 horas; MOSCAVIDE: Banna, Av. Moscavide, 22. Até às 22 horas; SACAVÉM: Maria R. Salvador Alentejo, lote 2. Permanente; CAMARATE: Mendonça, Apelação. Até às 19 horas.

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agências, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20854/5

PORTO PAGO



O TEMPO	
MARES DE HOJE	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.55 3,4 m 2.22 1,4 m	21.23 3,4 m 14.51 1,5 m
Dia 13	
10.03 3,4 m 3.29 1,5 m	22.41 3,4 m 16.08 1,6 m
TEMPERATURA DO AR	
ÀS 9 HORAS	
VIANA DO CASTELO	23°
BRAGANÇA	22°
VILA REAL	24°
PORTO	19°
P. DOURADAS	22°
COIMBRA	24°
C. CARVOEIRO	24°
PORTALEGRE	23°
LISBOA	20°
ÉVORA	24°
BEJA	24°
SAGRES	21°
FARO	23°
P. DELGADA	19°
FUNCHAL	22°

últimas

Henry Fonda à morte

A vida do actor de cinema Henry Fonda deverá estar a ser mantida artificialmente, segundo se depreende de declarações feitas quarta-feira pelos seus filhos, Jane e Peter.

Informações chegadas a Washington revelam que o filho mais novo dos Fonda, Peter, manifestou a sua oposição a que o seu pai fosse mantido artificialmente vivo e afirmou que a família decidiu «que ele deve morrer com dignidade».

Estacionário dentro da gravidade era ontem o estado de saúde do actor, de 77 anos, afectado por problemas cardíacos e infecciosos, e internado num centro médico de Hollywood.

Jane Fonda desmentiu posteriormente que Peter tenha feito estas declarações e «em todo o caso, essa decisão é um assunto totalmente privado». «O meu pai não chegou ainda a esse extremo», disse a actriz.

QUATRO PESSOAS pereceram afogadas e outras 77 são dadas como desaparecidas em consequência do naufrágio da passada quinta-feira dum navio no estreito de Madagascar, entre as ilhas Celebes e Bornéu, indicou, na quarta-feira, a Direcção-Geral das Comunicações Marítimas indonésias. Duzentos e quarenta e quatro passageiros do «Hasrat Mulia» puderam ser salvos por dois outros navios indonésios que navegavam próximo do local onde o barco sossobrou depois de ter colidido com um banco de corais, esclarece-se da mesma fonte.

DOIS AVIÕES comerciais DC-3 colidiram ontem em pleno voo perto da cidade de Villavicencio, a 140 km para sudeste de Bogotá - segundo anunciaram as autoridades da aeronáutica civil colombiana. Ignora-se ainda o número de vítimas, desconhecendo-se também quantas pessoas seguiam a bordo dos dois aparelhos.

«Sou um brasileiro romântico e sensual, que vive a vida admirável do povo da Baía», afirmou, na 2.ª feira, em entrevista ao Diário «Globo», do Rio de Janeiro, o escritor Jorge Amado, que acaba de fazer 70 anos.

Apesar de ter tentado comemorar o seu septuagésimo aniversário na intimidade familiar, Jorge Amado não o conseguiu fazer, visto passar, também, a data do cinquentenário da sua vida literária.

Assim, o célebre escritor brasileiro não conseguiu fugir às entrevistas nem deixar de falar das suas novelas, nas quais, segundo as suas próprias palavras, estão «os que trabalham, lutam, amam e morrem, anónimos, sofredores, explorados».

Jorge Amado estreou-se como escritor aos 20 anos de idade, ao publicar, em 1932, a obra «País de Carnaval», livro que desde logo constituiu um êxito para a

crítica mas não a nível de vendas.

Três anos mais tarde, porém, Amado mostrou toda a sua força criativa ao publicar a polémica novela «Cacau», censurada e proibida de circular pela polícia de Getúlio Vargas. Era um libelo contra os poderosos fazendeiros do cacau do Estado da Baía, terra natal do escritor. Contudo, a acção policial apenas conseguiu favorecer a divulgação do livro, cuja primeira edição, de 2000 exemplares, se esgotou em pouco mais de um mês.

Depois, por cada novela publicada, Jorge Amado foi colecionando êxito sobre êxito. Hoje, aos 70 anos, o escritor tem publicados 26 títulos, já traduzidos em 38 idiomas diferentes.

Nascido a 10 de Agosto de 1912, Amado não foi apenas escritor: nos anos 30, projectou-se também na política, aproximou-se e militou no Partido Comunista Brasileiro, pelo qual, em

1946, foi eleito para a Assembleia Nacional Constituinte, pelo Estado da Baía.

A seguir, depois de «Cacau», nova novela de Amado, «Capitães na Areia», publicada em 39, foi apreendida e queimada, em plena praça pública, pela polícia do ditador Getúlio Vargas. Contudo, segundo palavras do próprio escritor, «Capitães na Areia», tal como «Mar Morto» e «Tenda dos Milagres», têm a sua origem na novela «Jubiabá», de forte conteúdo social, onde é denunciada a discriminação racial no Brasil.

Nessa época, explica o escritor, a literatura de teor social era obrigatoriamente acompanhada do discurso político. Amado acrescenta, porém, que, com a maturidade, abandonou o discurso político, mas não a temática social, pois sempre foi o escritor dos pobres, dos vagabundos e das prostitutas.

Amado explicou que, na sua época, nunca poderia ser o escri-

tor do proletariado por que ainda não havia classe operária no país, como a que existe agora.

«Os meus heróis encontram-se entre os desamparados, os mais sujeitos à violência, a gente mais pobre da nossa gente. O melhor da literatura brasileira, desde o seu início até hoje, é feito com a carne e o sangue do nosso povo», afirma Jorge Amado.

Devido às suas actividades políticas, Jorge Amado teve de fugir, por duas vezes, do Brasil. A primeira, em 1941, quando se asilou em Buenos Aires e escreveu «Cavaleiro da Esperança», um livro sobre Luís Carlos Prestes, ex-secretário-geral do PCB. Um ano mais tarde, quando da decisão do governo brasileiro de declarar guerra a Hitler e Mussolini, decidiu, como outros asilados, regressar ao Brasil, onde foi imediatamente preso.

Em 1946, após a queda da ditadura de Vargas, Amado foi eleito para a Assembleia Consti-

tuinte, pelo PCB. Contudo, o seu período de legalidade foi curto. Em 1947, o Supremo Tribunal Federal anulou o registo do PCB e todos os seus deputados foram, uma vez mais, obrigados a exilar-se.

Amado viveu, então, três anos em Paris e dois em Praga. Mas já tinha fixado o seu nome na literatura brasileira e do continente.

Hoje, segundo as suas próprias palavras, procura o exílio para poder escrever com calma. No Brasil, a sua popularidade impede-o de se dedicar com maior afinco à literatura. Recentemente, para concluir uma das suas últimas novelas, «Tieta do Agreste», foi obrigado a permanecer cinco meses em Londres.

Para comemorar os 70 anos de idade e os 50 de literatura, Amado já está a escrever novo livro, ainda sem título, onde se trata da fundação de uma cidade no mundo do cacau, no início do século.

Diferendo entre os bancos italianos e as autoridades luxemburguesas

Os grandes bancos italianos possuidores de «holdings» no Luxemburgo asseguraram formalmente na quarta-feira às autoridades do grão-ducado que garantem o conjunto das operações efectuadas por estas sociedades neste país.

Esta declaração constitui resposta ao ultimato que lhes foi endereçado na segunda-feira pelas autoridades monetárias luxemburguesas para que «garantissem adequadamente» qualquer dívida eventualmente contraída pelas suas filiais instaladas no grão-ducado. Em Luxemburgo foi esclarecido que esta exigência foi feita a pedido de institutos luxemburgueses dependentes de institutos de crédito de outros países.

Consequência directa da recusa do grupo bancário que retomou as actividades do Banco Ambrosiano de assumir a responsabilidade do endividamento externo, cerca de 1280 milhões

de dólares do primeiro banco italiano, este ultimato suscitou emoção considerável nos meios financeiros italianos, preocupados com o seu crédito.

Foi decidido expedir certificados de garantia na sequência duma reunião de vários horas entre representantes do banco de Itália e dos grandes bancos do país.

Porém, uma fonte bem informada revelou ontem à noite que estas garantias não devem ter efeito retroactivo. Por outras palavras e contrariamente ao que se julgou de início, não cobrirão a

responsabilidade do Ambrosiano Holding, que encabeçava seis dezenas de filiais estrangeiras do banco Ambrosiano e cuja sede é em Luxemburgo.

Desde o começo do escândalo em meados de Junho, tanto as autoridades monetárias do grão-ducado como os meios financeiros internacionais, designadamente a city de Londres, têm pressionado o banco de Itália para que cumpra a concordata de Basileia que o obriga a cobrir a dívida contraída fora de Itália pelo banco de Roberto Calvi.

Entretanto foi apresentada a

um tribunal de Milão na quarta-feira uma declaração de insolvência do «Banco Ambrosiano SPA», a empresa mãe cuja liquidação forçada foi ordenada na passada sexta-feira. Os juízes milaneses pronunciaram-se em 19 do corrente, e a confirmação da insolvência libertaria oficialmente o grupo bancário que está a administrar o Ambrosiano de qualquer responsabilidade di-

recta no endividamento de Holding Luxemburguês, pensam os observadores.

Por outro lado, o conselho de administração do «Nuovo Banco Ambrosiano», que tomou a sucessão do antigo estabelecimento anunciou ontem a sua intenção de ceder todas as participações directas e indirectas que não dependam do sector bancário.

Portugal e as agressões

Continuação da pag. 1

movimento que lidera a luta pela independência do povo da Namíbia, violou, um vez mais, o território da República Popular de Angola, destruiu, assolou, espalhou o terror e a morte.

O sucessos da República da África do Sul como país agressor terão inspirado os agressores do Estado de Israel. O êxito dos agressores de Israel contra a OLP, a indiferença, com que a sociedade internacional e a ONU, assistem à acção brutal e criminosa contra um Estado soberano e os direitos humanos, consentem e animam a nova acção dos agressores sul-africanos.

No Líbano e em Angola é a lei da selva.

No Líbano os sucessivos acordos de cessar-fogo são sucessivamente violados; uma cidade é sistematicamente destruída. Em Angola, as centenas de combatentes do movimento de libertação nacio-

nal do Povo da Namíbia são exterminados a ferro e fogo.

Vem ao caso saber se a conspiração passou por Lisboa. Parece-nos que o Governo terá que responder às inquietações da opinião pública e definir uma atitude, moral e política, em face das agressões, das violações territoriais, dos crimes que impunemente são cometidos. E, também, quanto à utilização do território nacional como paraíso de conspiradores.

Nem os agressores da República do Líbano, os destruidores de Beirute, os frios exterminadores de palestinos; nem os racistas sul-africanos podem encontrar, da nossa parte, a menor sombra de indiferença perante as suas acções que são crimes — a recordar os dos nazis — contra a Humanidade.

O Governo de Portugal terá que cumprir a política de paz e de cooperação internacional que a Constituição da República prescreve.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO - 20 140 - 36 000 CONTOS
 2.º PRÉMIO - 65 177 - 6 000 CONTOS
 3.º PRÉMIO - 8 268 - 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habitue-se para a próxima extracção aos nomes da CASA DA SORTE

em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

20 139 - 426.960\$00
 20 141 - 426.960\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

348; 5 126; 7 064; 7 313; 11 448; 19 465; 20 461; 22 069; 22 074; 22 116;
 22 470; 25 105; 25 757; 28 944; 30 913; 32 780; 33 584; 34 628; 35 791; 36 088;
 38 907; 39 579; 43 498; 43 567; 46 940; 47 429; 50 343; 52 473; 54 275; 58 781;
 61 430; 61 532; 63 946; 64 728; 66 693; 71 239; 73 403; 74 656; 76 170 e 77 458.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000\$00 - 253; 261; 449; 601; 622; 748; 773; 795; 800 e 882.
 12.000\$00 - 140; 177 e 268.
 6.000\$00 - 08 e 18.
 2.400\$00 - 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)

8 201 a 8 300; 20 101 a 20 200; 65 101 a 65 200.

NOTA: O direito aos prémios prescreve-se...

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

UNIAO SOVIETICA

PROGRAMA "A" - 8 DIAS

Moscovo e Leninegrado

PARTIDAS: AGOSTO, 3 e 17
 JULHO...13 SETEMBRO... 07

PROGRAMA "B" - 15 DIAS

MOSCOVO - KIEV - MINSK E LENINEGRADO

PARTIDAS: AGOSTO, 31 SETEMBRO, 14

INFORMAÇÕES E RESERVAS

abreu

LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
 LISBOA Avenida de Roma, 66 Tel. 803609
 PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel. 917921
 PORTO R. Eug. Castro, 256 (Foco) Tel. 691686
 COIMBRA Rua de S. 2 Tel. 2701176
 FARO Avenida da República, 124 Tel. 25035/6
 FUNCHAL Rua do Garguinho, 1 Tel. 31077/8

ALEMANHA ROMANTICA

AVIÃO + AUTOPULLMAN E CRUZEIRO NO RENO

9 DIAS - VISITANDO:
 FRANKFURT - HEIDELBERG
 LINDAU - GARMISCH
 MUNIQUE - ROTEMBURG
 NUREMBERGA

PARTIDAS
 SET. 2, 9 e 23
 AGO. 5 e 19 - OUT. 02

INFORMAÇÕES E RESERVAS

abreu

LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
 LISBOA Avenida de Roma, 66 Tel. 803609
 PORTO Avenida dos Aliados, 207 Tel. 917921
 PORTO R. Eug. Castro, 256 (Foco) Tel. 691686
 COIMBRA Rua de S. 2 Tel. 2701176
 FARO Avenida da República, 124 Tel. 25035/6
 FUNCHAL Rua do Garguinho, 1 Tel. 31077/8

A sangria do Manuel Vielas

Miguel Ehrlich

I

Vocês tiraram-me a alegria de viver, amigos meus. Lutaram pelo que não tiveram e tiveram aquilo por que não lutaram. De todos modos, a vida ter-nos-ia devolvido ao vinho e o vinho à vida, pois há muito já que o pacto de sangue se convertera numa sangria interminável.

Daquelas noites, continua ecoando o eco de passos já passados, adentrando-se na escura travessa, enquanto a luz ocasional de uma janela serve de claraboia alegórica a um deambular sem fim. Chumpávamos as essências a essas noites até deixá-las exangues. Só então voltávamos a nossos leitos sepulcrais com a consciência do prazer cumprido. Aquela era a irmandade dos que retomam ao anoitecer, à volta da mesa do café, o tema de que o dia nunca contou. Não perdoávamos uns aos outros a repetição do gesto ou da palavra que tornava, se possível, ainda mais odiosa a participação de cada um naqueles desanimados festejos. Entre nós, a vida acabava por adquirir o aspecto que têm as borras no fundo da chávena de café, se-creção de um tédio onde remexíamos a colher da nossa importância. Mas tínhamos algo em comum: contávamos os anos pelos dedos e não sabíamos contar as semanas e os meses.

A saída definitiva já fora dada pelo Manuel naquela madrugada; ignorando-o ainda, continuávamos a deitar mão a todos os estratagemas susceptíveis de atrasar o momento de ver como ficava grisalha a noite.

— Às vezes, sou apenas um grito ou um choro nas trevas — dissera o Manuel —, outras, nem isso...

Depois, segundo ele, tudo se calava à sua volta, e era como se ficasse amordaçado na própria placenta.

— No emaranhado que é a minha memória — prosseguia — rompeu-se o fio que a unia àquilo que sou agora. Vocês olham para mim, eu para vocês, e é como se nos velássemos mutuamente...

— Por vezes a infância pode resumir-se a um simples cão amarelo cruzando uma estrada poeirenta — retorquira o nonagenário poeta Renato. — Pelo que me diz respeito, não sei como dura o tempo; só sei que se me tornou pequeno o longo caminho trilhado e não concebo mais distância senão a que me separa dos outros.

Na boca esquisita do laureado escultor surrealista Pam, aquilo adquirira a lúgubre ressonância de uma hora exacta num relógio de parede:

— Está uma noite boa para suicídios...

Era verdade que nós dizíamos

«a noite em que fulano ou cícrono se matou», e que nesse dito estabelecíamos uma espécie de ponto de partida legítimo de um suicídio a outro.

Talvez o Manuel pensasse nisso ao atirar-se para o nada, através da devolução janelas abaixo (intacto na sua realidade externa que incluía as calças) desse seu corpo que guardava com a rua, lá fora, afinidades aparentes e problemáticas. A exemplo das sombras que despovam os crepúsculos para fugir, num regresso nocturno, a uma realidade sem corpo, o Manuel tinha escolhido aquela simples maneira desossada de sonhar-se. E nós, que não soubemos pressentir o seu fim imediato ocorrido ao amanhecer, talvez fôssemos de certo modo culpados de que ele pudesse pensar, ao atirar-se daquele terceiro andar tão baixo e não obstante tão alto: «parece-me ver no piscar de olho incomunicável das estrelas, o adeus ignorado de meus amigos».

Sossego, conformismo, estagnação. Nada mais sombrio de que o o partir do suicida Manuel e o nosso ficar pestanejante de albinos, desvivenciados de qualquer participação coerente nas cores claras ou escuras que, apesar de tudo, constituem o presente.

Saidos do pesadelo colectivo de uma insónia comum, outros iam chegando num fluxo incessante: o escritor Viriato, autor de um livro publicado havia vinte anos, cuja única ocupação consistia em esperar que reabrisse anualmente a Feira do Livro para desenterrar um que outro exemplar da sua obra esquecida; o pintor Justino, brutamontes que tinha alcançado justificada notoriedade, não tanto pela qualidade dos seus quadros, mas pelo seu costume de lançar-se de cabeça contra as paredes, no teimoso esforço de reventar os miolos em busca de uma revelação; a turma alcoólica do marialva Sebastião, panteão vivente engarrafado na sua inconsistência fetal, seguidos sempre pela gorda Nini, sobrevivente da eliminação prostibulária, perdida entre eles como uma actriz esquecida de seu papel em algum absurdo cenário; os lânguidos mancebos que constituíam a corte do escultor Pam, divididos entre a obrigação de vigiar os passos do mestre, imprevistos como os de uma tarântula sobre as suas muletas atrás de prematura paralisia progressiva, e a de servirem de modelos baratos às suas sublimações apolíneas a vampiresca Madalena, de dentes pontiagudos, que amava nos homens a quali-

dade de moribundos e os levava aos domingos pelos cemitérios em intermináveis passeios sepulcrais; a sua última aquisição, o tantas vezes desenganado músico Adolfo, vítima de multíplas doenças gastrointestinais, cujas asfixias se desembuchavam literal e milagrosamente através dos cerimoniais étlicos que lhe tinham permitido, através das mil e uma noites perniciosas conosco, esquivar o seu lugar na página necrológica para reintegrar a crónica supérflua dos acontecimentos mundanos; o grupinho dos adolescentes de formação universitária, futuros militantes da roleta russa, sempre boquiabertos e expectantes; e outros, outros mais...

II

Quando o Manuel Vielas quebrou o copo na mesa, ninguém pareceu compreendê-lo. E ainda menos ao vê-lo afastar os cacós para confirmar na mancha de sangue e vinho o confuso reflexo da sua própria realidade ensanguentada.

— Não me deixem só! — tinha gritado então.

Agora repetia aquilo outra vez e a voz, a sua, chegava-lhe despojada da angústia sentida nas noites anteriores. O que voltava inteiramente a reproduzir-se era outra coisa: a impaciência de não achar resposta à sua prece, assim como a sensação já presente de que o seu apelo desamparado levava já em si futuras intenções de lembrança.

A pegajosa luminosidade da madrugada filtrando-se pelas grades daquela taberna, à beira Tejo, onde o povo de pescadores ainda dormitava o seu torpor prévio ao começo de um novo dia sem história, lançou um tom cor-de-rosa sobre o rubi-sangue incrustado em e à volta da mão do Manuel Vielas. E porque se encontrava rodeado de rostos toscos ou simplesmente brutais, mas transfigurados agora pelo resplendor da humana compaixão, o Manuel deve ter-se sentido momentaneamente redimido da hemorragia vivencial evocada na ferida aberta e não menos real da sua mão, pois que teve ainda a veleidade de enternecer-se sobre si mesmo.

— É o meu sangue — murmurou como desculpando-se — é o meu sangue...

Talvez o Manuel, ao desandar desta maneira o caminho do tempo que lhe fugia e ameaçava fazer-lhe cruzar o portão do humano matadouro com a cabeça agachada e vazia, procurasse levar o grupo dos seus antigos espectros como bagagem; ou então atormentava-o a ansiedade de recapitular e filtrar o seu presente desperdiçado gota a

Continua na pag. 2



Karl Marx

ERNST BLOCH ENTRE MARX E O ROMANTISMO

Uma defesa da utopia

ERNST Bloch tem o fôlego épico de Victor Hugo, e a monumental trilogia do Princípio da esperança, cujo segundo tomo, traduzido seis anos depois do primeiro, apareceu agora, tem a ver com a Lenda dos séculos.

Sim; Bloch tem, no século XX, com o qual se identifica a sua biografia (1885-1977), a estatura moral, o génio profético e o robusto optimismo de um Victor Hugo. O Princípio da esperança elabora uma filosofia original e relativamente árdua, mas numa língua que recusa o calão especializado e com longas pausas dedicadas à narração histórica. É uma leitura quase de aconselhar para férias... Pois não acaba este segundo tomo com um capítulo sobre os tempos livres e os lazeres?

A génese desta obra enciclopédica começa nos sombrios anos da guerra e do exílio como aplicação da máxima de Walter Benjamin, que nessa mesma época escrevia: «Só pela causa dos seres privados de esperança é que a esperança nos é dada».

Em 1949, Bloch aceitou uma cátedra de filosofia na universidade de Leipzig. Os dois primeiros volumes do Princípio da esperança foram publicados na R.D.A. em 1954 e 1955. O terceiro saiu com alguma dificuldade no Leste em 1959 e quase ao mesmo tempo na R.F.A., onde Bloch preferiu instalar-se definitivamente a partir de 1961. Os doutrinadores da R.D.A. reprovavam-lhe o infringir a ortodoxia marxista e o não reconhecer no «socialismo real» a realização definitiva da utopia.

Este segundo tomo recapitula «os projectos de um mundo melhor» que desde os tempos antigos se definiram nas mitologias, nas religiões, nas artes, nas ciências e nas filosofias.

Utopias médicas, utopias técnicas, imagens-desejos da literatura e da pintura. Bloch não junta aos projectos anteriores nenhuma variante pessoal. Não rivaliza com Thomas More, o criador do género da utopia. Utiliza a «herança dialéctica», que permite reativar para o presente e para o futuro os impetus revolucionários encerrados na tradição.

Bloch baseia o seu pensamento na certeza de que a humanidade nunca se deixa convencer pelos pessimistas e de que a esperança é o seu mais elementar impulso. O filósofo não procura apenas convencer. Pois, se a esperança não pode falar sem a razão, a razão não pode florir sem a esperança. Bloch quer revigorar e clarificar os potenciais de entusiasmo. Ataca as concepções da existência que privilegiam a angústia, a desilusão do eterno regresso do Mesmo, o ceticismo da psicanálise. Mas combate, principalmente, a ideologia da sociedade burguesa, capitalista, que mata o espírito utópico e põe a humanidade sob a maldição da alienação.

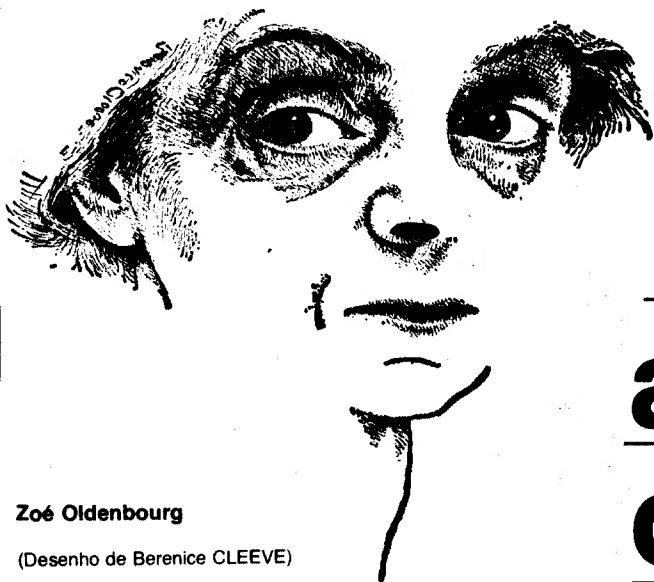
Em tempos, houve quem trocasse de certas inclinações passadistas que afloravam, por exemplo, no capítulo dedicado às utopias arquitectónicas. Em 1960, Habermas falava de ressentimento e de «romantismo social» a respeito das polémicas de Bloch com Gropius e com Le Corbusier. Julgá-las-ia hoje com a mesma severidade? As decepções do modernismo deram razão a Bloch, que denega as «máquinas de habitar» e as cidades «onde os homens de carne e osso ficam reduzidos à condição de térmitas estandardizadas».

O pensamento utópico nada tem a ver com a crença ingénuo no progresso. Bloch analisa com lucidez os projectos regressivos que

Continua na pag. 4



«A exorbitante recompensa», colagem de Max Ernst



Zoé Oldenbourg

(Desenho de Berenice CLEEVE)

ZOÉ OLDENBOURG FALA DO SEU «DIÁRIO» «Um testemunho acerca da própria pessoa»

Já fiz diários íntimos. O primeiro foi dos catos para os quinze anos. O último (até agora) foi abandonado, creio que no princípio de 1981, e tinha durado cerca de um ano.

Do mais longo (dos dezoito aos vinte e um anos), tenho ainda dois ou três cadernos que escaparam por acaso à quase geral destruição que fiz dos papéis velhos.

De 1945 a 1948, escrevi o meu diário íntimo. Tive mais três ou quatro entre 1958 (?) e 1980. Dou o nome do diário íntimo ao caderno em que uma pessoa regista, dia a dia, os factos da vida quotidiana e as reflexões que lhe ocorrem quanto a esses factos ou ao sabor da disposição do momento.

Os meus «diários» eram regularmente mantidos e, em geral, datados como segue: «sábado, 15 de Maio de 19...», especificando sempre o ano. Nos últimos tempos, chegava a assinalar a hora e o local onde escrevia: «... 11 h 15, tabacaria da Porte d'Auteuil», etc. Muitas vezes, eram simples notas de memória: «não esquecer fazer isto ou aquilo», «comprar isto ou aquilo», «escrever a Fulano». Encontros com pessoas e reflexões a seu respeito. Filmes vistos, livros lidos, comentários a propósito deles.

As vezes, fugas de lírica indignação com acontecimentos exteriores. Muitas queixas, recriminações, fadiga, fadiga, não posso mais. Descrições, juízos sobre pessoas ou factos. Por vezes, gritos de dor demasiado violentos para que se pudesse traduzi-los em voz alta perante testemunhas.

Tenho, ao mesmo tempo, motivos para responder que **sim** e que **não**.

Um jogo de espelhos duplos

As próprias palavras «diário íntimo» indicam o tipo das nossas relações com este género de escrita. Uma necessidade de intimidade, de jardim secreto. É de notar que as pessoas se esforçam por escrever **bem**, que procuram a palavra exacta para analisar uma sensação ou para descrever uma cena vivida e que fazem um esforço real para pensar o que escrevem. E, na verdade, porquê? Para quem?

Por respeito pela pena com que escrevem. Mas parece que se tem esperança de vir um dia a ser lido por alguém. Há sempre um leitor ideal debruçado sobre o nosso ombro. Um leitor ou mil leitores. Apesar disso, há uma solidão e uma intimidade totais e faz-se um jogo de «como se», pensando-se estar a falar apenas consigo próprio. Um jogo de espelhos duplos: eu que escrevo, eu que observo os (futuros) leitores a olhar para este eu que escreve, eu que finjo ignorar que o leitor me lerá supondo embora que ele há-de ler-me; condição uma solidão fictícia e, no entanto, bem real. No momento em que se escreve, joga-se o jogo com honestidade. De resto, há quem pense na publicação e publique mesmo os seus diários em vida. Não é o meu caso.

Deitados ao esgoto

A razão de ser do **sim** pode ser a vontade de deixar um testemunho tão sincero e completo quanto possível acerca da sua própria pessoa — tomada na imprecisa e enigmática do tempo (o local, o dia e a hora), apanhada ao vivo, escapando à síntese e à omnisciência **a posteriori** de uma possível narração

autobiográfica. A beleza do diário íntimo está nas suas fraquezas — é o documento escrito que mais se aproxima da experiência em bruto e que revela de uma pessoa muito mais que aquilo que ela própria sabe, que é uniforme e fluido e depende dos mil acasos da existência do dia-a-dia. Para quem tiver paciência de o ler, será impiedoso o retrato do autor do diário, com as suas pequenezas, as suas angústias, as suas repetições, as suas manias, os seus temas de obsessão, a sua arbitrária escolha dos acontecimentos registados... É uma leitura mais proveitosa para o psicólogo que para o leitor médio.

Se eu deitei para o cesto dos papéis (mais exactamente, ao esgoto) os meus cadernos de diários íntimos, é porque, no fim de contas, optei pelas razões do **não**. E essas razões estão num sentimento de inutilidade. Para que atravancar o meu apartamento com pilhas de cadernos ou até (para um escritor, **tudo** aquilo que ele escreve é virtualmente publicável) acrescentar centenas de páginas impressas aos milhares de páginas que todos os anos saem das máquinas de impressão? Sou pouco narcísica.

Por esse motivo, cansada com a minha pessoa, não me apetece impô-la a eventuais leitores mais que o necessário.

No estado de carência

O caso do romancista-autor de diários íntimos é ambíguo. A sua verdadeira forma de expressão está noutra sítio. O romancista entrega-se de uma forma muito mais íntima na ficção. Observo que tinha os diários em períodos da minha vida em que me encontrava ou em estado de incer-

teza, de depressão, ou em estado de vazio afectivo ou ainda, e principalmente, naquele estado de carência que se segue à conclusão de um romance. Nesses períodos, o encontro diário como aquele caderno-refúgio, datado, cheio de vida vivida dia a dia, era uma disciplina descoberta por instinto e destinada a aplacar uma angústia sem objecto definido mas cruel.

Portanto o diário tinha uma inegável utilidade prática. De facto, na época em que eu o escrevia, ele personalizava-se, tomava a figura de um amigo sem rosto perante quem eu me podia expandir. Os seus sinais eram as datas, as horas e os nomes dos locais, escrupulosamente anotados. Exceptuando isso, eram uns cadernos vulgares, de que me sirvo normalmente para escrever tudo — romances, ensaios, rascunhos de cartas — e em que desenho também esboços de quadros ou de trabalhos manuais. Mas eu não misturo num mesmo caderno o diário íntimo com outras formas de escrita. O diário é um «amigo», mas um desses amigos fiéis e um pouco aborrecidos que a gente esquece assim que se apresenta a primeira oportunidade de um encontro mais interessante.

Se, durante o registo dos apontamentos que confio ao diário íntimo, me acontece cair sobre algum assunto que me interesse especialmente, largo logo o diário. Lanço-me então num panfleto, num projecto de artigo, de ensaio, em resumo, num texto destinado a ser construído e eventualmente publicado e que já não tem relação nenhuma com a disciplina quotidiana do diário íntimo.

Uma escrita a três níveis

Observo um fenómeno assaz curioso: uma escrita a três — ou

quatro — níveis. 1) Redacção de uma obra bem determinada: um romance, um ensaio, umas recordações... e o romance está, de longe, em primeiro lugar; é um trabalho que me absorve por completo e nesses períodos não me é possível nenhuma outra forma de escrita. 2) O diário íntimo propriamente dito, com a sua precisão, a sua orientação para os factos do dia-a-dia, anotados e analisados, e o seu carácter vagamente ritual. 3) As notas esparsas, reflexões e apontamentos sem sequência e sem finalidade, que correspondem a um hábito quase mecânico de escrever.

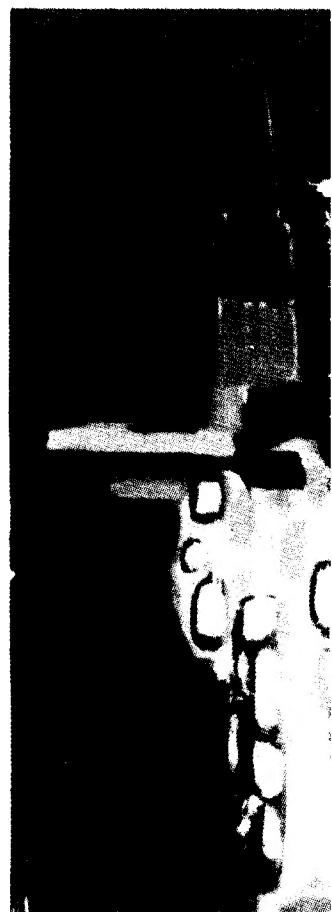
Nesse caso, são escórias onde por vezes se pode ainda encontrar um tição aceso. Mas o diário é uma actividade real.

Só sou capaz de fazer o diário em certos períodos bem definidos da minha vida, períodos que nunca duram muito.

Deitei para os meus diários íntimos; fiz o mesmo a todos os manuscritos das obras que foram impressas, aos projectos de ensaios e de crónicas familiares, às recordações da minha infância e da minha juventude, aos esboços de romances, etc. Deitei tudo fora, ou quase tudo. A meus olhos, isso é vida morta com que não vale a pena carregar, embora alguns desses textos não fossem desprovidos de valor. Parece-me sempre que o que neles tinha valor continua na minha cabeça e pode ressuscitar se alguma vez me fizer falta. Só o texto impresso está destinado a existir realmente.

Assim, creio que o diário íntimo é para mim um instrumento de trabalho, uma forma provisória de autodisciplina. Mas quando ele existe, levo-o a sério.

ZOÉ OLDENBOURG



Nicolas de Stael, «T

Gary (

SOBRE o prato da noite, de lenti-lhas, ele já só medita: «O olhar que destrói um olhar. Isso não constrói o olhar. O verso que destrua um verso. Isso que constrói o verso». Pela frente, por trás, na paisagem violeta que o violenta, cerceiam-lhe o coração os Índios Azuis. Como que desintegrando-se fosforescem, esvaem-se, fantasmam, ululam, assassinos dos pântanos. A um passo, na fronteira norte prescrutando, já sem qualquer exigência, já só cansado da repetição: Gary Cooper. «Enfim» (para o cavalo, apontando a fronteira) «isso não passa afinal daquela subtil abismo amarelo, ouro, pólvora que arde, um risco na mão, como uma cobra que a nossa presença (o ruído) acordasse. Salta!» O cavalo recusa, Gary insiste. Decide então falar aos índios, afinal sombras expectantes, suspensos:

— Imãos, perdi-me. Estou perdido. Por ter cortados os ares. Cavalgado como fogo o fogo. Querido estar onde o que via era. Querido chegar aonde alcançava. Querido ficar. Em todo o lado. Sempre que a luz ao longe brilhava — do Sol, da Lua, dum sentimento azul, dum calor que fazia — lá onde foi preciso estar, aí chegava, a onde estivera e estaria sempre. E errei e voltei a errar, do vale à mon-

A SANGRIA DO MANUEL VIELAS

Continuação da pág. 1

gota. Não em vão, porém, o eco do seu apelo repercutiu naquele ponto fixo da memória, conjunção estelar de outras tantas noites sem dias. E porque os seus dedos se agitavam como peixes vermelhos com escamas de vidro fora do aquário rachado, tratou de justificar o olhar compassivo de tantos olhos rudes postos nele:

— A noite, senhores, está perdida de antemão. Talvez eu já o soubesse, talvez isso tenha causado a minha desertão.

As manchas do vizinho amarelo pegavam-se às cegas nos vidros da taberna como morcegos esvoaçando em busca do seu ninho de trevas. A porta do antro, ao abrir-se, fez iniciar

sobre o passeio o foco luminoso das suas entranhas, roubando mais uma sombra às sombras. Precedido de uma gelada rajada de vento, o recém-chegado deteve-se por instantes no limiar, como se instintivamente hesitasse em dar a sua adesão incondicional a um novo drama sem solução.

— E onde estão agora as regras, as pautas? — perguntou Manuel ao povo de pescadores que o rodeava, em greve de atenção às suas palavras, fitando-o como a um navio em ponto de naufragar. — A todos aqueles filhos da mãe eu avisei que nada do que dissessem ou fizessem importava à posteridade. Eles fixaram-me e riram muito, riram-se de mim, dos meus desenhos com demónios a apoderarem-se

do mundo onírico dos vivos. E acrescentei: «Não tenham compaixão pelos outros por não serem como vós».

— Pois é, amigos. Mas enquanto lhes dizia isto, confessava a mim mesmo, no meu foro íntimo: «Manuel, estuda. Entre o grão de bico e o grelo não existem quartas dimensões. Deixa-te de anarquias e integra as regras do mundo. Todos gostarão mais de ti amanhã, quando com o carro que ganhares com o suor do teu rosto levares os amigos lá longe, ao Norte, onde ainda se comem óptimos assados de sardinha e carapau. Troca as regras da demonologia pelas do desenho industrial e volta a ser um homem, meu filho. Ajuda-me, mãezinha! Faz de conta que sou

um menino pequenino com a cartilha debaixo do braço, a caminho da sua primeira lição. Esquece-te, por favor, dos meus desenhos pornográficos e das minhas prematuras rugas alcoólicas. Ajuda-me a ser um menino bom outra vez. O pai morreu, nunca disse nada... Mas tu, mãe, minha santa, saberás ajudar-me a encontrar o caminho recto, a fazer alguma coisa de útil com os meus dedos. Tenho medo, mãe, muito medo, medo de não ser ninguém, medo de ser alguém. Eu sei que é ridículo, mãe, pretender estudar quando já estou morto, morto para ti, morto para os meus amigos que me olharam espavoridos quando lhes participei esta minha intenção de terminar os estudos. Olharam-me não como a um Lá-

zaro saído da tumba, mas como a um Lázaro que volta a ela por determinação própria. Mas tu, que me pariste; tu, que me vês correndo pela casa fora, a dar com a cabeça nas paredes e a saltar urros de terror, ajuda-me a voltar a ser um menino bom... Ai, minha mãe, como gostaria de abrir esse teu ventre com uma facada e devolver-lhe a ferida que em mim supura por culpa dele».

Manuel levantou-se e, cambaleando, contornou as mesas entre as filas de espectadores, tal peixe ainda vivo sacudindo a sua frenética cauda num barril de companheiros congelados, em direcção à porta. E de lá, hirtó, ainda gritou:

— Agora volta para casa, antes que minha mãe acorde!

VINHO

Silva Carvalho

Não é de admirar pois que o vinho venha, velho amigo, povoar dois dedos de ilusão: tasco nocturno e alguns recentes amigos participam do prazer antiquíssimo: beber a mágoa, ou não fossemos todos filhos do falhanço, da falta exposta maior no alto brilho do líquido. Comer cogumelos e pão, nova ceia onde o seio gera a sudez a lá, essa imagem rota do delírio quando cova. Cava ctónico um riso mitridático, choros selvagens irrompem no fantástico prazer que é sentir a vida morrer, como outrora de sinal contrário era viver a morte má, que atraía. Exílio, não quero lembrar; mar onde depus a essência como prémio vigil. Mais que solidão, a existência soube ver até onde podia partir o zelo e o desejo, na caça ao tesouro, fogo dorido: loucura. Nunca disse disso a sombra terrível que pairava adormecida e drástica e trágica. Dei algumas noções abreviadas da dor fé ferida pelos alcapões do desterro viril, sugeri apenas o prelúdio do suor vivo como terror, pasto da peste, essa maldade. Mas de hoje se trata. Do desafio deserto da idade, do avanço medíocre dos espaços, dos vinhos que se apropriam da membrana: consciência, esse esgar de medo, morte sã em qualquer noite, num copo o universo e a vagina, quente solução: vida monstruosa. Não há necessariamente tempo para dizer quanto se sofre, se safa, se despreza elo a elo a origem e o fim: só do calor cada um se governa e escapa ao demónio único: estar é precisamente aqui, cerco e serra, revistos todos os instrumentos da idosa tortura. Tara. Um beijo fecundo, a família longe, cosmos incompleto: essa a história do sentimento, última mentira do sedutor Século que traga cada vestígio do vinho.

AS LETRAS EM DIA • AS LET

NOVELISTAS E CONTISTAS DO SÉC. XVI – O último lançamento da IN-CM na sua «Biblioteca de Autores Portugueses» é uma colectânea com este título, de textos de onze autores seiscentistas. A escolha é de João Palma Ferreira, que para aqui escreveu um estudo introdutório de vinte páginas, e, certamente, as notas de fundo de página, onde julgadas necessárias (e o leitor menos versado nesta literatura, na literatura e na cultura deste tempo da história portuguesa, terá certamente mais dificuldade do que as poucas notas erradamente deixarão supor, mesmo depois da leitura do prefácio). Pode-se dizer que os mais destes textos são raros, pelo menos difíceis, hoje em dia, de encontrar, a não ser nas bibliotecas mais dotadas. Todavia, os nomes dos autores, os mais deles, nem por isso deixam de ser alguma coisa familiares: João de Barros, Dr. João de Barros, Bernardim Ribeiro, Jorge de Montemor, Francisco de Moraes, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Gonçalo Fernandes Trancoso, Gaspar Frutuoso, Diogo Fernandes, Fernão Álvares do Oriente, Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Os nomes alguma coisa talvez inesperados serão o Dr. João de Barros e Gaspar Frutuoso. Na verdade, o primeiro, quando ocorre, é, não raro, confundindo-se com o historiador João de Barros, e, do segundo quem sabe quem ele foi? Talvez os açorianos. Na ver-

dade, Frutuoso uma referência capital da história dos Açores e da cultura açoriana (ou da cultura portuguesa na sua extensão atlântica, aqui muito próximo, nas nove ilhas do arquipélago. E assinala-se, se não por mais, ao menos a título de curiosidade – ainda aqui há uns três ou quatro anos uma entidade cultural açoriana publicou, de Frutuoso, a obra capital, aliás, obra vasta, em três volumes: «Saudades da Terra». Registe-se ainda que este trabalho feito por João Palma Ferreira é o segundo de idêntico teor, depois de «Novelistas e Contistas Portugueses dos séculos XVII e XVIII», saída há pouco mais de um ano na mesma colecção.

CÂNTICO ESPIRITUAL E OUTROS POEMAS, de S. João da Cruz (edição bilingue, em português por José Bento) foi recentemente editado pela Assírio e Alvim na sua colecção «Gato Maltês». S. Juan de la Cruz, nome pós-profissão de Juan de Yepes viveu a mais da vida na segunda metade do século XVI. Nasceu (em Fontivero, Ávila) em 1542, vestiu o hábito do Carmelo aos 21 anos e foi ordenado sacerdote aos 25, começando então uma importante tarefa reformadora na ordem. Morreu, com 49 anos, em 1591, e foi canonizado em 1674. Dele dizem todos os livros que, como poeta, levou a poesia espanhola (em castelhano) a um dos seus cumes

mais altos de todos os tempos. É um grande nome do «siglo d'oro» espanhol e certamente o maior poeta místico da Península Ibérica. Da sua poesia disse um dia Dámaso Alonso que «nela se condensa uma das maiores torrentes da luz e de calor que alguma vez o espírito do homem produziu». Que saibamos, não havia nada (a não ser, talvez, disperso) de S. João da Cruz até agora em português e em Portugal – a não ser a mesma tradução de José Bento que aqui se nos propõe, há três anos publicada em plaquete pela Editorial Inova. Mas havia sobre ele: «O Poeta do Amor», de autoria do Padre Crisógono, da OCD, ordem do Carmelo Descalço, publicado pelas Edições Carmelitanas, de Viana do Castelo, em 1960. Sobre a tradução de José Bento, nada a dizer, naturalmente, até porque José Bento (que tem a sua obra poética pessoal mal publicada, dispersa, em duas plaquetes, e supomos que na maior parte ainda inédita, conviria lembrar) é um nome que oferece as garantias que se podem exigir dum trabalho deste teor, depois do que já fez com Pablo Neruda, Vicente Aleixandre, Luis Ceruda e César Vallejo. Apenas uma pequena perplexidade: pensa-se que as semelhanças entre o castelhano e o portu-

Continua na pág. 4

Cooper's eyes

Carlos Leite

anha, da montanha ao monte. Não quis nada mas o onde, o passado futuro onde vós estais, estivésseis, estais; as águas partiam, eu partia. Profanei a lei, a caça, o abrigo, o duelo, a cidade, os olhos construir e destruir – formas do ter, velhas; agia, actor – homem de papel de homem. Tudo foi assaltado – gentes dos caminhos, pesquisadores, ricos e comerciantes, pobreza feitas donela, trens pagadores, tudo infim – e nada: um olhar só sobre o que não há em tudo e que o tudo é afinal. E logo o horizonte se corria à frente, os olhos, em fuga. Errei, perdi-me.

Aqui estou, sem sono, pensando a noite estelar por esta frase – nada é tão evidente como tudo. Tracei aquele risco no chão, meu

alcance último dobrado é, abismo meu (nem o problema de saltar sobre se pode então por), desse lado vós: o País dos Índios Azuis. Vinde pois mancha azul vós os Índios Azuis, alastrando, inundando, tingindo de azul o que no coração (e na retina do coração) não é, porque só pode ser: AZUL.

Gary Cooper cala-se. Desmonta e prossegue:

– Mas dizei, é verdade que vossas mulheres azuis são? De cabelos e ancas como o vento azul, de seios azuis?

– CORTA! CORTA! Mr. Gary Cooper, mais interesse no que está a fazer. Siga o texto. O texto é o seu cavalo. E a sua voz. Domine-o. Domine-se. Por favor. Começamos dentro de cinco minutos. O filtro azul pronto?

CERTA vez, Cat' e Gat' chegaram já muito tarde à cidade de Krosnalt e como a fome era

muita, quiseram comer.

– A esta hora só encontram restaurantes abertos no Bairro Universitário – disseram-lhes um transeunte solícito.

Não lhes foi difícil darem com o Bairro Universitário que, muito ao alto, se acropolava sobre aquela cidade.

E no primeiro restaurante que encontraram pediram uma sopa de alcachofras, que era a especialidade da região. Veio a sopa, mas não trazia alcachofras, apenas um espesso molho amarelo.

– Então e as alcachofras? – agastou-se Cat'.

– A verdadeira sopa de alcachofras é feita de essências de alcachofra – respondeu o empregado.

Cat' e Gat' saíram e foram procurar outro restaurante, onde encomendaram também sopa de Alcachofra.

Trouxeram-lhes um prato com água quente e uma pitada de salsa. Desta vez foi Gat' quem perguntou:

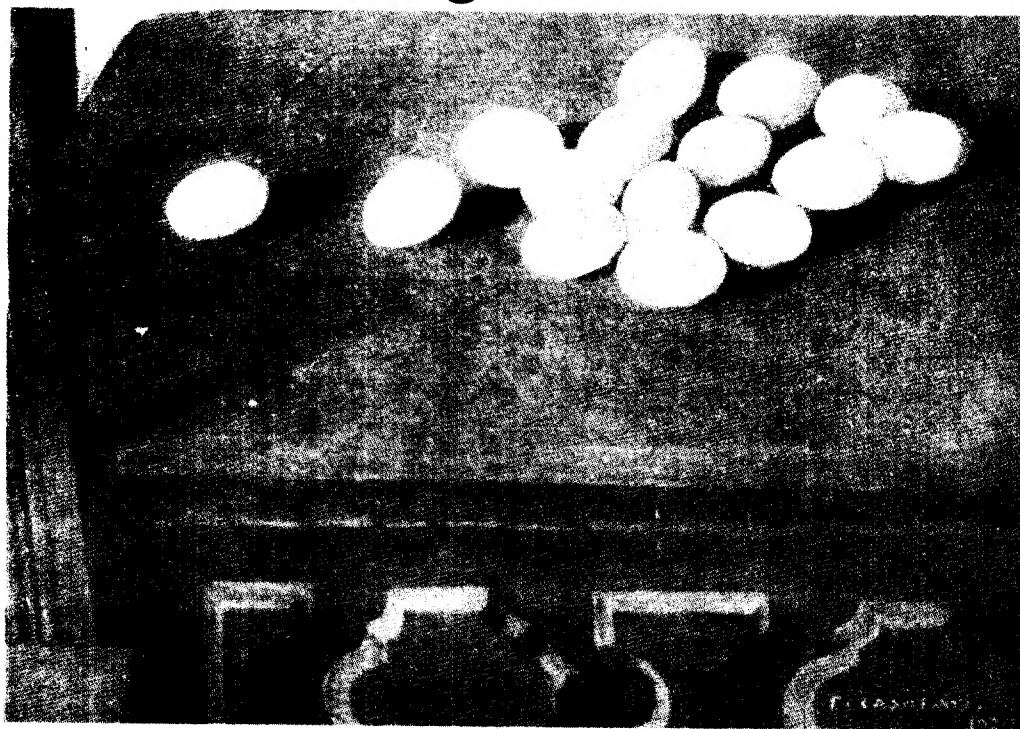
– Isto é sopa de alcachofra?

– Não devemos fazer de outro modo. Na escola de hotelaria ensinaram-nos que o cliente é que traz os condimentos para a sopa.

Levantaram-se Cat' e Gat' e abalaram à procura de outro restaurante, onde Gat'

DEAMBULAÇÕES DE CAT 'E GAT'

A refeição



Felice Casorati, «Ovos em cima de uma mesa (1920)»

pediu, de novo, sopa de alcachofra. Daí a nada, trouxe-lhes o empregado dois pratos com água fria.

– Mas então é assim? – protestou Cat'.

– Desculpe – Volveu o empregado – está-nos vedado limitar a imaginação gastronómica do cliente. Fornecemos a água, e a partir daí, os senhores devem reconstituir a sopa.

O último restaurante a que Cat' e Gat' se dirigiram ficava mesmo encostado à Univer-

sidade. Pediram sopa de alcachofra e o empregado trouxe-lhes um papel dobrado onde estava escrito: H'2O.

– Deve haver engano – disse Gat'. – Nós pedimos foi sopa de alcachofra.

– Perdão, retorquiu o empregado, mas isso é que é a verdadeira sopa de alcachofra. – E olhou-os de soslaio como a empregados desacomodados de restaurantes finos.

Cat' e Gat' desistiram de

cear nessa noite e recolheram-se ao hotel com a barrega a dar horas.

Cat' reparou que Gat' parecia muito divertido e estranhou todos aqueles risos facieiros.

– Por mim, para te ser franco, não acho graça nenhuma – comentou:

– É que isto faz-me lembrar a literatura – respondeu Gat'.

MÁRIO DE CARVALHO



Cecil B. de Mille, «The Plainsman» (1936)

Mercadores e Banqueiros da Idade Média

O autor deste volume, Jacques Le Goff, afirma na introdução:

«O esboço que aqui se apresenta tem ambições limitadas. Dele se excluíram o menos certo, o que se apoia em poucos documentos e trabalhos, o que ainda é objecto de controvérsias entre eruditos e historiadores mais do que conquista — mesmo provisória — da ciência, o que permanece nas margens exploradas somente por alguns raros pioneiros da investigação histórica. Infelizmente, teve de

sacrificar-se o exame dos problemas à exposição do estado presente das aquisições. É necessário, contudo, na introdução deste pequeno livro, senão justificar, pelo menos explicar essas limitações, colocar esses problemas relembrar as direcções para onde se encaminham os investigadores.

Em primeiro lugar, cingimo-nos a um determinado quadro geográfico: o da Europa cristã. Com isso espera-se ganhar em coesão, mas perde-se seguramente em horizontes. Renunciar a falar do mercador bizantino e do mercador muçulmano era evitar

falar de gentes mal conhecidas, de personagens que pertencem a civilizações diferentes, mesmo hostis. Mas o comércio, se, por um lado, suscita conflitos, é, por outro, um dos maiores laços entre as áreas geográficas, entre as civilizações, entre os povos.

Mesmo no tempo das Cruzadas, as trocas comerciais — suportes de outros contactos — não cessaram entre a cristandade ocidental e o mundo muçulmano. Pode mesmo pensar-se que foi a constituição do Islão que, longe de cortar o Oriente do Ocidente, voltou a ligar os dois mundos e criou, com os seus grandes

centros urbanos de consumo, uma necessidade de produtos que está na origem da renovação comercial do Ocidente bárbaro. Em todo o caso, é certo que o mercador veneziano granjeou a sua fortuna no contacto com Bizâncio, que as grandes cidades marítimas da Itália ficaram a dever ao domínio greco-muçulmano de Ceuta a Trebizonda, de Bizâncio a Alexandria, o essencial daquilo que fez a sua riqueza.

Não é verdade que o mercador cristão, cuja actividade é posterior à do mercador bizantino ou árabe, deles assimilou métodos, mentalidades, atitudes?» Publicações «Gradiva».

NA IMOBILIDADE DO SOL

Para respirar a imobilidade do sol entre dois passos à claridade das pedras.

O sol imóvel verde.

Na claridade das pedras.

Gérmen verde espesso como a casca escura de um fruto. Respiramos por uma trave puída como se entrássemos na casa do sol.

O sol respira.

CAMINHO E VENTO

Flexível pedra no caminho branco

flexíveis pedras no caminho

e a frescura do vento sobre estas pedras brancas do dia.

Uma língua renovada pelo vento descobre as mãos do vento e a árida luz do solo irreduzível.

DOIS POEMAS

de
António Ramos Rosa

Construir o Passado 2



**MERCADORES E
BANQUEIROS DA
IDADE MÉDIA**

JACQUES LE GOFF



AS LETRAS EM DIA

Continuação da pág. 3

guês são tantas e tão obviamente sugestivas que uma edição bilingue, página par em castelhano, página ímpar em português, é alguma coisa desnecessária. Depois, o leitor interessado já tem há largos anos ao seu alcance um volume mais numeroso de «Obras Escogidas» na Austral, da espasa-Calpe (n.º 326), a preço de fácil acesso. Mas

isto é alguma coisa impertinente e ignora um ponto que há-de considerar-se fundamental: a necessidade que uma língua (a portuguesa, no caso) tinha de contar também no seu património (digamos assim) com uma obra importante como esta, para ela vertida, e por um tradutor creditado. Portanto, pode-se dizer: esta edição enriquece-nos a todos, e é quanto basta para superar a perplexidade de que atrás se falou.

Uma defesa da utopia

Continuação da pág. 1

ensombram o nosso tempo. Crítica o mito da racionalização forçada, que conduz ao «cerco tecnocrático» a ponto de se transformar numa antiutopia. Neste aspecto, liga-se às reflexões da escola de Frankfurt.

O momento intrépido do Princípio da esperança é, evidentemente, o capítulo dedicado às utopias sociais. «Marx iniciou o projecto do futuro no sentido do concreto. Mas sem a exuberância crescente das antecipações, dos projectos e programas ainda abstractos, esse último sonho social não teria podido ganhar forma».

A utopia é vista pelos marxistas ortodoxos, que nela denunciam a crítica abstracta da ordem estabelecida, sem nenhuma eficácia prática. Mas Bloch introduz a noção, aparentemente paradoxal, do utópico — concreto, que representa a esperança que chegou à maturidade, unida ao possível real, que ultrapassa o real numa dialéctica material.

O espírito utópico nunca interrompe o seu ímpeto e nunca se contenta com nenhuma forma definitiva de sociedade. É por sua própria essência, experimentação, como o afirma a obra de Ernst Bloch Experimentum mundi, publicada em 1975 e agora traduzida para francês por Gérard Raulet, a quem se deve a melhor introdução francesa a essa «sistema aberto» que se opõe às sínteses fechadas em nome do comunismo ainda não alcançado (1).

Experimentum mundi soa-nos aos ouvidos como um título da alquimia ou da cabalística... Bloch toma ao pé da letra a directiva de Marx, para quem a filosofia não tem apenas de interpretar o mundo mas tem, também, de mudá-lo. O socialismo definido nos Manuscritos de 1844 visava, de facto, na sua aspiração última, a uma naturalização do homem que fosse a par com a humanização da natureza.

Para definir o mais singular aspecto do pensamento de Ernst Bloch, Jürgen Habermas propôs uma fórmula impressionante, a de um Schelling marxista. Schelling, o filósofo romântico da natureza e das idades do mundo, cuja metafísica trata da matéria e dos processos históricos. Bloch, marxista, será ainda verdadeiramente marxista? Ele próprio se proclama marxista em voz

alta, mas muitos duvidam. Estes problemas de rótulo, porém, só interessam aos eruditos — ou aos grandes inquisidores...

Bloch sonha com uma sinergia da humanidade e do mundo ao serviço da construção da utopia. A esperança alimenta-se da intuição de que ao poder-fazer do homem corresponde o poder-dever da natureza. Para instaurar entre a natureza e o sujeito humano uma confiante co-productividade, é preciso renunciar ao conceito capitalista da técnica, que reflecte uma relação de senhor para escravo. A nova técnica «concreta» procurará a harmonia com as leis naturais. Experimentum mundi poderia servir de bíblia a uma ecologia política de inspiração romântico-marxista.

A inteligência técnica deve ligar-se ao génio artístico para ser poder de criação em convívência com os processos naturais e não à custa da sua violação. As obras de arte prefiguram essa tentativa de concluir o mundo sem o levar à perdição. A paisagem opcional que o pintor mostra «está disposta no mundo, e pode crescer, mas ainda não está madura».

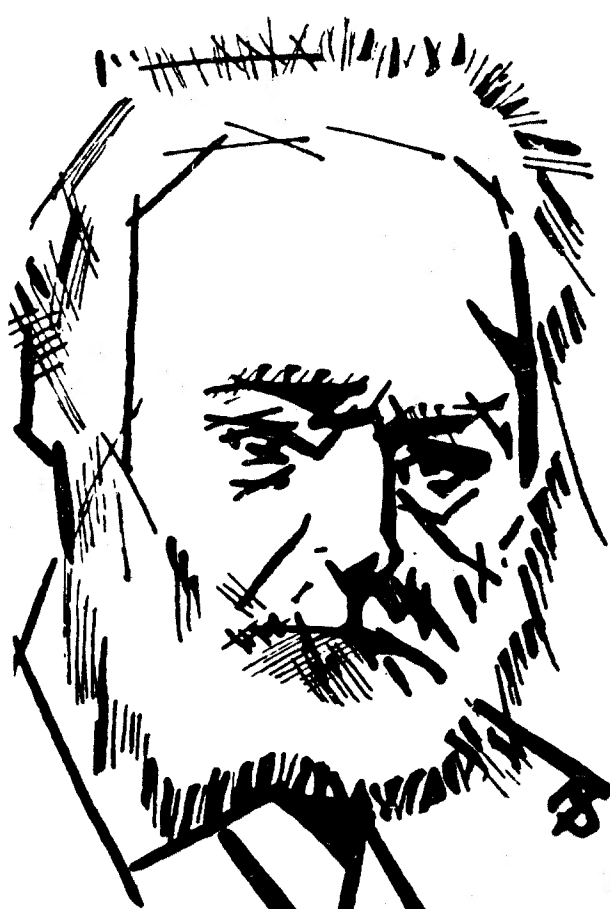
Ao fechar este livro, o regresso à realidade parece bem melancólico. A utopia vem iluminar a obscuridade do vivido, mas aguçará também a consciência do fracasso. Lida como um credo, a filosofia de Bloch pode parecer frágil apesar das suas colossais proporções. Mas pode também ser lida como um apelo à revolta. Bloch demonstra apenas que nem todas as revoltas são necessariamente desesperadas. Essa filosofia está animada pelo próprio movimento da vida.

JACQUES LE RIDER

(1) Utopie-marxisme selon Ernst Bloch, miscelânea sob direcção de Gérard Raulet, Payot, 1976. Este mesmo autor vai publicar no próximo Outono, na casa Klincksieck, uma introdução à la méthode d' Ernst Bloch.

• LE PRINCIPE D' ESPERANCE, tomo 2, traduzido do alemão por François Wulliamt, Gallimard, 580 pp., 198F.

• EXPERIMENTUM MUNDI, traduzido do alemão por Gérard Raulet, Payot, 275 pp.



Victor Hugo